

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA  DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CULTURA E FORMAÇÃO

MANUAL do PROFESSOR

6.^a Classe

LÍNGUA PORTUGUESA

EXPRESSÕES

Educação Visual

Educação Musical

Educação Física

MANUAL
LÍNGUA P



REPÚBLICA DEMOCRÁTICA  DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CULTURA E FORMAÇÃO

MANUAL do PROFESSOR

6.^a Classe

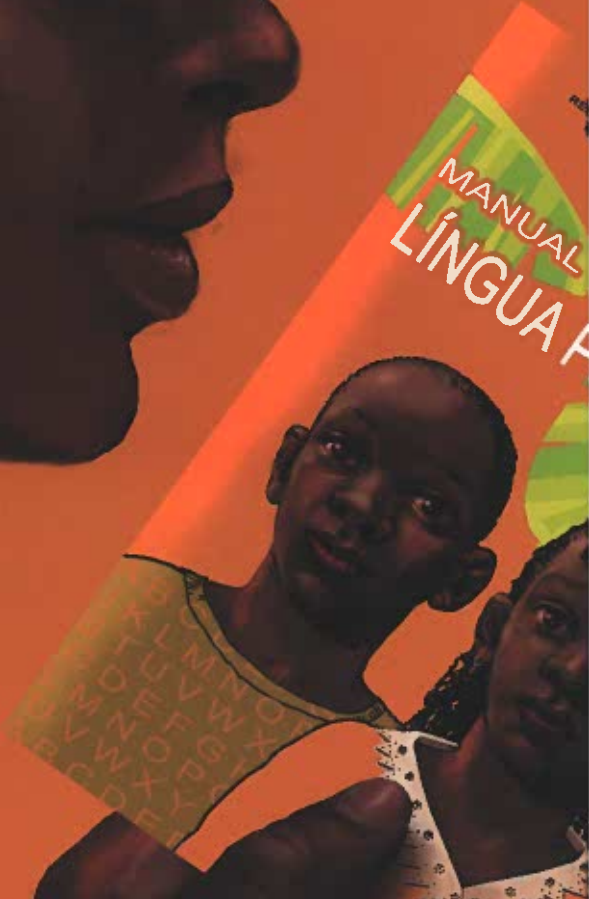
LÍNGUA PORTUGUESA

EXPRESSÕES

Educação Visual

Educação Musical

Educação Física



MANUAL
LÍNGUA PORTUGUESA

Cooperação entre o Ministério da Educação, Cultura e Formação Fundação Calouste Gulbenkian

Concepção e Elaboração : **Escola Superior de Educação**
Instituto Politécnico de Santarém

| | |
|-----------------------------|-----------------------------------|
| Coordenação do Projecto | Maria João Cardona |
| Língua Portuguesa | Ana Fonseca |
| | Isabel Rondoni |
| Matemática | Maria José Pagarete |
| Ciências Naturais e Sociais | Fernando Costa |
| | George Camacho |
| | Pedro Reis |
| Educação Visual | Jean Campiche |
| | Teresa Cavalheiro |
| Educação Musical | Margarida Togtema |
| Educação Física | António Mesquita Guimarães |
| Desenvolvimento Curricular | Ramiro Marques |

Colaboração das equipas técnicas

Gabinete de Planeamento e Inovação Educativa
Direcção do Ensino Básico
Escola de Formação de Professores e Educadores
Inspecção da Educação.

Impressão e Acabamento

Europress - Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.

Capa

José Manuel Soares

Ilustrações

Teresa Cavalheiro,

José Manuel Soares

Jean Campiche

Grafismo

Jean Campiche

© Ministério da Educação, Cultura e Formação
da República Democrática de São Tomé e Príncipe

Concepção e Impressão no âmbito do Projecto de Iniciativa Acelerada de Educação para Todos (*FAST-TRACK*)
com financiamento da Associação Internacional para o Desenvolvimento (IDA) do Banco Mundial

Nota Prévia

Esta publicação faz parte de um conjunto de cinco documentos de trabalho que visam auxiliar professores/as e estudantes no processo de ensino-aprendizagem da 6ª classe da educação básica:

- Manual de Língua Portuguesa
- Manual de Matemática
- Manual de Ciências Naturais e Sociais
- Sugestões Pedagógicas de Língua Portuguesa e Expressões (Educação Visual, Educação Musical e Educação Física)
- Sugestões Pedagógicas de Matemática e Ciências Naturais e Sociais

Os Manuais de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Naturais e Sociais destinam-se a ajudar os/as estudantes na aprendizagem dos conteúdos do programa da 6ª classe, tendo havido um grande cuidado na escolha dos textos e dos exercícios propostos. Esse cuidado procurou respeitar não apenas o nível etário e as etapas de desenvolvimento cognitivo dos/as estudantes mas também a realidade cultural da República Democrática de S. Tomé e Príncipe.

Um outro aspecto a que foi dado um relevo particular foi a escolha das ilustrações. Procurou-se que as ilustrações expressassem modos de viver a sociedade, a economia, a cultura e a natureza do país e, simultaneamente, tornassem convidativo o estudo das matérias e a realização dos exercícios e actividades.

No respeito pela Lei de Bases da Educação da República Democrática de S. Tomé e Príncipe (Lei 2/2003 de 2 de Junho), houve a preocupação de acentuar a interdisciplinaridade e a transversalidade das diferentes áreas curriculares. Esta preocupação é particularmente relevante no que diz respeito à área de Desenvolvimento Pessoal e Social cujos conteúdos são abordados transversalmente em todas as áreas curriculares sem esquecer que é na área das Ciências Naturais e Sociais que estes conteúdos podem ter maior destaque.

Esta preocupação é também particularmente evidente no que diz respeito à área das Expressões, que tendo em conta a sua especificidade, é sobretudo desenvolvida nas Sugestões Pedagógicas apresentadas para a/os docentes.

Neste sentido, e considerando a legislação em vigor, são diferenciadas as seguintes áreas:

- Língua Portuguesa;
- Matemática;
- Ciências Naturais e Sociais (integrando de forma mais específica a área de Formação Pessoal e Social);
- Expressões – Educação Visual, Educação Musical, Educação Física.

As Expressões, apresentadas no manual de Sugestões Pedagógicas, surgem a par de opções metodológicas e exemplos de tarefas e actividades capazes de permitirem a consecução dos objectivos programáticos para essa área. Os manuais de Sugestões Pedagógicas de Língua Portuguesa e Expressões e de Matemática e Ciências Naturais e Sociais apresentam opções metodológicas, actividades, tarefas e exercícios que poderão ser desenvolvidos no contexto de sala de aula, numa perspectiva de transversalidade e articulação entre as diferentes áreas de aprendizagem.

Bom trabalho!

LÍNGUA PORTUGUESA

Organização do manual

| Unidades | Textos | Conteúdos de funcionamento da língua | Regras ortográficas | Desenvolvimento da Escrita |
|----------|---------------------------------------|--|--|--|
| 1 | Um paraíso por descobrir | - Origem e história da Língua Portuguesa | Palavras com s/ss/z e r/rr | Algumas regras para bem escrever O texto informativo |
| | O Parque Jalé | | | |
| | A praia das sete ondas | | | |
| 2 | Chada | - Tipos de linguagem e elementos da comunicação - Tipos de texto - Funções da linguagem | Palavras com q/c - g/gu/j - c/ç | O aviso ou cartaz |
| | Avó Mariana | | | |
| 3 | A grande viagem | - Grupos constituintes da frase e suas funções - Mobilidade e concordância dos elementos da frase | Palavras com ch/ lh/ nh Valores do x | O diálogo O texto dramático |
| | Como a cabra se salvou de morte certa | | | |
| 4 | Dia de festa | - Sinais de pontuação - Sinais auxiliares de escrita - Tipos e formas da frase - Discurso directo e indirecto | Palavras terminadas em s/z Palavras terminadas em ão e am | A banda desenhada |
| | Quitandeira de Luanda | | | |
| 5 | O roubo do anel | - Redução e extensão da frase - Frases simples e compostas | Palavras com m/n no meio das palavras e m no fim das palavras | O reconto, o resumo |
| | O elefante africano | | | |
| 6 | Vamos construir um elefante? | - Divisão e classificação de palavras quanto ao número de sílabas - Translineação | palavras com pro/por, pre/per, terminadas em eo/io, ... | Textos de carácter utilitário: O recado, o convite, a carta |
| | A história de uma enguia | | | |
| 7 | Os crocodilos | - Identificação da sílaba tónica e átona - Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tónica | Palavras com há/á/ah Palavras com h | As fábulas |
| | O recado | | | |
| 8 | O diário de Anne Frank | - Classes de palavras - Nomes - Pronomes | Formação do feminino / masculino e do plural / singular | O texto narrativo |
| | Sob a cruz das estrelas | | | |
| 9 | O califa Salim | - Determinantes - O Adjectivo | Palavras por que ou porque, qual/quais, qualquer/quaisquer, sob/sobre | A poesia |
| | O dromedário descontente | | | |
| 10 | Um bichão de estimacinha | - O Verbo | Palavras com -se/ssse -fui ou foi /vem ou vêm / tem ou têm / lê ou lêem / vê ou vêem | Transformação de histórias |
| | Xuxu-Cucurbitácia do Brasil | | | |
| 11 | Vamos usar o dicionário? | - Famílias de palavras - Sinónimos e antónimos - Palavras simples e compostas - Sons da língua (vocálicos e consonânticos e onomatopéias) | Palavras homófonas e homónimas | Retrato físico e psicológico |
| | Falam os bagos de trigo | | | |
| 12 | Para uma boa sementeira | Exercícios de revisão | Ditongos, dígrafos, ... | O texto descritivo |
| | | | | |

1. Organização do manual

A área da Língua Portuguesa está organizada em torno de 12 unidades, cujos textos foram seleccionados e organizados de acordo com os seguintes objectivos:

- Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade e cultura são-tomense, através do contacto com textos da literatura de São Tomé e Príncipe.
- Proporcionar o contacto com realidades culturais e literárias de outros países africanos de língua oficial portuguesa.
- Estimular a curiosidade e o desejo de conhecer outras culturas e realidades literárias, fora do continente africano.

Assim, os textos que integram as 12 unidades estão organizados em 3 blocos:

- **Por terras de São Tomé e Príncipe: histórias e gentes do meu país:** textos directamente ligados ao país, quer pela temática, quer por serem da autoria de escritores são-tomenses;
- **Por outras terras de África:** textos directamente relacionados com a realidade dos outros países africanos de língua oficial portuguesa, quer pela temática, quer por serem de autoria de escritores dos países;
- **Pelo resto do Mundo:** textos de autores portugueses e de outros países, lusófonos e onde se fala o português.

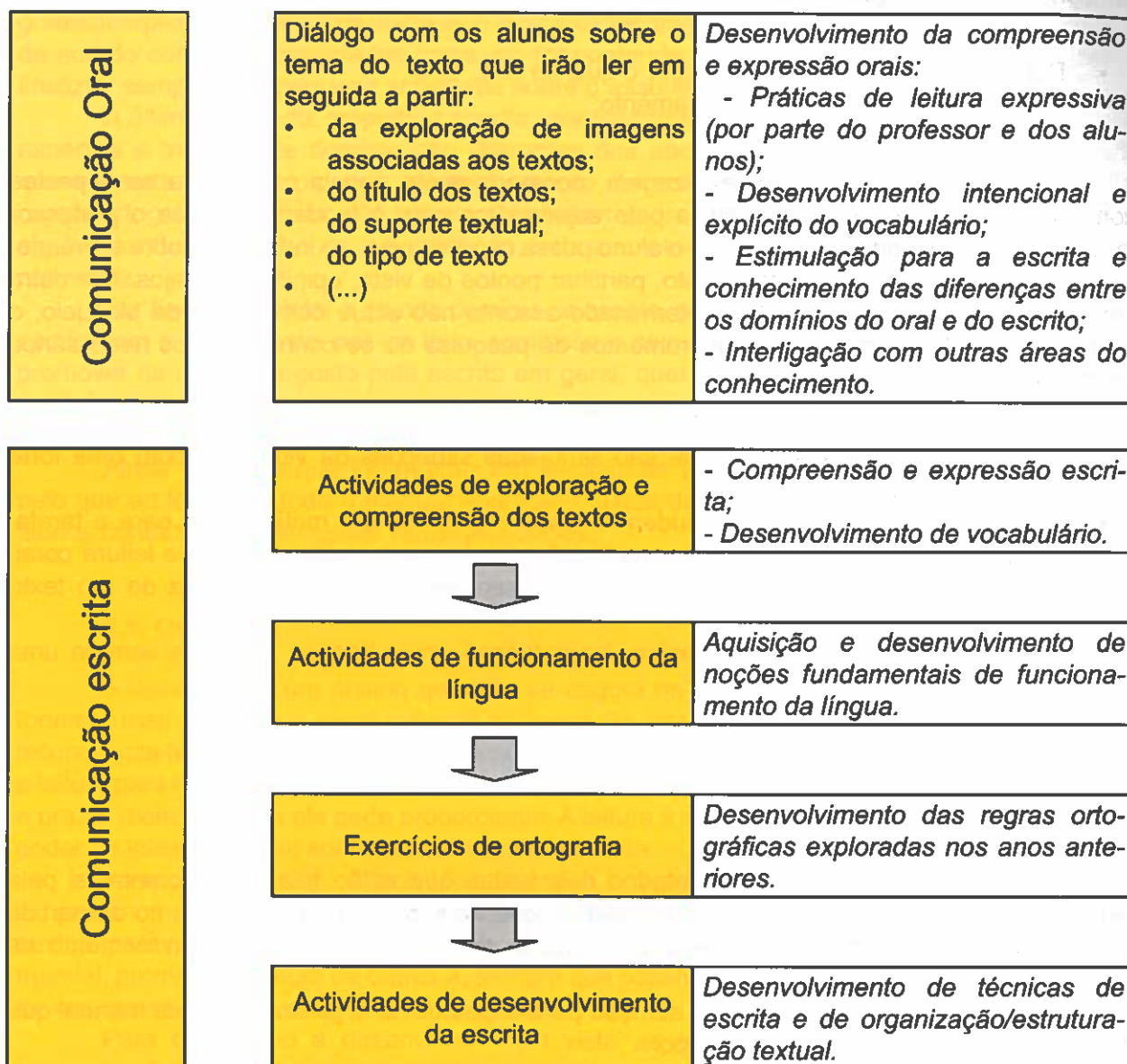
As unidades têm uma estrutura semelhante entre si e os conteúdos contemplam, de forma explícita, o desenvolvimento das competências da compreensão e expressão escrita – leitura e produção de texto – bem como o desenvolvimento do conhecimento explícito da língua (conhecimento das normas específicas do funcionamento da língua), competência transversal a todas as outras, uma vez que é fundamental para melhorar a oralidade em situações formais de uso, aprofundar a compreensão textual e promover o aperfeiçoamento da expressão escrita.

É fundamental que o professor descubra e faça descobrir nos alunos a dimensão cultural, lúdica e estética da língua, o gosto de falar, de ler e de escrever.

Pretendemos que o manual seja um instrumento, a usar entre outros recursos didácticos, facilitador da aprendizagem do aluno e auxiliar do professor no processo de ensino, cabendo a este o papel de orientador das aprendizagens no sentido de cada aluno construir o seu próprio conhecimento. Por outro lado, este manual poderá ser utilizado como uma ferramenta de estudo, de que o aluno se irá gradualmente apropriando.

As competências a desenvolver no aluno – compreensão do que ouve ou lê, produção de textos orais e escritos, conhecimento do funcionamento da língua-, embora distintos do ponto de vista conceptual, relacionam-se entre si permanentemente, formando um todo que vai alimentar o seu crescimento linguístico.

ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS EM CADA UNIDADE



2 – Oralidade

Torna-se fundamental o trabalho a desenvolver pelos professores a nível do desenvolvimento das competências do domínio do oral – compreensão e expressão –, pelas implicações que têm, quer na aprendizagem e desenvolvimento da leitura e da escrita, quer na afirmação de uma cidadania mais participativa. Com efeito, o domínio progressivo do português padrão que as aulas de Língua Portuguesa devem proporcionar, associado ao conhecimento das situações sociais em que esta variedade deve ser usada, tornarão o aluno mais confiante no seu conhecimento da língua e na sua capacidade de seleccionar adequadamente a variedade que deve mobilizar em cada situação concreta.

Assim, considera-se essencial que, no âmbito da aprendizagem da leitura e da escrita, se mobilizem situações de diálogo e de cooperação com os alunos e entre os alunos, bem como o confronto de opiniões entre professores e alunos.

Falar é uma actividade espontânea, condicionada por regras sociais e requer, para a sua concretização, um clima propício.

Para que o aluno se exprima oralmente, com correcção e clareza e possa, através desse exercício, ir melhorando o seu nível de socialização e a sua competência linguística, há que ter em conta o seu nível etário e as dificuldades inerentes a esta actividade:

- Inibição;
- Desconhecimento do assunto sobre o qual se fala;
- Dificuldade em organizar o pensamento;
- Dificuldade em intervir.

Neste sentido, toda a aprendizagem, nomeadamente aquela que afecta os aspectos comportamentais, necessita ser vivida pelo sujeito. Por isso, é fundamental que o professor favoreça momentos de diálogo em que o aluno possa exprimir o seu mundo: falar sobre si próprio, relatar uma vivência, um acontecimento, partilhar pontos de vista, opiniões, desejos. Por outro lado, para que a ignorância sobre determinado assunto não actue como fonte de bloqueio, o professor deve fornecer ao aluno instrumentos de pesquisa ou os conhecimentos necessários sobre o tema em discussão.

Existem ainda outras actividades que o professor poderá promover:

- Actividades de imitação, em que são simuladas situações da vida real, com uma forte componente oral;
- Dramatização de textos, que ajudam o aluno a desinibir-se, motivando-o para a tarefa, podendo variar o seu nível de concretização desde jogos muito simples de leitura coral, mimada, improvisação de um diálogo até à representação de uma peça de um texto dramático;
- Memorização de pequenas poesias, lenga-lengas, trava-línguas, que são sempre uma fonte de prazer para os alunos.

3. Organização de cada unidade

Em cada unidade são apresentados dois textos que estão relacionados entre si pela temática. Eles irão ser objecto de leitura e exploração da sua compreensão e ponto de partida para o conhecimento das regras de funcionamento da língua e para o desenvolvimento da expressão escrita.

No entanto, deve-se chamar a atenção para aspectos na organização deste manual que o diferenciam dos manuais anteriores por:

- Ser um manual que contém textos, gramática e propostas de exercícios de vários tipos;
- Não incluir espaço para a elaboração de exercícios no próprio livro;
- Implicar a existência de caderno em aula para a prática das actividades propostas.

Deste modo, de acordo com uma estrutura que pretende simplificar a tarefa do professor e as aprendizagens do aluno, as doze unidades estão organizadas em torno de três grandes domínios:

- Leitura e compreensão dos textos;
- Funcionamento da língua;
- Escrita onde se incluem dois aspectos importantes:
 - Ortografia (com apresentação de aspectos gramaticais novos e propostas de actividades)
 - Desenvolvimento da escrita (com breves introduções teóricas quando necessárias e respectivas propostas de actividades para consolidação de conhecimentos).

Assim, cada unidade surge organizada da seguinte maneira e apresenta sempre dois textos diferentes mas, de algum modo, com temas semelhantes ou susceptíveis de se interligarem:

Em primeiro lugar, vem um texto e as questões da compreensão do mesmo. Depois, o segundo texto também seguido das respectivas perguntas de compreensão.

Na etapa seguinte, surge o domínio do funcionamento da língua sobre o conteúdo gramatical proposto para cada unidade, o qual pode ter um tratamento mais ou menos desenvolvido de acordo com as necessidades (mais, se for conteúdo novo, menos, se tiver sido já dado). A finalizar, sempre uma pequena actividade sobre o assunto abordado.

A última etapa diz respeito à escrita, nomeadamente, à ortografia em primeiro lugar. Os aspectos a tratar neste domínio são diferentes dos abordados nos anos anteriores, uma vez que se parte do princípio que, neste momento da aprendizagem os alunos já adquiram as regras ortográficas. Assim, são trabalhadas palavras problemáticas que poderão ser motivo de alguma confusão ao nível da sua utilização. Esta etapa termina igualmente com uma proposta de actividade.

Por fim, a completar o grande domínio da escrita, existe a proposta de desenvolvimento da escrita com o objectivo de, por um lado, completar o esquema do domínio em causa e, por outro, promover na criança o gosto pela escrita em geral, quer ela seja criativa ou não. Este aspecto poderá proporcionar, ao mesmo tempo, o enriquecimento do vocabulário e o desenvolvimento de pequenas actividades de pesquisa.

Ainda de referir que foram tidas em atenção as várias intencionalidades comunicativas, pelo que ao longo de todo o manual aparecem textos de diversos tipos com o propósito de os alunos contactarem com essas várias realidades.

3.1. Os textos

A leitura exige um ensino que não se esgota na aprendizagem da tradução grafema – fonema, mas que se vai aprofundando ao longo da vida. Neste sentido, um dos objectivos da leitura nesta fase de escolaridade é fazer de cada aluno um leitor fluente e crítico, capaz de usar a leitura para dar conta do sentido do texto, obter informação, organizar o conhecimento e usufruir o prazer recreativo que ela pode proporcionar. A leitura é ainda um meio de acesso à cultura e ao poder de intervenção na sociedade, tal como a escrita.

A expectativa do aluno face à leitura passa, em grande parte, pelo ouvir contar e pelo ouvir ler, pelo momento mágico em que as palavras são capazes de suscitar imagens, de transportar o ouvinte para outra realidade. Deste modo, deverá o professor, para além dos textos propostos no manual, promover a leitura de outros e, sempre que possível, de obras integrais, devendo sempre ter em atenção o nível etário dos seus alunos.

Para o trabalho a desenvolver com vista ao aprofundamento do ensino da leitura/compreensão de textos é necessário ter presente os seguintes princípios:

- Ler é compreender, obter informação, aceder ao significado do texto;
- Por compreensão de leitura, entende-se a atribuição de um significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto;
- Quanto maior for a capacidade de ler um texto com precisão, rapidez e expressividade – fluência – mais facilitada está a tarefa da compreensão;
- Os factores que determinam a diferença na dificuldade de compreensão são o conhecimento prévio que o leitor tem do tema e o (des)conhecimento do vocabulário utilizado no texto;
- Ensinar a compreender é ensinar explicitamente estratégias para abordar um texto. Essas estratégias são essenciais antes da leitura, durante a leitura e depois da leitura.

3.1.1. Pré-leitura

Para a compreensão do texto, são fundamentais as actividades de pré-leitura, em que o professor, através do diálogo, fomenta a análise da imagem ou do título para que o aluno tente antecipar o conteúdo do texto, com o objectivo de activar/fornecer conhecimento prévio sobre o tema. Pretende-se, assim, facilitar a interacção entre a criança e o texto, para ajudar à compreensão do mesmo, fomentando o gosto pela leitura.

É igualmente importante que, nesta fase, o professor introduza e clarifique alguns dos vocábulos que, à partida, o professor entenda que poderão ser um obstáculo ou inviabilizem a compreensão do que se vai ler.

Torna-se ainda muito importante a explicitação de um objectivo de leitura, para que o aluno direcione a atenção para aquilo que, no final, é suposto fazer ou o professor pretende que faça.

Antes de iniciar a leitura, o professor deve ensinar a:

- Estabelecer um objectivo de leitura (Para que vou ler?);
- Activar conhecimento anterior sobre o tema (O que sei sobre isto?);
- Antecipar conteúdos com base no título e gravuras (O que é que esta gravura me faz lembrar?);
- Filtrar o texto para encontrar chaves/pistas que ajudam à compreensão (Que palavras ou expressões me são familiares?)

3.1.2. Leitura

As crianças deverão fazer uma primeira leitura individual, em silêncio.

Faça uma primeira avaliação, global, da compreensão do texto, procurando detectar possíveis dificuldades sentidas pelos alunos. Caso verifique que se torna necessário, faça uma primeira leitura expressiva do texto, na sua globalidade, em voz alta.

Tendo em conta que a não soletração, rapidez e expressividade são fundamentais para a compreensão do texto, serão os alunos, de seguida, a fazer a leitura do texto em voz alta. Poderão realizar uma leitura em cadeia, ou seja, dividir o texto em pequenas partes e peça a tantos alunos, quantas as partes, que façam a leitura expressiva de texto em voz alta. Corrija, sempre que necessário, a articulação e entoação.

No final desta leitura cujo objectivo é, apenas, treinar a fluência, há que trabalhar com os alunos o processo de compreensão, de acordo com as sugestões que lhe foram propostas anteriormente para a pré-leitura:

- Reveja em conjunto com os alunos os momentos principais do texto;
- Coloque oralmente questões aos alunos sobre o conteúdo do texto e seus elementos constituintes (personagens, espaço, tempo, acções, ...), para verificar se entenderam a informação contida no texto;
- Peça-lhes que sintetizem partes do texto que ache fundamentais à compreensão global do mesmo;
- Solicite-lhes que relacionem a informação lida com conhecimentos exteriores ao texto (por exemplo, com um acontecimento do quotidiano, com as suas vivências, etc.), permitindo ainda que o aluno dê a sua interpretação pessoal do texto.
- Leve os alunos a inferir o significado de uma palavra desconhecida com base na estrutura interna e no contexto;
- Oriente os alunos na compreensão de inferências, mobilizando informações textuais implícitas e explícitas e conhecimentos exteriores ao texto;
- Oriente os alunos a extrair conclusões do que foi lido;
- Oriente os alunos no sentido de reconhecer os objectivos do escritor;
- Leve os alunos a apreender o sentido global do texto, identificando o tema central e os acessórios
- Solicite aos alunos que recontem e/ou resumam o texto.
- Assim, durante a leitura, o professor deve ensinar a:
 - Prestar atenção ao que está ler;
 - Usar chaves contextuais e a estrutura do mesmo (É uma história? Uma poesia?...);
 - Ler de novo cada parágrafo e procurar a informação nova (O que diz aqui de novo?);
 - Criar uma imagem mental do que foi lido (associações, experiências sensoriais – cheiros, sabores – sentimentos, etc...);
 - Sintetizar à medida que avança na leitura do texto;

- Ajustar a velocidade de leitura;
- Adivinhar, pelo contexto, o significado de palavras desconhecidas;
- Se necessitar, utilizar materiais de referência (dicionários, enciclopédias...);
- Auto-questionar-se sobre o lido;
- Tomar notas durante a leitura;

3.1.3. Pós-leitura

Após a leitura e uma primeira exploração oral, no sentido de fomentar a compreensão do texto, peça aos alunos que formulem questões sobre o lido e as coloquem umas às outras, no sentido de obter as respectivas respostas. Leve-os a:

- Confrontar o que haviam antecipado relativamente ao conteúdo do texto na fase da pré-leitura com a efectiva informação do texto;
- Rerler o texto, nos casos em que surjam dúvidas relativamente ao conteúdo;
- Discutir com os colegas sobre o lido e a propor actividades e tarefas a levar a cabo na sequência da leitura;
- Propor outro título ou que, a partir dele, aprofundem conhecimentos;
- Estimular as crianças a ler autonomamente pequenas obras integrais adequadas ao interesse da faixa etária em questão ou a ler outros tipos de textos em diferentes suportes textuais.

3.2 – Compreensão dos textos

A realização das actividades propostas pressupõe o trabalho prévio de estimulação à compreensão leitora desenvolvido no domínio da comunicação oral – compreensão e expressão.

As questões de compreensão dos textos, procuram ter em conta e desenvolver, nos alunos os diversos níveis de compreensão: da mais “simples”, porque mais explícita (questões em que apenas basta retirar a informação directamente do texto), às questões que exigem aos alunos fazer inferências, ou seja, ler “entre linhas”, tirar conclusões, avançar hipóteses, impregnar de sentido o que é dado parcialmente no texto. Surgem, ainda, questões com a intenção de desenvolver nos alunos a capacidade de formular juízos críticos em termos verbais, requerendo que comparem informação e ideias do texto com os conhecimentos e experiências pessoais a fim de formular juízos de valor. O objectivo é fomentar o desenvolvimento de uma efectiva compreensão leitora.

Dependendo da autonomia dos alunos e da constituição da classe, solicite aos alunos que realizem as actividades escritas de compreensão do texto, vocabulário e ortografia, individualmente ou a pares. Verifique se estes compreendem o que lhes é solicitado. Em caso de necessidade – e só em caso de necessidade, uma vez que o que se pretende é que, progressivamente, o aluno seja cada vez mais autónomo no seu processo de leitura e compreensão textual – pode ler as questões para toda a classe, pedindo àqueles que, tendo compreendido o que lhes é pedido para fazer, o expliquem, eles mesmos, aos seus colegas. Se nenhum aluno compreendeu aquilo que tem que fazer na sequência das questões formuladas, então terá que ser o professor a fazê-lo.

3.3 – Funcionamento da língua

Conforme já referido, o desenvolvimento do conhecimento explícito da língua (conhecimento das normas específicas do funcionamento da língua) é uma competência transversal a todas as outras. Com efeito, é fundamental conhecer as normas e as regras que presidem ao modo como a língua se organiza para que, progressivamente, os alunos compreendam e se expressem cada vez melhor em Língua Portuguesa, quer a nível do escrito quer a nível do oral.

Em cada unidade, na parte dedicada ao Funcionamento da Língua, a análise e reflexão sobre o modo como a língua “funciona” é apresentada uma explicitação do conteúdo/conceito, seja novo, seja uma revisão dos já trabalhados na 5ª classe, em jeito de uma pequena gramática, com as noções básicas necessárias, que deverão ser bem explicadas às crianças.

O uso da língua e o sentido que dele decorre continua a estar presente nos exercícios de aplicação/sistematização dos conteúdos gramaticais trabalhados uma vez que, também estes, remetem para os textos que foram objecto de leitura, permitindo, mais uma vez, “afinar” a compreensão dos mesmos.

O professor deverá realizar outras actividades semelhantes de aplicação/sistematização, que permitam, de novo, a análise de situações linguísticas, com vista a uma progressiva compreensão, assimilação e utilização das regras que presidem ao funcionamento da Língua Portuguesa, uma vez que estas não se esgotam nos exercícios propostos. Assim e apenas a título de sugestão, poderá retomar os textos trabalhados, outros tipos de texto, de diferentes suportes textuais, que com as temáticas abordadas estejam, de alguma forma, relacionados e contribuam para desenvolver a formação integral do aluno (cartazes, panfletos, publicidades, documentos informativos receitas, embalagens de produtos alimentares, jornais, adivinhas, canções, etc.).

Pode, igualmente, partir dos textos produzidos pelos próprios alunos, tornando, assim, mais significativas as suas aprendizagens.

Este trabalho pode ser feito no colectivo (o professor escreve no quadro, ou pede ao aluno que escreva a(s) frase(s) que vão ser objecto de análise e reflexão por parte de toda a classe), em pequenos grupos, a pares e individualmente, com e sem recurso a materiais auxiliares (dicionários, gramáticas, prontuários, dicionários de verbos conjugados, ...).

O objectivo, é garantir que as generalizações descritivas e descobertas nas fases anteriores de trabalho fiquem armazenadas na memória de longo prazo e possam, portanto, ser activadas pelo aluno sempre que necessário.

3.4 – Ortografia

Nesta parte pretende-se que os alunos mobilizem conhecimentos já adquiridos ao longo dos 5 anos de escolaridade anteriores, que os aprofundem e apropriem no que diz respeito à correcção ortográfica, sendo propostas actividades para a sua correcta aplicação.

Sublinha-se, mais uma vez, que estas propostas não se esgotam nas propostas do manual, pelo que o docente deverá realizar outras actividades e outros exercícios semelhantes.

3.5. – Desenvolvimento da escrita

Uma das funções da escola é ensinar os alunos a escrever. A escrita exige um ensino formal, explícito e sistematizado, bem como uma prática frequente e supervisionada.

Ao nível da 6ª classe a competência gráfica (desenho/inscrição dos sinais) já deve estar completamente adquirida. O mesmo se passa relativamente à competência ortográfica (normas para a representação das palavras), ainda que esta deva continuar a ser alvo de reflexão e trabalho, com vista à sua consolidação plena.

Assim, o grande trabalho a desenvolver a partir da 6ª classe será ao nível da competência compositiva, ou seja, ensinar os alunos combinar as palavras para formar textos, de acordo com as diversas intenções comunicativas.

No final de cada unidade são propostas actividades de escrita, geralmente relacionadas com os temas ou tipos dos textos da unidade, que apelam à imaginação e à construção de vários tipos de texto, através de sugestões que ajudam à planificação e estruturação das ideias. Procurou-se ensinar regras, estratégias e técnicas necessárias ao desenvolvimento de capacidades cognitivas, à organização do pensamento, tendo em vista a planificação da mensagem e a sua transmissão de forma eficaz e perceptível.

Até à autonomia plena em termos de expressão escrita, que, desejavelmente, será progressivamente atingida, há um longo caminho a percorrer por cada aluno, que deverá, em cada uma das fases do processo, ser devidamente acompanhado pelo professor. O trabalho sobre a escrita que o aluno produzir deverá ser o ponto de partida para a descoberta e aprendizagem da Língua. A exploração das estruturas básicas da Língua ir-se-á realizando a partir da resolução dos problemas decorrentes da construção do texto. Daqui decorre a necessidade do professor fazer um levantamento das incorrecções que os textos dos seus alunos revelarem, para conhecer os seus pontos fracos, saber quais os que são comuns a toda a turma, só a alguns ou a um, para poder organizar o tempo, a maneira de trabalhar e os materiais que permitam que cada um, a seu ritmo e segundo as suas necessidades de aprendizagem, ultrapasse as dificuldades, levando o aluno à reflexão sobre a sua própria escrita, tendo em vista o seu contínuo aperfeiçoamento

Assim, é fundamental o papel a desempenhar pelo professor junto dos alunos, desde as actividades de pré-escrita (conjunto de actividades orais e/ou escritas tendentes a forjar o “conhecimento do mundo” prévio à prática escrita da Língua ou a reactivar elementos já aprendidos pelo aluno relativos ao tópico/assunto sobre o qual se lhe pede que ele escreva e elaboração do plano), passando pelas actividades de textualização (processo de estruturação das ideias e composição das palavras em texto) e, finalmente, pelas actividades de revisão e aperfeiçoamento textual, até à produção final (“obra-prima”).

3.5.1 – Actividades de pré-escrita

Para escrever, o aluno terá que “ter assunto” e vocabulário que lhe permita “passar para o papel” as suas ideias.

Assim, o professor terá necessidade de prever um dispositivo pedagógico capaz de colocar o aluno, em fase prévia à produção do texto escrito, em posição de:

- Evocar o conhecimento de que dispõe relativamente ao assunto sobre o qual deverá escrever;
- Adquirir informação nova sobre esse mesmo assunto (se a que tiver for pouca ou mesmo inexistente);
- Aprender a processar a organização da informação de que se vai apropriando, através da selecção e hierarquização das noções (e respectivas relações) a versar no texto.

Para atingir estes objectivos, pode o professor prever vários tipos de estratégias de ensino:

- A transmissão directa da informação aos alunos, caso haja condicionalismos que o justifiquem (natureza da informação a fornecer, carência de recursos), procurando sempre ter em atenção as possíveis intervenções que o aluno vai fazendo, tomando-os “co-construtores” da informação que passa a estar disponibilizada para todos;
- A pesquisa de informação pelos alunos, através da consulta – tomada de notas e elaboração de fichas de leitura – de textos escritos (de imprensa, de ficção – poesia ou prosa –, de divulgação científica, etc.) ou de textos transcritos, assim como a utilização de fontes orais – entrevistas, diálogos informais ...;
- O visionamento, pelos alunos de fotografias, filmes, diapositivos e a leitura de esquemas, diagramas, etc.;
- A construção interactiva, no grupo-classe, de discursos que representem experiências pessoais, impressões, memórias, numa atitude de permuta de informação entre os “saberes” diversos e diferentes dos alunos. Nestes casos, aconselha-se os professores a envolverem, o mais possível, os alunos, fomentando o diálogo com eles e entre eles, no sentido de se ir enriquecendo a natureza das ideias e o vocabulário que permitirá que elas sejam convertidas em texto. O professor irá registando no quadro as ideias que forem surgindo, estimulando sempre os alunos a alargar o seu vocabulário passivo.

Qualquer que seja a estratégia pela qual opte o professor, é importante que tenha em conta a necessidade de se irem organizando os conhecimentos prévios e a informação nova que

vai sendo adquirida. Assim, recorrendo a processos de negociação com os alunos, o professor vai elaborando no quadro um “esquema de conteúdo”, no qual ficam devidamente registadas as noções verbalizadas, assim como as possíveis relações a serem estabelecidas entre tais noções, no âmbito do domínio de referência que vinha sendo trabalhado, tendo em vista a produção de texto por parte dos alunos.

A construção dos “esquemas de conteúdo”, para além de contribuir para uma aprendizagem significativa de novos vocábulos (o enriquecimento do léxico é conseguido através da utilização de sinónimos, antónimos, perífrases, etc.) desenvolve nos alunos a capacidade para estabelecerem princípios organizadores das informações que forem resultando da negociação no interior do grupo-classe.

A partir daqui, ou seja, após “construído” o conteúdo a versar no texto em projecto, torna-se necessário determinar outras variáveis a ter em conta em qualquer processo de escrita: o tipo de texto a produzir (poema, história, notícia, carta,...), a identidade do destinatário a quem se vai escrever, o objectivo comunicativo que se tem em vista no acto de escrita em questão, o “onde” e o “quando” da enunciação.

Definidas estas variáveis com os alunos, diversos tipos de texto podem ser produzidos. Qualquer que seja a opção do tipo de texto a produzir, importa que o aluno desenvolva, devidamente orientado pelo professor até o conseguir fazer autonomamente, a sua capacidade de elaborar um plano-guia, espécie de “fio condutor” do processo textual a levar a cabo; o plano-guia será elaborado de acordo com a natureza do discurso a produzir.

3.5.2 – Actividades de textualização

Nesta fase – a fase de passar à construção textual – há que combinar as palavras e as frases elaboradas para dar origem ao texto. De acordo com o tipo de texto a produzir, há que:

- decidir se se vão integrar todas os conteúdos gerados ou não;
- em caso afirmativo, articulá-los de forma coerente, com os restantes elementos do texto;
- dar-lhes uma expressão linguística para figurarem no texto, respeitando as exigências de coesão e coerência.

A produção de texto por parte dos alunos poderá ser feita individualmente, a pares ou no colectivo, de acordo com as necessidades de cada classe, devidamente identificadas pelo professor, tendo em vista a formação de “crianças produtoras de texto”.

Se as crianças revelarem grandes dificuldades de escrita, é importante que as actividades de textualização se processem através da negociação oral, no colectivo constituído pelo grupo-classe, com registo escrito subsequente no quadro, após selecção consensual das unidades linguísticas mais apropriadas.

Nesta situação, é fundamental o papel do professor. Este tem, assim, a possibilidade de contrariar a tendência natural das crianças para a aplicação de estratégias de estruturação centradas apenas ao nível da frase simples. O trabalho colectivo – enquanto actividade de interacção oral – permite o “pensar em voz alta”, o qual permite:

- a intervenção reguladora do professor, no sentido de reorientar as propostas e/ou hipóteses dos alunos, explicando o porquê de tais reajustamentos;
- a observação, negociação e aplicação de unidades linguísticas em função de uma prática que se vai cumprindo em simultâneo com a reflexão sobre essa mesma prática.

Neste processo, o professor poderá trabalhar aspectos relacionados com o modo de funcionamento da Língua, assim como os articuladores de discurso e os sinais de pontuação mais adequados, com vista à produção de frases progressivamente mais complexas, tendo em vista a progressão lógica das ideias e a construção de textos mais ricos e gratificantes para os próprios alunos.

À medida que os alunos forem ficando mais confiantes e autónomos relativamente à capacidade de expressão escrita, poderão começar a trabalhar individualmente ou a pares, de acordo com a intencionalidade do professor e a especificidade da classe.

Também nesta situação, é fundamental que o professor continue a acompanhar o processo de construção textual, circulando pela sala, numa constante interacção com os alunos, o que permite um apoio mais individualizado aos que têm mais dificuldades, através da correcção oral e contínua, promovendo um efectivo empenhamento dos alunos na aprendizagem.

3.5.3 – Actividades de revisão e aperfeiçoamento textual

Nesta fase, o que se pretende é que os alunos, devidamente orientados pelo professor, façam a revisão dos seus textos e conseqüente aperfeiçoamento, reescrevendo-os de forma a superar as lacunas detectadas. Assim, pode mesmo considerar-se que a correcção será o momento fulcral no processo de ensino-aprendizagem da escrita. Esta afirmação pode parecer estranha se a correcção da escrita se centrar apenas no texto-produto. Com efeito, na correcção escrita tradicional, o texto é visto pelo professor, que nele assinala determinados erros ou incorrecções, faz alguns comentários escritos, atribui uma classificação e entrega-o ao aluno, que raras vezes se debruça, de novo, sobre ele. Este tipo de correcção não contribui minimamente para a construção de uma pedagogia da escrita motivadora: ao aluno raras vezes se dá a possibilidade de refazer o seu texto com base em indicações do professor e num acompanhamento personalizado. A correcção deve estar ao serviço de uma aprendizagem contínua e programada, deve tornar-se no cerne de uma aprendizagem da escrita que privilegia o texto-processo em detrimento do texto-produto.

Assim, a correcção será um momento intermédio de um processo: ao aluno deve ser facultada a possibilidade de analisar as incorrecções assinaladas (o professor pode combinar com os alunos marcas de correcção para assinalar os diversos tipos de erros detectados), de as discutir com o professor ou com os colegas, de reescrever o texto, em parte ou na totalidade, até chegar à “obra-prima”.

Uma actividade importante, no final da produção do texto e após a sua correcção e aperfeiçoamento, é que o aluno leia aos colegas o que escreveu. Esta actividade permite que ele atribua um significado e uma funcionalidade à escrita, fundamentais para promover o gosto pela escrita.

Por outro lado, os textos escritos pelos alunos poderão ser aproveitados para ser trabalhados na aula, à semelhança dos textos de autor do manual, podendo, por exemplo, organizar a turma em grupos: um elabora perguntas de interpretação, outro elabora exercícios de funcionamento da língua, outro elabora exercícios de ortografia e vocabulário. No final, toda a turma resolve os enunciados realizados.

Nota: Como é explicitado pela própria designação, as sugestões metodológicas são apenas propostas de modos de trabalhar que poderão, e deverão, ser complementadas e enriquecidas com o conhecimento e a experiência profissional de cada docente, bem como adequadas ao respectivo contexto específico de trabalho e de cada grupo de alunos.

INTRODUÇÃO

Tal como no ano anterior as actividades realizadas em Educação Visual podem fazer uma articulação com conteúdos programáticos de outras disciplinas. Embora se trate de uma disciplina distinta pode ser desenvolvida tendo em conta temáticas das ciências naturais e sociais, matemática, música e da língua portuguesa. Sugere-se que os docentes desenvolvam as actividades partindo de temáticas diversas para que o conhecimento seja englobado numa estrutura multidisciplinar.

Além das competências relacionadas com a comunicação visual, esta disciplina irá contribuir, ao longo do currículo, para o desenvolvimento de outras competências, tais como:

- Capacidades linguísticas
- Capacidades psico-motoras
- Criatividade
- Cooperação

As orientações pedagógicas para esta disciplina são apresentadas fazendo sugestões de materiais acessíveis. Todas as actividades poderão ser adaptadas a qualquer situação e a vários tipos de materiais de acordo com as capacidades económicas e geográficas das várias regiões, para que nenhum aluno fique prejudicado no desenvolvimento das capacidades ao nível da Educação Visual.

Pretende-se que as aprendizagens venham a ser adquiridas através da observação e da discussão dos produtos realizados e da troca de experiências.

Desenvolvem-se assim as capacidades de concentração, a criatividade e o sentido crítico, ferramentas fundamentais do conhecimento.

Para a 6ª classe vai ser necessário algum material fundamental para desenho rigoroso para o bom desempenho das actividades. A maioria dos trabalhos devem ser realizados em folhas soltas e lisas (sem linhas e sem quadrículas) com o formato mínimo A4.

Estas orientações são para consulta do/a professor/a e não um manual para o aluno.

São apresentadas cinco unidades temáticas e sugestões de actividades. Sugere-se também o desenvolvimento de algumas actividades já presentes no manual de Sugestões Pedagógicas da 5ª classe - Educação Visual, mas desenvolvidas com maior profundidade.

As orientações e sugestões que aqui apresentamos são uma continuidade do manual de Sugestões Pedagógicas da 5ª classe - Educação Visual. Estes dois anos (5ª e 6ª classe) devem ser entendidos como uma articulação de saberes e aprendizagens, que constituem o segundo ciclo, na disciplina de Educação Visual. Aconselha-se que os professores as leiam na totalidade, de forma a poderem ter uma variedade de opções para o desenvolvimento das temáticas, e possam realizar as actividades que não tenham sido feitas no ano anterior ou aprofundar certas temáticas. Podem aproveitar-se as ocasiões para abordar certos temas e matérias. Por exemplo: se no Natal tivermos decidido decorar a escola com estrelas, vai ser necessário aprender a fazer a divisão da circunferência em seis partes; se no Carnaval fizermos máscaras temos que saber as proporções do rosto, etc.

METODOLOGIA

As actividades na disciplina de Educação Visual geralmente decorrem através de projectos, que se desenvolvem ao longo de várias aulas, mas também podem haver actividades de duração mais curta que necessitem somente de uma ou duas aulas. Ao conjunto de aulas cuja sequência vai permitir consolidar um projecto chamamos “unidade de trabalho”.

Para o desempenho da disciplina de Educação Visual convém sublinhar alguns aspectos, referindo três momentos muito importantes: o início da aula; o desenvolvimento da aula e o final da aula.

O início da aula deve corresponder a um momento de acalmia dos alunos para que o professor possa recordar o trabalho que está a realizar, ou anunciar uma nova actividade. Nesta explicação devem ser referidos todos os detalhes da actividade: o que se vai fazer, como se vai fazer, com que materiais, individualmente ou em grupo, etc... É também o momento ideal para tirar dúvidas, mostrar exemplos, ou explicar conceitos.

Depois passa-se à distribuição dos materiais, onde os alunos podem colaborar rotativamente, ou à organização da sala ou dos recursos necessários.

Quando está tudo preparado passa-se ao desenvolvimento da aula. Este é o momento mais longo da actividade, o período onde o aluno entra em acção. Neste momento o papel do professor, é o de orientador discreto, tirará dúvidas quando solicitado e deverá encorajar os alunos mais tímidos ou indecisos. Com a experiência, o professor conseguirá olhar para a turma na totalidade, observar o seu trabalho e detectar onde é necessário auxiliar os alunos.

Mas porque a aula corresponde a um período temporal determinado, chega o momento de prever o final da mesma. Conforme as actividades em curso, podem haver mais ou menos materiais a limpar, arrumações a fazer e isso leva o seu tempo, portanto o professor deve propôr arrumar, contando com o tempo necessário para realizar estas tarefas. É desejável, que tal como no início da aula, também aqui os alunos participem individualmente ou rotativamente por grupos. O final da aula também é um bom momento para os alunos mostrarem ou falarem sobre os trabalhos realizados.

MÉTODO DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Para a 6ª classe na disciplina de Educação Visual propomos a utilização da metodologia de resolução de problemas. Para desenvolver qualquer actividade em primeiro lugar tem que se identificar o problema ou o tema a ser desenvolvido, de seguida recolher informação e registar ideias para se poder optar pela melhor, após a recolha de informações realizar e executar a ideia.

Em último lugar após o trabalho realizado, avaliar o seu resultado.

Esta metodologia significa que um projecto se desenvolve através de várias fases, como a seguir se explica.

1. Situação

O professor apresenta o assunto à turma. O assunto pode surgir da iniciativa do professor/a, da iniciativa dos alunos ou de alguma situação exterior à escola que valha a pena ser tratado nesta disciplina. Para desenvolver qualquer tema é necessário identificá-lo e tirar todas as dúvidas. Pensar em conjunto que tipo de matérias/recursos se podem utilizar . Por fim realizar uma lista das tarefas a realizar.

Parte-se do princípio que existe um problema, ou tema, que é colocado à disciplina de educação visual, e que pode ser realizado com os meios próprios desta disciplina (exemplo: uma entidade anuncia à escola que irá fazer uma campanha de sensibilização da malária e pede a colaboração da escola)

2. Investigação

O professor propõe a realização de investigação da temática. Esta investigação é realizada a partir da observação do meio envolvente, consulta na biblioteca e/ou através de experiências com materiais, partilha de opiniões, entrevistas, etc.

Análise e Discussão

Nesta segunda fase discute-se na aula, com os alunos, o problema colocado e procuram-se hipóteses ou soluções. Por vezes quando os alunos são muito novos e pouco experientes, cabe ao professor apresentar várias hipóteses e fazer escolher a mais apreciada pelos alunos (Exemplo: imagine-se que escolhemos fazer cartazes para colocar em vários locais da comunidade local)

3. Solução

Depois de se desenvolverem as pesquisas opta-se por uma solução, ou seja, a melhor ideia. Para isso poderá discutir-se em pequenos grupos e fazer apresentações à turma. O que se pretende é que os alunos aprendam a defender e a fundamentar as suas ideias. Seguidamente há que desenvolver e organizar os projectos. Optando por desenvolver a melhor ideia. Discutir em grupo o desenvolvimento do tema escolhido. Organizar os dados recolhidos as técnicas e instrumentos a utilizar.

Projecto

Uma vez escolhida uma solução chega a vez dos alunos realizarem vários projectos, mas para isso há que organizar os dados recolhidos e reflectir sobre as técnicas e instrumentos a utilizar.

Continuando com o nosso exemplo (fazer cartazes para a campanha de sensibilização da malária) o professor terá que explicar conceitos acerca do cartaz, mostrar exemplos, orientar os alunos na realização do projecto gráfico, dividindo-o em várias etapas (por exemplo, algumas aulas para escolherem o texto ou mensagens, experimentarem desenhos de letras com o texto escolhido, outras tantas aulas para fazerem ensaios com desenhos ou recortes e colagens de modo a realizarem a imagem que querem colocar no cartaz, etc..). Esta é a fase em que os alunos revelam mais a sua criatividade.

4. Realização

Na passagem do projecto para a realização, é necessário fazer um momento de avaliação de modo a escolher as propostas mais interessantes que cada aluno realizou e assim concluir qual vai ser o resultado final no cartaz que agora irá realizar. Geralmente é nesta fase que os processos técnicos são mais exigentes e existe maior necessidade de rigor (exemplo: se o cartaz vai ser pintado com tintas e se os alunos ainda não o fizeram, o professor terá de ensinar como se trabalha com este material, falar sobre a mistura de cores, etc...) e para isso iremos necessitar de mais algumas aulas. É por esta razão que não se pode planificar com rigor absoluto o tempo a dar a uma unidade de trabalho. A sua duração tem que ter alguma flexibilidade para conter os imprevistos.

5. Avaliação

No final de cada experiência deve-se expor todos os trabalhos e juntamente com os alunos fazer uma avaliação dos trabalhos desenvolvidos. Deve-se avaliar de que forma os objectivos foram alcançados e verificar se as opções foram as mais adequadas.

Intervenção

Em muitas unidades de trabalho, esta fase poderá não chegar a acontecer, mas tendo em conta o problema inicial e a solução proposta na segunda fase, o professor e os alunos irão organizar e colocar os cartazes em vários locais da comunidade, tal como havia sido planeado (por exemplo, na igreja, na mercearia, nas escolas, no mercado, etc...)

Como acabámos de ver, o grande interesse desta metodologia é tornar a disciplina mais dinâmica e interventiva, pois as actividades baseiam-se em situações concretas e o trabalho

realizado na escola pode contribuir para educar a comunidade. Por outro lado os objectivos a atingir são mais facilmente identificáveis e fáceis de avaliar.

Na sala de aula

A disciplina de Educação Visual pretende ser um espaço de experimentação, onde as aprendizagens não se baseiem somente em conceitos e em definições mas em experiências práticas que permitam o desenvolvimento nos domínios visual, motor e cognitivo.

Para que exista um bom ambiente de trabalho é preciso definir regras de funcionamento, de organização e divisão de tarefas. O professor pode dispor os alunos em pequenos grupos para partilharem materiais ou/e para terem mais espaço/suporte para o trabalho. Embora se exija concentração nas tarefas a executar, existem momentos em que se deve estimular a partilha de opiniões e de experiências entre os alunos. O espaço de trabalho deve ter só exclusivamente o material a ser utilizado, para que os alunos tenham espaço para desenvolver as actividades. Deve-se ter um especial cuidado na preservação dos trabalhos realizados nas aulas; como tal, sugere-se que no início do ano cada aluno realize uma pasta própria para tal.

No final das actividades devem arrumar os trabalhos nas respectivas pastas, colocá-los a secar em espaço apropriado, ou expô-los em espaço destinado para esse efeito. Finalmente vão ter que arrumar e limpar o espaço de trabalho.

Exemplos de Pastas para guardar os desenhos:

As pastas devem ser de dimensão superior ao formato das folhas utilizadas.

Material:

Cartão

Régua

Esquadro

Furador

Tesoura ou X-acto

6 Fitas ou cordel

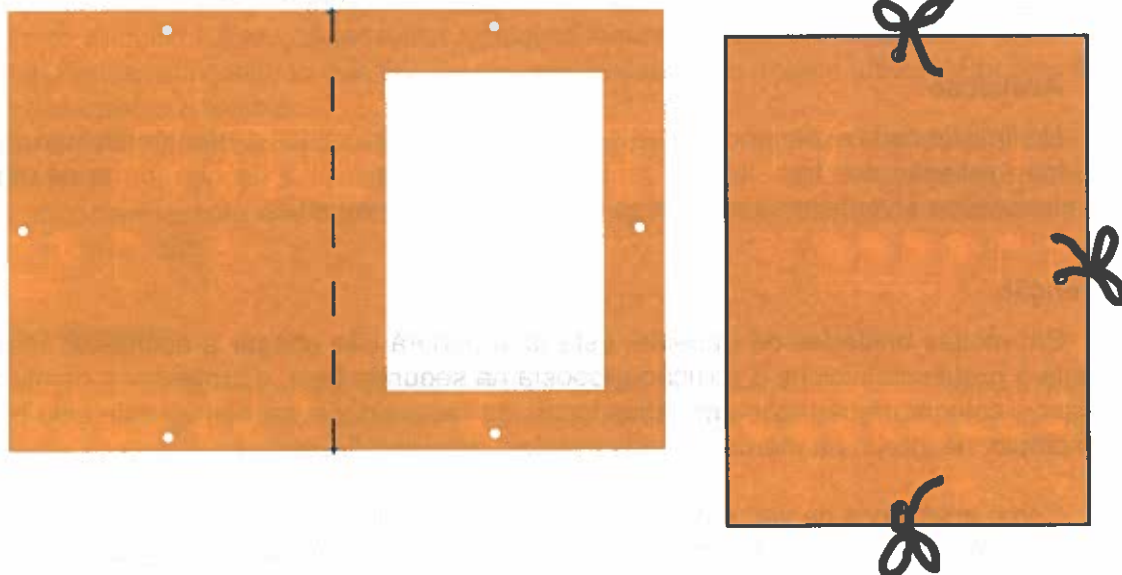
Cola

Lápis

Dobra-se ao meio o cartão, fazem-se 6 furos (3 de cada lado como mostra a figura) e em cada furo ata-se uma fita. Quando a pasta está fechada, devem fazer-se laços para os desenhos não saírem.

Para a decoração: recortes de revistas, desenhos, papéis de embrulho, etc.

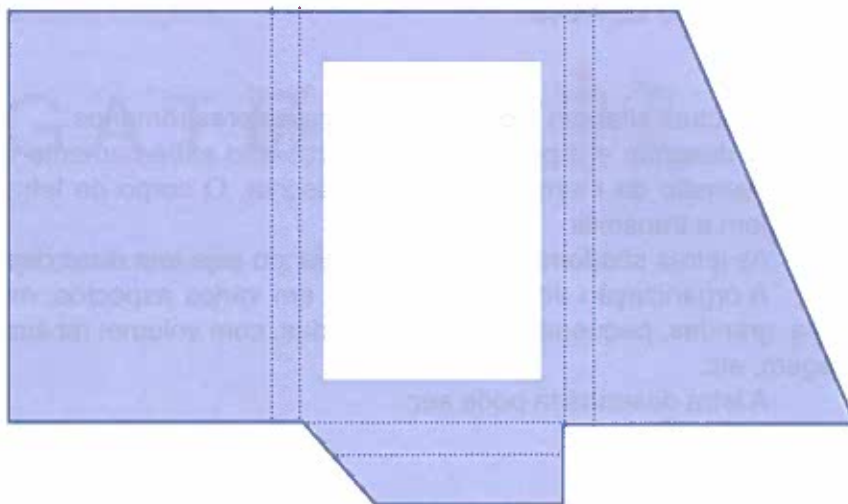
Na frente as pastas devem ter um espaço para a identificação dos alunos.



Material:

- Cartolina
- Régua
- Esquadro
- Tesoura ou X-acto
- 6 Fitas ou cordel
- Cola
- Lápis

Planificação feita como mostra a figura.

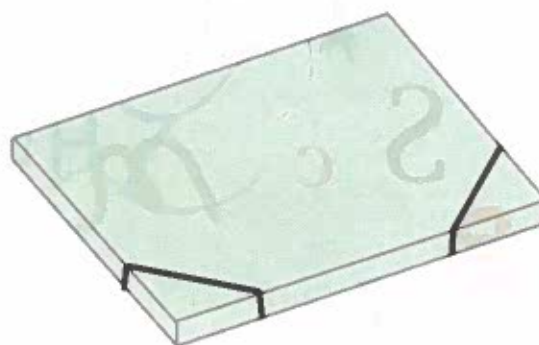
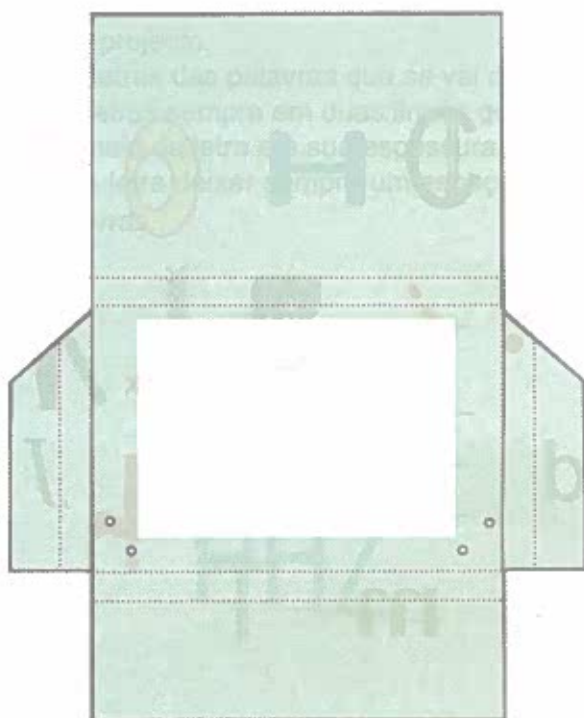
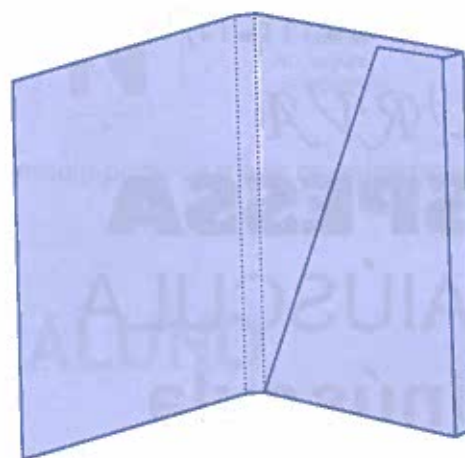


Material:

- Cartolina
- Régua
- Esquadro
- Furador
- Tesoura ou X-acto
- 2 Elásticos
- Lápis

Planificação feita como mostra a figura.

Fazem-se 4 furos onde se colocam as pontas dos elásticos dando um nó na ponta do lado de dentro da pasta, ficando o elástico na parte exterior.



TEMÁTICA: AS LETRAS

O actual alfabeto é originário dos caracteres romanos.

O desenho e a proporção das letras são extremamente importantes para a visibilidade e compreensão da mensagem visual e escrita. O corpo da letra deve estar de acordo com a mensagem a transmitir.

As letras são formas bidimensionais, ou seja tem duas dimensões: altura e largura.

A organização de um texto difere em vários aspectos, maiúsculas, minúsculas; na sua forma, grandes, pequenas gordas, inclinadas, com volume; na sua função, título, subtítulo, texto, imagem, etc.

A letra desenhada pode ser:

ALTA E ESTREITA

CURVA

ESPESSA

MAIÚSCULA

minúscula

BAIXA E LARGA

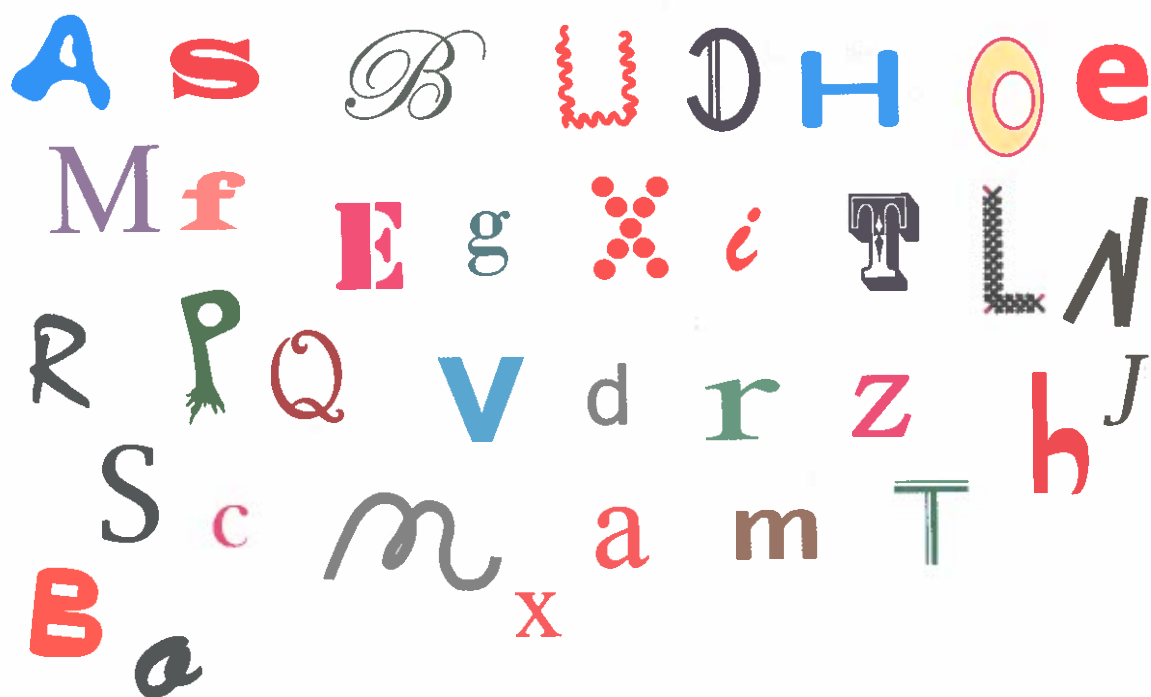
RECTILÍNIA

FINA

CAIXA ALTA

caixa baixa

Pode-se desenhar letras com várias formas, como por exemplo:



As letras podem ser simultaneamente imagens

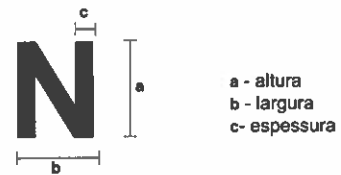


Para realizar o desenho de letras deve-se ter em conta os seguintes aspectos:

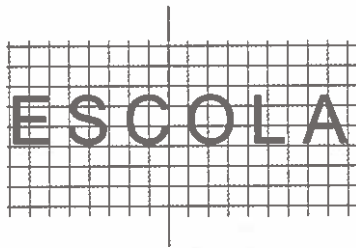
- a sua leitura deve ser fácil e rápida;
- a sua proporção;
- a sua forma estética;
- a adaptação ao fim a que se destina;
- a sua cor.

Quando se pretende desenhar letras é necessário:

- determinar a altura e largura das letras.

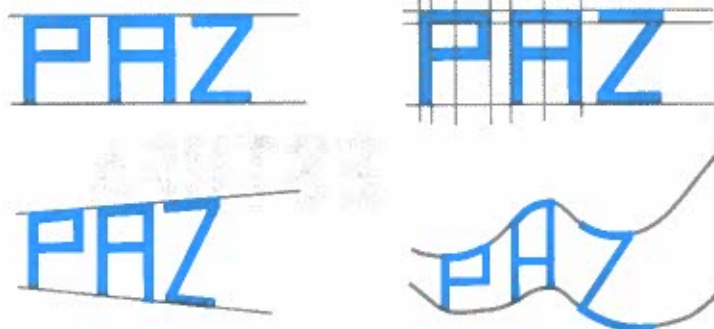


- utilizar o método da quadrícula. (Com o método da quadrícula pode-se medir os espaços que as letras ocupam, o que facilita a sua construção).



Regras para desenhar letras:

1. Analisar o local onde a letra ou a palavra vai ser colocada. Se é um título para um cartaz tem que ter visibilidade, se é um texto terá que ter outra dimensão, tudo isto são questões fundamentais para iniciar o projecto.
2. Contar as letras das palavras que se vai desenhar. PAZ - 3 letras
3. Apoiar as letras sempre em duas linhas que podem ser paralelas ou não
4. Marcar o meio da letra e a sua espessura (se a tiver).
5. Entre cada letra deixar sempre um espaço pequenino e um maior (o equivalente a uma letra) entre as palavras.



Sugestão de actividades:

1. Propõe-se, que após a realização da capa para guardar trabalhos se realize a identificação da mesma com a prática desta aprendizagem.
2. Recolher jornais e revistas e fazer uma recolha de palavras escritas com tipos de letra diferentes. Observar e analisar essas palavras relativamente à forma das letras e à mensagem que transmite.
3. Fazer um texto colectivo com palavras recortadas e desenhos feitos pelos alunos de forma a compor um texto que seja legível pela imagem e pelas letras. Colar numa superfície grande e expor.
4. Realizar um cartaz. (rever temática: Comunicação no manual de Sugestões Pedagógicas da 5ª classe - Educação Visual)
5. Criar projectos autónomos.

ideia



SOLARES

PORTO

a criar

A CAMINHO
DO AMANHÃ!

É BARATO!

ISTO NÃO



TUNÍSIA

mondo

Ajudar



ESTUFA

Neste

MAIS

TEMÁTICA: ELEMENTOS DA FORMA

Tudo o que é visível tem uma forma, tem tamanho, ocupa espaço, tem cor, textura, etc. Existem as formas naturais existentes à superfície da terra e nos oceanos e rios, como por exemplo, uma folha, uma árvore, etc. Além destas, o ser humano cria formas artificiais, edifícios, cadeiras, esculturas, objectos, etc. , todos os objectos que a natureza não nos oferece e que o ser humano necessita e gosta e aprecia.

As **formas bidimensionais** apresentam apenas duas dimensões: **comprimento e largura**.

As formas tridimensionais apresentam três dimensões: **comprimento, largura e profundidade (altura ou espessura)**.

Estudo dos elementos visuais: **ponto, linha, estrutura, textura, superfície, volume, luz e cor**.

Exemplo: uma árvore.



Ponto – É o elemento visual mais simples . Ao deslocar o ponto cria uma linha

Linha – Visualmente imaginamos que a árvore tem uma linha que a envolve, é a linha de contorno. Muitas vezes é com esta linha que começamos por desenhar as formas que queremos representar.



Estrutura – A árvore e as folhas tem uma estrutura.

A estrutura é o suporte que define a forma, aquilo que dá sustentação á forma. As folhas, os troncos e ramos de uma árvore são estruturas facilmente detectáveis. As pontes e vigas de uma construção também são estruturas, mas podem não estar á vista, tal como o esqueleto no caso do corpo humano. Existem as estruturas naturais aquelas em que o homem não intervém e as estruturas artificiais criadas pelo homem.



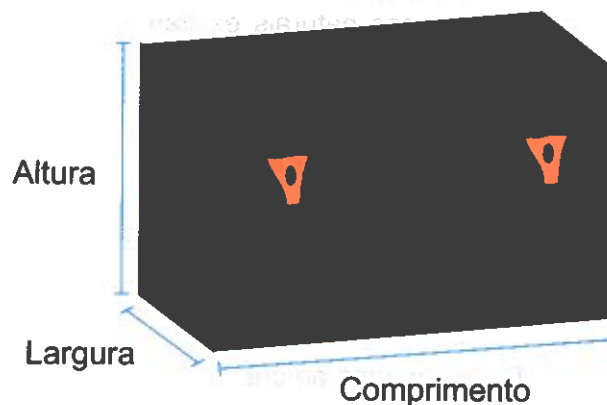
Textura – Analisando em pormenor o tronco de uma árvore verificamos que tem textura (rugosa, macia, áspera, etc.) O aspecto da superfície das formas tem o nome de textura que é perceptível através da visão e do tacto.



Superfície e Volume – Para entender o volume e a superfície é necessário observar o espaço que nos rodeia. Neste espaço temos superfícies exteriores e interiores, curvas ou planas e o volume é o conjunto destas superfícies.

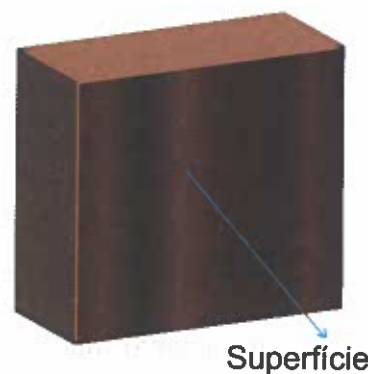
Volume – É o conjunto das dimensões; altura, largura e comprimento, que define um espaço ou um objecto tridimensional. O volume ocupa um espaço próprio, possui um espaço interior e está envolvido por um espaço exterior.

Tridimensionalidade – Comprimento, altura e largura.



Superfície – Corresponde a um espaço bidimensional, definido pela altura e comprimento ou largura. As superfícies podem ser planas ou curvas e representam o interior e o exterior dos objectos. A superfície representa a parte externa das formas definindo a sua área.

Bidimensional – Comprimento e largura ou altura.



Forma - A forma é a representação de alguma coisa que existe ou que imaginamos. Para a definir têm que se visualizar e descrever a forma tendo em conta todos os aspectos com ela relacionada (superfície, volume, textura, dimensão, etc.)

Podemos encontrar formas:

- Produzidas pelo homem - formas geométricas (com base nas figuras geométricas triângulo, quadrado ou círculo), como por exemplo as casas, os móveis, etc.
- Orgânicas (produzidas pela natureza) - formas não geométricas como por exemplo as plantas, os animais, as árvores.

Luz e cor – Todas as formas têm cores, sem a luz não seria possível perceber as formas e as suas cores. (rever temática: Luz e Cor, no manual de Sugestões Pedagógicas da 5ª classe - Educação Visual).

Todas estas noções devem ser discutidas e observadas. Para realizar objectos tridimensionais em sala de aula pode-se optar por construções de objectos ou pela modelação. Como tal é necessário saber as várias técnicas de modelação, a maior parte delas possíveis de realizar em sala de aula. A modelação pode ser realizada com barro, pasta de papel, massa de sal, massa para bolachas e biscoitos, etc pode-se optar de acordo com as possibilidades de cada escola, os exemplos dados são direccionados para o barro mas podem ser adaptados a outros materiais. (ver Técnicas de modelação no final).

Para representarmos bidimensionalmente as formas temos que as observar em primeiro lugar de uma forma global verificando se esta se assemelha a alguma forma geométrica reconhecida. (rever temáticas: Observar e Representar e Forma, no manual de Sugestões Pedagógicas da 5ª classe - Educação Visual).

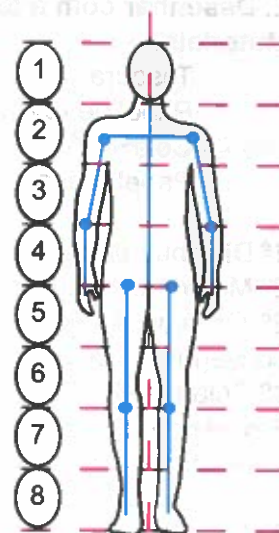
Antes de começar a esboçar as linhas de contorno de uma forma, tem que se observar a relação entre a altura, a largura e o comprimento. Por comparação podemos observar quantas vezes uma dimensão é maior ou menor que a outra,

Também para a representação do corpo humano é necessário relacionar as partes com o todo. O/A professor/a tem que ter uma noção básica de como se relacionam as proporções do corpo humano para poder orientar os alunos/as.

Existem vários tipos de referências para a proporção do corpo, a mais usual é a das oito cabeças, isto é, repetindo o comprimento da cabeça por oito obtêm-se o comprimento total do corpo. Pode-se fazer assim uma escala das várias proporções. Na sala de aula os alunos podem observar as proporções utilizando por exemplo a medida da palma da mão, ou arranjar outra medida para verificar as proporções.

Para representar o rosto humano tem que se analisar muito bem as proporções. É aconselhável realizar na sala de aula a experiência de analisar nos rostos as proporções do rosto dos alunos. Com a ajuda de um lápis ou de uma régua observar as relações de espaço que existem entre os vários elementos do rosto as proporções e determinar a localização da boca, olhos, nariz, etc..

Cada pessoa é uma individualidade, diferente da outra, no entanto existem regras que auxiliam a representação do rosto humano. Com a observação do rosto e entendendo as suas proporções torna-se depois muito fácil desenhar o rosto, estas noções são também muito importantes para a construção de máscaras, para que os orifícios destas fiquem no local certo.



Sugestões:

Os desenhos livres e de observação são muito importantes na percepção da bidimensionalidade e da tridimensionalidade. Neles os alunos aplicam as noções e os elementos definidores da forma. É aconselhável que todas as noções sejam exploradas, discutidas e apreendidas visualmente de forma serem entendidas de modo a que esse conhecimento se reflita nos trabalhos.

Sugestão de actividades:

1. Desenhar com uma linha

Materiais:

- Um pedaço de arame fino
- Lápis de carvão
- Folha de papel

- 1º É dado a cada aluno um pedaço de arame, cerca de 30 cm (+-)
- 2º É pedido aos alunos que, sem partirem o arame construam, por exemplo, um animal qualquer.
- 3º Os alunos constroem usando apenas as mãos, dobrando o arame.
- 4º É dada uma folha aos alunos na qual lhes é pedido que desenhem o mesmo animal que construíram com o arame mas sem levantarem o lápis, ou seja apenas com uma linha.
- 5º Poderão comparar-se as diferentes soluções plásticas, a bi e a tridimensional. (O arame poder ser uma material perigoso propõe-se que esta actividade seja desenvolvida com uma forte supervisão do professor).

2. Desenhar com a tesoura

Materiais:

- Tesoura
- Papel de revista ou outros papéis de cores
- Cola
- Papel branco

- 1º Distribuir pelos alunos papel de revista ou outros papeis de cores e uma folha de papel branco
 - 2º Mostrar aos alunos alguns exemplos de trabalhos com recortes
 - 3º Os alunos, sem desenharem primeiro, vão recortar as formas que pretendem de modo a conseguirem fazer uma composição.
 - 4º Colam as formas que recortaram na folha de papel.
- Em vez de recortarem, os alunos podem rasgar o papel, mas é essencial que o façam sem antes desenharem no papel o que querem recortar.

3. Construção tridimensionais

Materiais:

- Tesoura ou X-acto
- Cartão
- Papel de jornal ou folha de bananeira
- Cola

Elementos decorativos, tintas, folha de bananeira, papel de revista ou outros papeis de cores.

- 1º Cada aluno arranja uma caixa de cartão e desmonta-a.
- 2º Planificam as faces do objecto a construir que pode ser uma caixa, uma maquete de uma casa, caixote do lixo, um cenário para fantoches, etc.
- 3º Cortar com rigor todas as faces para a construção do objecto.
- 4º Unir as faces com fitas de papel de jornal com cola de forma a ficarem todas as faces unidas.
- 5º Forrar e decorar com papeis coloridos, folha de bananeira, conchas, etc.



Nota: A realização deste projecto substitui a técnica de modelação da placa ou lastra, tornando-se mais fácil a sua realização. Este exercício pode também ser desenvolvido na unidade de geometria no caso de se fazer uma caixa estrela.

4. Máscara

Existem diversas formas de fazer máscaras, para o carnaval, para a representação do Tchiloli, festas, etc.

Materiais:

- Tesoura ou X-acto
- Cartão, papel de jornal ou folha de bananeira elementos decorativos.
- Cola

- 1º Desenhar o rosto tendo em conta as proporções.
- 2º Investigar sobre o carnaval, etc.
- 3º Projecto da máscara ou mascarilha.
- 4º Realização do projecto.
- 5º Avaliação e exposição de trabalhos.

TEMÁTICA: COR/LUZ**COR - LUZ**

Ao falar da luz é inevitável falar também da cor. A cor é fortemente influenciada pela luz. Sem luz não há cor.

Tomemos como exemplo o arco-íris que resulta da decomposição da luz branca (luz do sol). Quando atravessa as gotículas da chuva surgem as sete cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta.

A luz solar é composta por um conjunto de radiações que é possível decompor utilizando um prisma de cristal (ou prisma óptico). Este decompõe a luz branca nas sete cores que a constituem (REFRACÇÃO E DIFRACÇÃO DA LUZ):



Foi Isaac Newton¹ que descobriu este fenómeno. O Arco-Íris não é mais do que a luz solar decomposta nas suas cores, sendo esta decomposição feita por gotículas de água, que funcionam como prismas.

Se observarmos o mesmo local em diferentes horas do dia podemos ver que de acordo com as alterações de luz as cores parecem-nos diferentes, torna-se fácil assim entender a importância da relação entre a luz e a cor. A cor altera-se ao longo do dia, de acordo com as variações das radiações solares. Percebemos determinada cor num objecto porque este absorve todos os comprimentos de onda, excepto o dessa cor (são excepção o BRANCO, que reflecte todos os comprimentos de onda, e o NEGRO/PRETO que os absorve na totalidade). Podemos ver o que nos rodeia porque os diversos objectos reflectem a luz que os ilumina e distinguimos os objectos uns dos outros por terem a capacidade de reflectir a luz de modo diferente.



¹ Isaac Newton (1643-1727) foi um cientista inglês, mais conhecido como físico e matemático, embora também tenha sido astrónomo, alquimista, filósofo natural e teólogo. (fonte: Wikipédia, 2009)

COR – PIGMENTO

Quando falamos de cor – pigmento estamos a falar de uma substância material que tem cor. Um pigmento na pintura é um corante seco, geralmente um pó insolúvel. Existem pigmentos naturais (orgânicos e inorgânicos) e sintéticos. Os pigmentos ao se misturarem com substâncias solúveis criam as diversas tintas. O pigmento diluído em água estamos perante a técnica de aguarela, ao unir-se parte do ovo com o pigmento designa-se de técnica de tempera a ovo, ao misturar-se com óleo temos a pintura a óleo, etc. Os pigmentos agem absorvendo selectivamente partes do espectro e reflectindo as outras. Quando unimos as diferentes cores da luz sabemos que isso vai dar uma luz branca. Mas quando unimos várias cores de tinta (pigmentos) certamente que a cor final ficará muito distante da cor branca mas sim mais próximo da cor preta. À mistura das cores pigmento chama-se aditiva isto é juntam-se várias cores de forma a criar novas cores. Os professores/as devem rever as noções básicas da cor adquiridas na 5ª classe e agora é altura de aprofundar melhor os conhecimentos.

CORES PRIMÁRIAS

Têm graus de luminosidade diferentes. O amarelo é a cor com maior luminosidade, ou seja, a que reflecte mais luz.



CORES SECUNDÁRIAS

Pela mistura proporcional de duas cores primárias obtemos uma terceira cor. A estas cores chamamos cores secundárias (laranja, violeta e verde). Existem três cores secundárias:



CORES TERCIÁRIAS OU INTERMÉDIAS

Se misturarmos em proporções variáveis ou invariáveis, duas cores, uma primária e uma secundária, obtemos uma enorme variedade de cores, às quais chamamos cores terciárias ou intermédias. Para entender a sucessão das cores de acordo com as várias misturas é necessário analisar o círculo cromático.

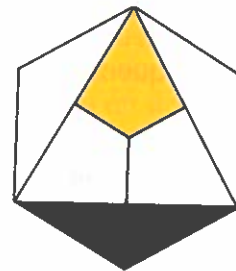
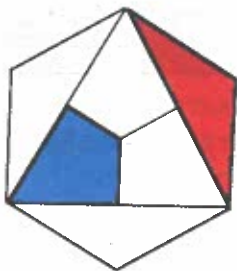


CORES COMPLEMENTARES

As **Cores Complementares** são as cores opostas no círculo cromático.



O **magenta** é complementar do **verde**.



O **azul** é complementar do **laranja**.

O **amarelo** é complementar do **violeta**.

A cor complementar de uma cor primária é a que resulta da mistura das outras duas cores primárias, e nunca uma cor primária entra na construção da cor secundária complementar. O **contraste cromático** é o efeito produzido pela relação entre duas cores.



PRETO E BRANCO

O branco e o preto não são cores mas nós vemo-las como tal. São opostas.



O **branco** é luz e é a soma de todas as cores; no entanto parece não ter cor nenhuma.

O **preto** é a ausência de luz e aparentemente não é feita de nenhuma cor; no entanto se misturarmos muitas cores conseguimos fazer o preto.



A mistura de pigmentos branco e preto em quantidades variáveis produz uma gama de cinzentos. Uma gama de cinzentos, o branco e o preto constituem cores designadas por neutras.



As variações da cor têm o nome de:

tom mais claro – quando se adiciona **BRANCO**.

tom mais escuro – quando se adiciona **PRETO**.

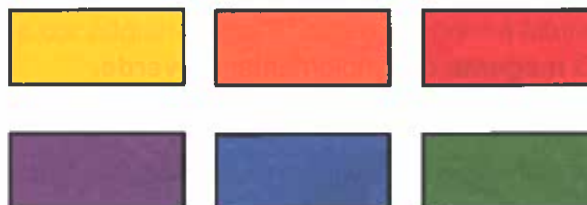


Cada cor pode apresentar um tom mais claro ou mais escuro. Podemos encontrar uma vasta gama de tons para cada cor. Quando pintamos podemos variar a saturação (o grau de pureza) da cor, adicionando-lhe preto ou branco. Para clarear juntamos branco, para escurecer adicionamos preto. Também podemos juntar gradualmente duas cores.



SIMBOLOGIA DA COR

A cor é um elemento visual que influencia o nosso comportamento e transmite mensagens e sensações. É atribuído a determinadas cores a sensação de frio e de calor. Convém rever e atribuir significados às cores, de forma a distinguir as cores frias das cores quentes.



As **cores quentes** são aquelas que nos transmitem a sensação de calor, etc.. Estas cores são normalmente associadas ao sol e ao fogo: amarelo, laranja e vermelho.

As **cores frias** são aquelas que nos transmitem a sensação de frio. Estas cores são normalmente associadas à água, ao gelo, ao céu, às árvores etc.: violeta, azul e verde.

A simbologia da cor depende de cada povo e cultura, no entanto há factores comuns que nos fazem associar as cores a ideias e sensações semelhantes. Os professores devem estimular o diálogo sobre o significado e as sensações que as cores provocam nos alunos. Por exemplo à cor vermelha está associado o dinamismo, é uma cor que nos atrai, normalmente é a cor do perigo, dos sinais de proibição, do amor, da alegria, do fogo, do sangue, etc. O verde é associado à aventura, à natureza, à calma, à esperança, etc.

Sugestões:

Esta unidade é explorada na maioria das actividades pois quase todas envolvem as cores.

Seria fundamental que os professores tivessem pelo menos uma caixa de guaches com as cores primárias, o branco e o preto, para que os alunos possam realizar experiências ou as possam visualizar no local. A realização de têmperas tal como aquarelas feitas pelos alunos também proporciona a experiência da fabricação de várias cores e a verificação dos resultados. É também aconselhável explorar de novo a unidade temática Módulo/Padrão da 5ª classe e explorar conscientemente a escolha das cores verificando contrastes e complementaridades. Podem-se também realizar desenhos e colagens por exemplo só com cores frias ou só com cores quentes, ou com cores complementares, tons, etc.

Sugestão de actividades:

1. Pintura Mistério

Materiais:

- Vela branca (ou lápis de cera branco)
- Papel branco (papel ou cartolina branca)
- Aquarela ou Guache (muito aguado) ou Tinta da China, Anilinas, Café, Chá
- Pincéis

1º É dada uma folha branca a cada aluno;

2º É dado uma vela branca ou um lápis de cera branco a cada aluno;

3º O aluno desenha livremente sobre o papel, embora o desenho não seja visível, o que requer muita concentração por parte do aluno;

4º Com um pincel, o aluno passa a aguada por cima da folha onde desenhou. Como por magia o desenho que o aluno fez vai aparecer

Nota: Como o aluno não vê o que está a desenhar, aconselha-se a que lhe seja dada a oportunidade de fazer vários desenhos para que ele possa aperfeiçoar o resultado final.

2. Círculos Mágicos

Materiais:

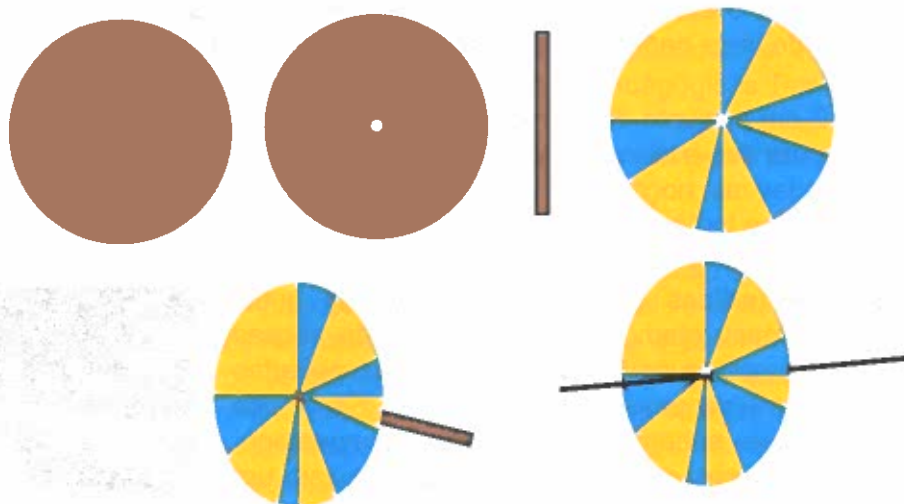
- Cartão ou cartolina
- Tesoura
- Fio e/ou pauzinho
- Papéis com cores, tintas, lápis, etc.
- Cola

1º Recortar vários círculos de cartão ou cartolina com um diâmetro de 8 cm.

2º Numa das faces criar um motivo que pode ser com colagens de papel de cor ou pintado com tintas, lápis ou canetas. Se por exemplo decorarmos o círculo com duas ou mais cores diferentes ao rodarmos o círculo rapidamente podemos observar uma terceira cor.

3º Fazer um furo no centro com a ponta de um lápis. Passar o pau ou o fio pelo centro.

4º Fazer girar o pião e observar o efeito.



3. Desenho de silhuetas

Sob o efeito da luz de de uma lâmpada ou da luz do sol, procurar uma sombra projectada sem grande distorção sobre uma parede.

Materiais:

- Papel cenário, cartolina ou cartão grande, folha de papel, etc.
- Lápis, marcador ou carvão.

1º Formam-se grupos de 2 alunos.

2º Um dos alunos faz o contorno o outro faz de modelo e no final trocam.

3º O aluno contorna sobre o papel com um lápis ou carvão a silhueta, através da sombra projectada pela luz.

4º Invertem-se os papéis e repete-se a operação.

5º Os alunos irão pintar a sua silhueta com uma só cor ou de acordo com a imaginação.

TEMÁTICA: COMUNICAÇÃO

Comunicar é transmitir aos outros ideias, pensamentos, informações, sensações através de diversos meios de expressão. Podemos comunicar de diversas formas, pela escrita, pelo desenho pela fala, pelo gesto, pela expressão, etc.

Nesta unidade deve-se rever e desenvolver de forma mais aprofundada as várias formas de comunicação visual. O professor deve rever a mesma temática “Comunicação” da 5ª classe.

A imagem é cada vez mais um elemento fundamental na comunicação podendo dar informações fundamentais para viver em sociedade. Mesmo quando estamos em silêncio e quietos podemos comunicar através das expressões faciais, se estamos tristes, alegres, etc. A natureza também comunica visualmente, tal como por exemplo, as nuvens anunciando uma tempestade, o fumo de um incêndio, o olhar para um relógio. Todas estas observações são formas de transmitir mensagens e portanto comunicação.

Tal como foi referido na temática anterior, a cor é fundamental para a comunicação. Expressar e comunicar visualmente pode ter diversas formas: desenho, pintura, cor, escultura, arquitectura, cartaz, banda desenhada, fotografia, imprensa, sinais, gestos, publicidade, expressões, faciais, etc.

Estas formas de expressão só funcionam como mensagem se forem entendidas com facilidade. Como exemplo disso temos os sinais de trânsito que são válidos e entendidos em vários locais do mundo, mas para tal é necessário conhecer o seu significado ou o seu código.

CÓDIGO - É um conjunto de regras e sinais que têm de ser conhecidos pelo enunciador e pelo destinatário para que a mensagem seja entendida.

Já foram dadas as noções de código, sinais, símbolos e pictogramas, agora resta acrescentar e distinguir o índice, o ícone e as marcas e logótipos.

ÍNDICE - Os índices são formas visuais às quais damos significado e interpretamos de acordo com as nossas experiências. Por exemplo quando se observa umas pegadas na areia sabemos que uma pessoa passou por ali. Se vemos umas nuvens muito feias sabemos que vai haver tempestade. São mensagens incompletas que indiciam, ou seja, deixam um vestígio, uma indicação. O indício acontece quando não temos a informação toda, por exemplo, não sabemos identificar a pessoa que deixou as pegadas, não prevemos quanto tempo vai demorar a chover ou se o vento leva a tempestade para longe, ou uma árvore caída que pode indiciar que houve uma tempestade.



SINAIS; SÍMBOLOS (Ver temática: Comunicação no manual de Sugestões Pedagógicas da 5ª classe - Educação Visual)

ÍCONES - São imagens que contêm em si mesmas um certo significado. Como por exemplo, a imagem de uma figura religiosa, uma estátua de um Santo ou a fotografia de um cantor conhecido. Os ícones também podem ser representações da forma de um objecto com uma certa semelhança e relação com a realidade. Como por exemplo os mapas.



MARCAS E LOGÓTIPOS - As marcas representam simbolicamente as instituições e empresas. A marca de uma empresa está sempre presente na publicidade. O logótipo refere-se à forma particular como o nome da marca é representado graficamente. É uma espécie de assinatura da empresa.

PICTOGRAMAS - Os pictogramas são símbolos que representam um objecto ou conceito por meio de desenhos figurativos esquemáticos. São utilizados fundamentalmente na sinalética. Os pictogramas são facilmente entendidos por todos, seja qual for a sua nacionalidade ou grau de instrução, ao contrário das palavras. A sinalética serve-se de pictogramas para resolver problemas de informação de forma simples, clara e rápida.

(Hoje em dia chamam-se também ícones na linguagem dos computadores aos pictogramas existentes para indicar os programas ou locais.)



Muitos dos projectos a desenvolver na disciplina podem ter que abordar estas noções fundamentais da comunicação. Os alunos não têm que decorar estes conceitos, mas sim realizar projectos em que seja necessário a criação de objectos de comunicação visual. Por vezes existe muita confusão nas definições de símbolos, ícones, sinais e pictogramas, etc, mas o importante é explorar com os alunos situações em que seja necessária a abordagem destas temáticas e consequente desenvolvimento de actividades. Na 6ª classe, ainda não deveremos exigir grande clareza nas definições mas sim no método de produzir e avaliação dos resultados. Estas definições e exemplos servem de referência aos professores para poderem clarificar questões no desenvolvimento dos projectos.

CARTAZ - O cartaz é o exemplo de um projecto a desenvolver na aula e é também um objecto fundamental da comunicação. (ver Sugestões Pedagógicas Temática da 5ª classe - Educação Visual: Temática Comunicação)

É de salientar novamente na construção do cartaz a importância da organização do espaço, do texto, da imagem e da cor.

DESDOBRÁVEL, PANFLETO, POSTAL - Além da realização de um cartaz os/as alunos/ alunas também podem realizar projectos de um desdobrável, um autocolante, um panfleto informativo, convite, postal, etc. No caso do desdobrável ou o panfleto, ao contrário do que acontece no cartaz, são meios de comunicação que se destinam a ser vistos, por uma pessoa de cada vez e com um tempo diferente. Enquanto que num cartaz o impacto e a informação têm que ser percebidas e avaliadas rapidamente e num objecto que temos na mão temos mais tempo de atenção. Tanto na realização do cartaz como na de um desdobrável terá que se ter em conta o facto de estes necessitarem de ser atraentes visualmente de forma a cativar a atenção e o interesse das pessoas. Na organização de um desdobrável deve-se ter atenção a cor, a imagem, o texto e a sua forma que pode ser variável.

A realização de autocolantes obedece às mesmas regras que a construção dos cartazes mas com dimensões muito mais reduzidas e com muito menos texto. As formas geométricas são aplicáveis podendo os autocolantes ser em formato triangular, quadrado, redondo, etc. Nos autocolantes a imagem tem que ser simples e apelativa, o texto muito simples e de leitura rápida e deve ter cores vivas e com muito contraste.

Todas as actividades desenvolvidas no âmbito desta temática podem ser muito úteis à comunidade escolar e local. Os alunos podem divulgar vários tipos de eventos com estes objectos de comunicação que podem ser, cartazes de divulgação, de festas, comemorações ou informativos e/ou desdobráveis sobre assuntos de interesse e de divulgação, como por exemplo, sobre os cuidados a ter com a prevenção da malária, sobre cuidados de higiene, com o programa de actividades de um dia festivo, etc, autocolantes comemorativos do dia da mulher, dia mundial da paz, etc. Ao explorar e realizar projectos no âmbito desta unidade estão-se a aplicar conceitos de todas as outras, no que diz respeito á cor, forma, geometria, desenho de letras, etc.

Sugestões:

Tal como foi sugerido anteriormente podem-se realizar várias actividades que desenvolvam a capacidade de comunicação visual. O professor pode desenvolver actividades sugeridas no Manual Sugestões Pedagógicas Temática, da 5ª classe - Educação Visual: Temática Comunicação. Fazer actividades que impliquem a construção de sinalética, cartazes, panfletos de divulgação, postais mensagem, etc. Na 6ª classe pode exigir-se maior rigor na construção das letras.

Sugestão de actividades:

1. BD informativa

Materiais:

Papel

Lápis

Régua

Esquadro

Papel de revistas, de embrulho, tintas, etc.

1º O professor deve recordar os alunos sobre como realizar uma banda desenhada. (ver a temática da banda desenhada (ver Sugestões Pedagógicas Temática da 5ª classe - Educação Visual: Temática Banda Desenhada).

2º O professor pode sugerir aos alunos um tema que tenha uma mensagem utilitária, como por exemplo os perigos do mar, a alimentação, cuidados e comportamentos a ter, etc..

3º Os alunos desenvolvem a ideia ou ideias escolhidas e de seguida realizam um guião indicando as vinhetas, a descrição das imagens que vão realizar e os textos.

4º Prepararam a folha ou as vinhetas de forma a depois serem coladas sobre o papel. Na realização das vinhetas com régua e esquadro convém traçar ou cortar com rigor.

5º Realizar a BD, com desenhos e ou colagens. Os desenhos podem ser recortados e colados, podem-se aproveitar recortes de revistas ou outros materiais para dar cor ou forma á imagem. Pode-se optar por fazer uma BD em formato de cartaz ou uma tira de BD para ser exposta na parede. Neste caso sugere-se que o projecto seja realizado em grupos.

2. Colagens

Materiais:

Revistas velhas

Tesoura

Cola

Papel

1º Distribui-se uma folha por cada aluno e algumas revistas pelas mesas.

2º Cada aluno escolhe uma imagem (ou mais que uma) e recorta-a

3º Cola-a(s) na folha de papel .

4º Desenha o resto do cenário à volta da imagem que colou

O professor poderá propor aqui vários enunciados para este exercício: colar uma imagem e desenhar o que está à volta; relacionar 2 objectos muito diferentes; adicionar elementos a um cenário já existente, transmitir uma mensagem, etc.

3. Montagens de objectos

Materiais:

Diferentes objectos velhos (parafusos, rolhas, frascos, tampas, caricas, restos de tecidos, fios, etc.)

Cola

1º Colocar na mesa todos os objectos à disposição dos alunos.

2º Permitir total liberdade para os alunos montarem os objectos como quiserem.

3º As montagens de objectos poderão ser pintadas e decoradas de acordo com a imaginação dos alunos. O professor poderá dar temas para os alunos fazerem as montagens, como por exemplo: os jardins, os animais, os instrumentos musicais, etc. Com o reaproveitamento dos materiais velhos pode-se comunicar para a necessidade de reaproveitamento dos materiais.

TEMÁTICA: GEOMETRIA

A Geometria é um ramo da matemática que estuda as propriedades e as dimensões das linhas, das superfícies e dos volumes, no plano e no espaço. A palavra Geometria do grego Geo= terra e Metria exprime a ideia de medição, medida.

Para fazer desenhos geométricos é necessário utilizar instrumentos adequados.

Instrumentos de desenho geométrico

Lápis - deve estar sempre afiado de forma a que os traços sejam finos.

Apara-lápis - para afiar o lápis.

Borracha - para apagar possíveis enganos.

Régua - serve para traçar linhas rectas, e para efectuar as medições.

Esquadro - serve para traçar linhas rectas perpendiculares.

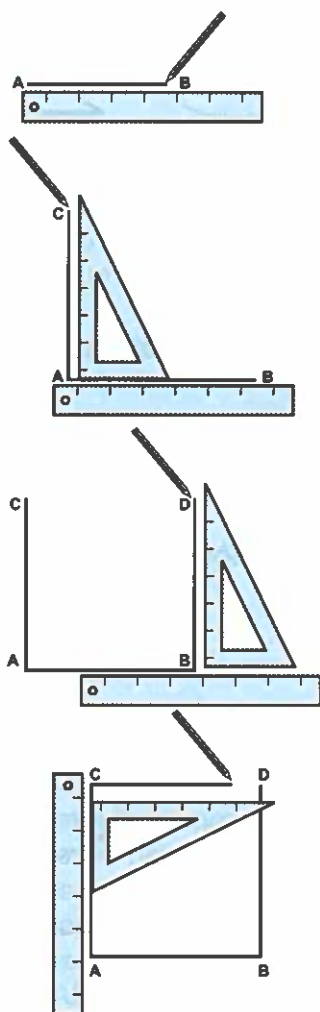
Transferidor - para medir os ângulos e é graduado em graus.

Compasso - instrumento para traçar arcos de circunferência e também para transportar e comparar medidas.

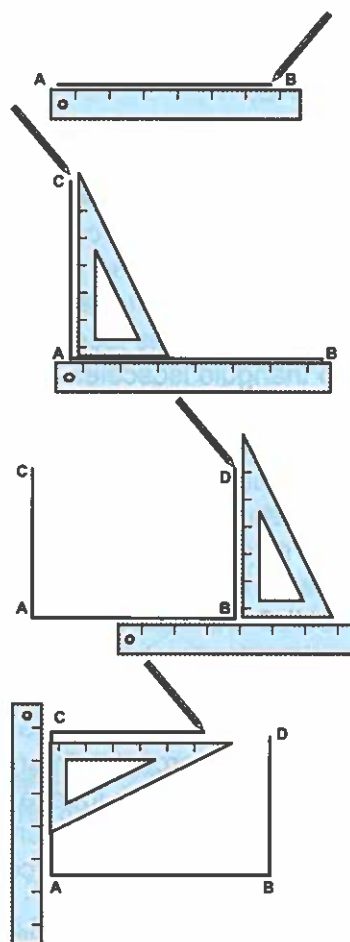
Rever toda a matéria em Sugestões Pedagógicas Temática da 5ª classe - Educação Visual: Temáticas: Ponto - Recta e Forma.

QUADRADO

O quadrado é um polígono rectângulo, com quatro lados todos iguais que formam entre si ângulos rectos.

**RECTÂNGULO**

O rectângulo é um polígono rectângulo, que tem lados opostos e paralelos mas dois lados de uma dimensão e outros dois de outra. Os lados formam entre si ângulos rectos.



Para a construção de triângulos é necessário saber determinar e representar os ângulos, esta aprendizagem também é comum à disciplina de matemática na 5ª classe, tendo naturalmente os alunos algum conhecimento sobre o transferidor e a determinação de ângulos.

ÂNGULO - é o espaço entre duas linhas ou dois planos que se cruzam ou que se cortam.

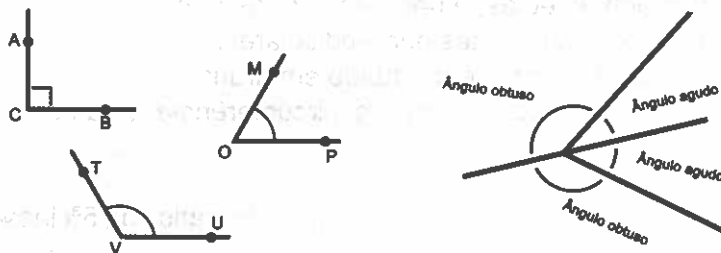
Os ângulos podem ser:

ÂNGULO AGUDO - ângulo que mede menos de 90° (exemplo: MOP)

ÂNGULO RECTO - ângulo que mede 90° (exemplo: ACB)

ÂNGULO OBTUSO - ângulo que mede mais de 90° e menos de 180° . (exemplo: TVU)

ÂNGULO RASO - ângulo que mede 180°



TRIÂNGULO - O triângulo é um polígono com três lados, é de todos os polígonos o que tem o menor número de lados. Os triângulos são formados por três lados e três ângulos.

Existem vários tipos de triângulos:

TRIÂNGULO RECTÂNGULO

O triângulo rectângulo tal como o nome indica tem um ângulo recto.

Os seus lados podem ser todos diferentes, ou dois iguais e um diferente.

TRIÂNGULO EQUILÁTERO

O triângulo equilátero tem os três lados iguais.

Para construir o triângulo equilátero:

1º traçar um lado AB;

2º com a abertura do compasso igual ao lado AB, faz o centro em A e traça um arco de circunferência;

3º repetir a operação anterior mas agora com o centro em B. O ponto de intersecção dos dois arcos é o ponto C.

4º unir o ponto C ao ponto A e ao ponto B.

TRIÂNGULO ISÓSCELES

O triângulo isósceles tem dois lados iguais e um diferente.

Para construir o triângulo isósceles:

1º traçar um lado AB;

2º com a abertura do compasso igual à medida do lado AC e com o centro em A, traçar um arco de circunferência.

3º repetir a operação a partir do ponto B. O ponto de intersecção dos dois arcos é o ponto C.

4º unir C com A e com B.

TRIÂNGULO ESCALENO

O triângulo escaleno tem os três lados todos diferentes.

1º traçar um lado AB;

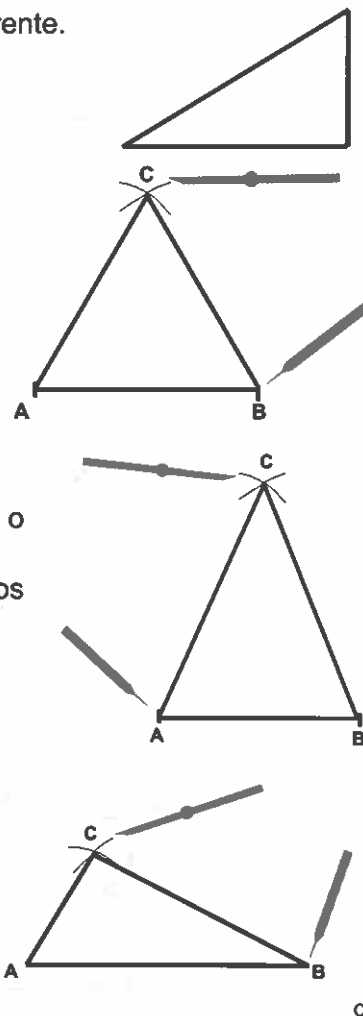
2º com a abertura do compasso igual à medida do lado AC e com o centro em A, traçar um arco de circunferência.

3º com a abertura do compasso igual á medida do lado BC e com o centro em B, traçar um arco de circunferência.

4º O ponto de intersecção dos dois arcos é o ponto C.

5º unir C com A e com B.

(terão que ser dadas as medidas dos três lados para construir desta forma triângulo)



CIRCUNFERÊNCIA E CÍRCULO

Circunferência é uma linha curva plana, fechada, que tem todos os seus pontos a igual distância de um ponto central

Círculo é a porção da superfície compreendida por uma circunferência.

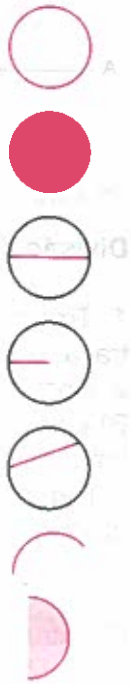
Diâmetro é o segmento de recta que une dois pontos da circunferência passando pelo centro.

Raio é o segmento de recta que une o centro a qualquer ponto da circunferência.

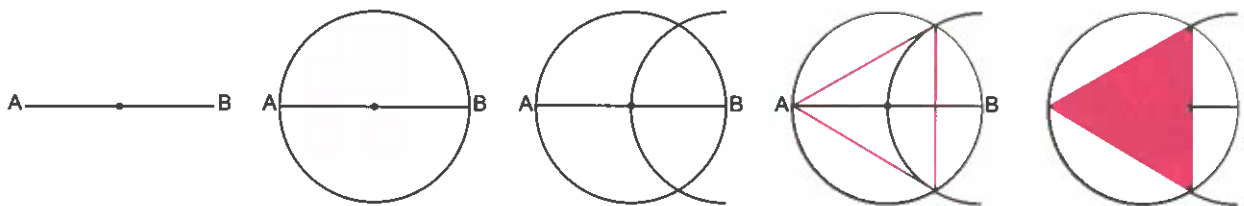
Corda é um segmento de recta que une dois pontos da circunferência sem passar pelo centro.

Arco é uma qualquer porção da circunferência.

Semicircunferência é a porção da circunferência limitada pelo centro.



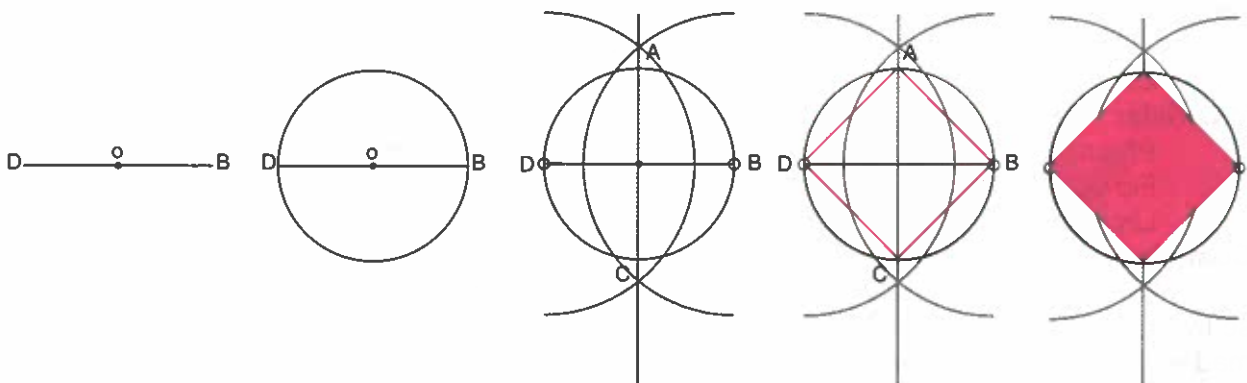
Divisão da Circunferência em três partes iguais: Triângulo



1. Traçar o diâmetro da circunferência.

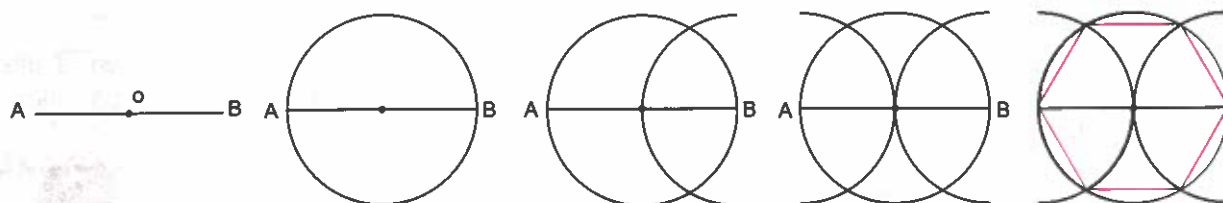
2. Com a ponta seca do compasso numa das extremidades do diâmetro (A ou B) e com a ponta de lápis do compasso ir ao centro da circunferência e traçar um arco. Esse arco corta a circunferência em dois pontos que vão definir o triângulo.

Divisão da Circunferência em quatro partes iguais: Quadrado



1. Traçar o diâmetro da circunferência. Com a ponta seca do compasso colocado numa das extremidades do diâmetro (D ou B) abre o compasso numa medida maior do que o centro (O) e marca pequenos traços auxiliares, como se vê na figura.

2. Repetir a operação anterior mas agora para o outro ponto do diâmetro. Assim obtém dois pontos auxiliares que ligados vão permitir encontrar mais dois pontos na circunferência (A e C). Liga os pontos ABCD e obténs um quadrado.



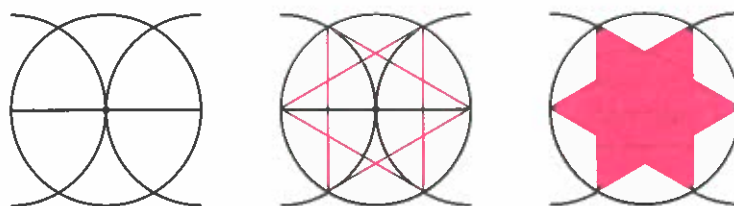
Divisão da Circunferência em seis partes iguais: Hexágono

1. Traçar o diâmetro AB da circunferência na horizontal. Com o centro em o traçar a circunferência.
2. Com a ponta seca do compasso numa das extremidades do diâmetro (A ou B) e com a ponta de lápis do compasso ir ao centro da circunferência e traçar um arco. Esse arco corta a circunferência em dois pontos.
3. Repetir a operação com a ponta seca do compasso na outra extremidade do diâmetro.
4. Unir todos os pontos que tocam a circunferência e terá o hexágono.



Construção de Estrela de 6 bicos

Seguindo o mesmo procedimento da divisão da circunferência em seis partes como para a construção do hexágono pode-se construir uma estrela de 6 bicos.



Sugestão de actividades:

1. Compasso de Prego

Para compreender como fazer a divisão da circunferência pode-se fazer a vez do compasso com um prego um cordel e um lápis. Também se pode fazer estes exercícios e exemplificações num terreno plano de terra batida, com um prego grande uma corda e um pau que perfure a terra de forma a ficar visível o sulco, e com uma ripa de madeira fazer a vez da régua. Assim torna-se uma forma divertida e de fácil visualização esta aprendizagem. Esta técnica é muito útil para marcar os campos de futebol, para fazer círculos grandes em superfícies de cartão, para fazer caixas, etc.

Materiais:

- Prego
- Fio ou cordel
- Lápis ou pau

Como fazer:

Numa ponta do prego ou piones atar um fio, na outra ponta do fio atar um lápis (ou pau se for no chão de terra ou areia molhada). Numa superfície própria (por exemplo uma placa de madeira) para pregar o prego colocar uma folha de papel, ao centro da folha poisada sobre a placa pregar o prego com o atilho do fio, na outra extremidade e com o fio do tamanho do raio da circunferência atar o lápis. Com o fio bem esticado fazer rodar o lápis em torno do prego e riscar a circunferência no papel.

2. Módulo

Ver Manual Sugestões Pedagógicas Temática da 5ª classe - Educação Visual: Temática Módulo Padrão.

TÉCNICAS E MATERIAIS

Medir- consiste na marcação de uma medida entre dois pontos.

Traçar - é o acto de unir dois pontos com a ajuda de régua e esquadro.

Cortar - consiste em separar com a ajuda de um x-acto ou da tesoura duas ou mais partes do material a cortar.

Recortar - é a técnica de cortar o contorno de uma figura que tenha linhas curvas ou quebradas. Pode-se recortar com a tesoura ou o x-acto.

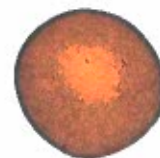
Meio-corte - consiste na execução de um corte ao de leve que corte apenas metade da espessura do material. Serve para fazer facilmente dobragens em cartão e cartolinas grossas, faz-se o meio corte com um x-acto.

Agrafar - permite unir duas folhas com agrafos de arame. É executado com um agrafador.

Colar - a colagem permite unir duas ou mais superfícies com a ajuda da cola. Deve-se seleccionar a cola adequada ao material a colar.

Técnicas de Modelação

As técnicas de transformação que se utilizam na modelação a partir de sólidos geométricos são a "repuxagem" e a "ligação de peças". Fazer um animal ou outra figura, a partir destas técnicas, é das formas mais antigas de trabalhar este material.



Repuxagem

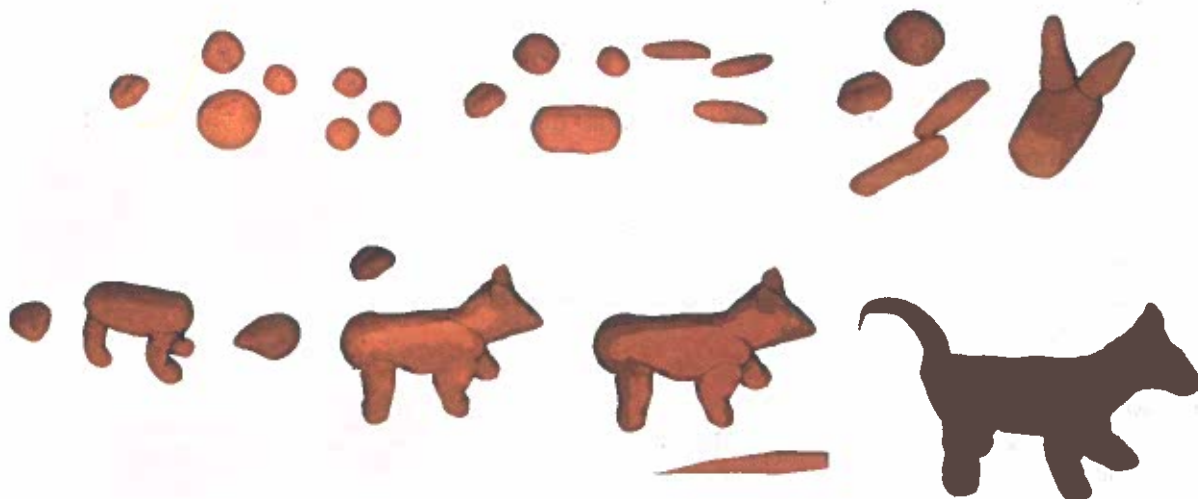
Fazer um sólido geométrico (cilindro) e repuxar todas as partes que constituem o animal.

Puxar a parte de cima da cabeça, depois as patas e assim sucessivamente.

Ligação de Peças

Pode também colar cada uma das partes que constituem o animal.

Colar, as patas, a cabeça, a cauda, até concluir a figura. Depois é só alisar e ver alguns pormenores que faltem. Por fim pode decorá-lo e pô-lo a secar (para depois ser cozido na mufla no caso do barro ou no forno). Pode ainda ser pintado.



Técnica da Bola

Fazer um recipiente, a partir de uma bola de barro, é uma das técnicas mais antigas de trabalhar este material.

O barro é amassado e não deve estar, nem muito húmido nem muito seco.

Não deve aderir aos dedos, nem deve abrir rachas quando comprimido.

Fazer uma bola de barro rolando-o na mão.

Furar a bola com o dedo e adelgaçando a bola progressivamente.

Cortar o bordo com uma faca e alisando-o.

Passar uma esponja pelo recipiente até ficar liso.

Deixar secar antes de cozer. Podendo depois pintá-lo ao gosto.



Técnica do Rolo

Pode com esta técnica fazer qualquer objecto cilíndrico, desde tigelas, vasos, canecas ou outro objecto.

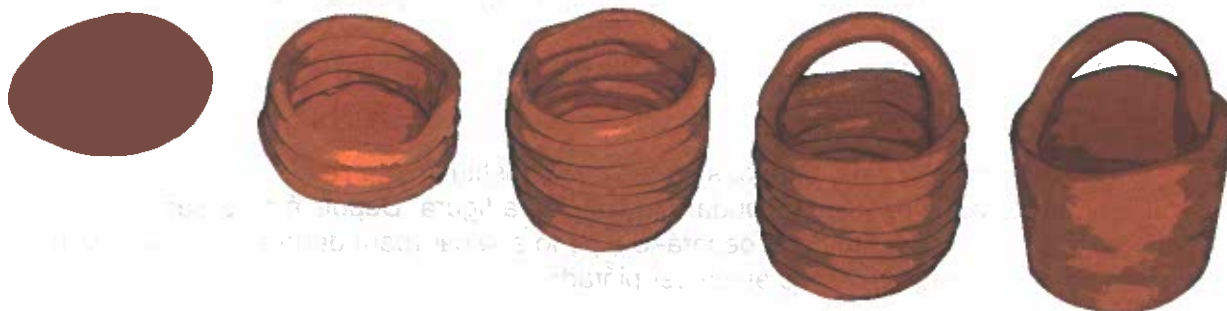
O processo é :

Com um pedaço de barro fazer rolinhos de espessura idêntica.

Formar a base como se fosse um caracol.

Prepare as faces alisando-as.

Colocar os rolinhos em cima uns dos outros, reduzindo o diâmetro. Alise se quiser e depois deixar a secar. Vai depois à mufla para cozer. Pinte ou decore.



Técnica da Placa ou Lastra

A técnica da placa é a mais apropriada para peças de faces direitas.

Começar por fazer uma placa com o auxílio de um rolo e duas ripas de madeira.

Com o auxílio de uma faca cortar a placa, é conveniente o uso de um esquadro para que os ângulos tenham 90°.

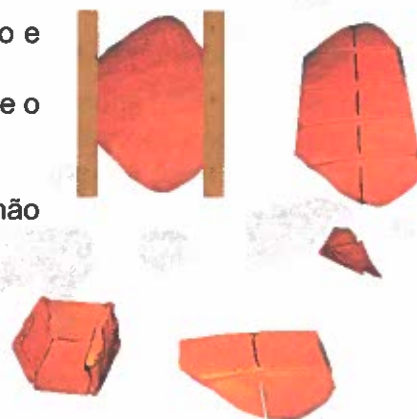
Repetir a operação para as restantes placas.

Executar quatro placas para as paredes, uma para o chão e uma para a tampa.

Humedecer os bordos da placa da base, após o acerto dos lados.

Começar a colocar as paredes laterais.

Colocar a parede seguinte, humedecendo o canto e ajustar com a faca.



Colocar pequenos rolos, para reforço, junto das paredes. Fazer a tampa. Deixar a peça a secar antes da cozedura.



Roda de Oleiro

Técnica ancestral para fazer qualquer objecto cilíndrico, desde tigelas, vasos, canecas ou outro objecto decorativo. O processo descrito é o mesmo para qualquer peça. Amassa bem o barro para ficar com homogeneidade.

Depois com muito cuidado, centrar o barro na roda. Deixar que a roda rode com as mãos de lado para centrar a peça. Iniciar a peça com uma abertura ao centro. Com os dedos pressionar no centro, para fazer a abertura. As mãos devem estar húmidas.

Vai-se puxando levemente, formando um cilindro. Não esquecer que a roda tem que estar a rodar. Depois dar a forma desejada à peça, alargando ou estreitando, encurtando ou alongando.

A seguir à fase de acabamento Alisar com uma esponja toda a peça.

Por fim, com um garrote retirar a peça da roda.

Antes de ir à Mufla para fazer a cozedura, a peça tem que estar muito bem seca.

Nota: Esta técnica requer uma roda de oleiro, não é realizável na sala de aula.



RECURSOS PARA A EDUCAÇÃO VISUAL:

| materiais | pigmentos | matérias |
|--------------|-----------------------------|--------------------|
| Papel | Chá | Folha de bananeira |
| Pincéis | Café | Corda de bananeira |
| Lápis | Carvão | Folha de milho |
| Marcadores | Açafrão | Pedras |
| Lápis de cor | Telha | Areia |
| Esquadro | Barro | Conchas |
| Régua | Folhas | Madeira |
| Transferidor | Flor de hibisco | Serradura |
| Compasso | Sementes de folha de tarta- | Folhas secas |
| Guaches | ruga | Escamas de peixe |
| Cola | etc. | Casca de coco |
| Tesoura | | Barro |
| | | etc. |

TINTAS

Os pigmentos podem ser misturados com água (aguarela) água, óleos, ovo (semelhante ao guache mas com mais transparência), cola branca (cola branca com água semelhante ao acrílico) ou rezinas.

Realizem pinturas e experiências de misturas de cores para melhor compreender o fenómeno da adição de cores.

Têmpera

A têmpera foi bastante utilizada na Idade Média. É uma forma de fabricação de tinta que pode ser experimentada na sala de aula e produzir pinturas.

Materiais:

- 1 gema de ovo (sem a película);
- 1 colher de café de pigmento (pode ser terra, pó de café, pó de giz, pó de tijolo, pó de plantas secas, pó de açafrão, etc.);
- 1 gota de óleo de cravo ou vinagre - que não deixa a gema estragar;
- Água

Modo de preparar:

Prepare os pigmentos que podem ser extraídos de plantas, giz, tijolo etc. e triture num almofariz até ficarem em pó muito fino.

Quebre o ovo e separe a gema da clara tenha o cuidado de tirar a película muito fina que envolve a gema. Pode colocar a gema em uma peneira para retirar a película.

Acrescente o pigmento, algumas gotas de óleo ou de vinagre e por último a água.

Fazer várias tintas com vários pigmentos de cores diferentes.

A tinta resultante terá relativa opacidade (menor que guache; maior que aguarela) e pode ser diluída à vontade. Esta tinta tem aderência em vários suportes, pode ser aplicada sobre madeira, tecido, papel, cartão, etc..

COLA DE FARINHA

Materiais:

- 7 colheres de sopa de farinha
- 1 colher de sopa de vinagre
- 1 litro de água

Modo de preparar:

Ferva 3/4 da água numa panela grande. Misture separadamente numa tigela, 1/4 da água fria com a farinha até dissolver totalmente. Deite a mistura com farinha e adicione o vinagre na água ferver e mexa por 5 minutos até engrossar.

MASSA DE SAL

Materiais:

- Farinha
- Sal grosso
- Água
- Copo medidor
- Almofariz
- Pincel
- Tinta

Modo de preparar:

Em primeiro lugar fazer a massa de sal como indicado na receita:

Ingredientes: 2 copos de farinha, 1 copo de sal, 1 copo de água. Num recipiente deitar a farinha e o sal.

Deitar a água devagar e misturar muito bem. A massa não deve ficar com grumos ou bolhas de ar. Se for necessário adicionar mais água.

Trabalhar a massa e fazer formas diversas como bonecos, letras, etc.

Levar ao forno a cozer a massa.

Depois pintar ou adicionar elementos decorativos.

PASTA DE PAPEL

Materiais:

- Papel e cartão
- Água
- Balde ou alguidar
- Pano
- Cola de madeira (cola branca)

Modo de preparar:

Cortam-se pedacinhos de papel e cartão (de embalagens fininhas) para dentro de um balde.

Junta-se água e deixa-se de molho até o papel se desfazer.

Com a mão, retira-se o papel amolecido para dentro de um pano. Aperta-se bem o pano para que toda a água saia.

Côa-se a água do balde com um passador, aproveitando-se assim todos os pedacinhos de papel.

Coloca-se a massa de papel num recipiente e junta-se um pouco de cola de madeira (branca). Amassa-se bem e utiliza-se de imediato.



EDUCAÇÃO MUSICAL

Introdução

O trabalho a desenvolver na 6ª Classe vem na continuidade do trabalho realizado nos anos anteriores, em particular, na 5ª Classe. Assim e à semelhança do que aí acontece, a Educação Musical da 6ª Classe organiza-se em torno dos mesmos quatro domínios - **Desenvolvimento auditivo, Teoria e código musicais, Criação e experimentação e Prática musical de conjunto** – os quais deverão ser trabalhados de forma integrada.

No sentido de facilitar a planificação e a dinamização das aulas de Educação Musical, Chamamos a atenção para a necessidade de ter em conta os aspectos enunciados nas páginas 58 e 59 do Livro de Sugestões Pedagógicas para a 5ª Classe.

Como não poderia deixar de ser, a diferença da 6ª Classe relativamente à 5ª reside fundamentalmente no grau de dificuldade das tarefas a realizar, já que se parte do princípio que o trabalho realizado na 5ª Classe permitiu o desenvolvimento das capacidades musicais e performativas dos alunos.

Para além desta diferença, que parece óbvia e inevitável, a 6ª Classe contempla também uma dimensão mais teórica, que pretende alargar o leque de conhecimentos dos alunos, nomeadamente, dando a conhecer alguns instrumentos e géneros musicais. A abordagem destas temáticas deve, contudo, ser feita a partir dos domínios em torno dos quais se organiza o Programa para estes dois anos de escolaridade. E se é verdade que elas implicarão, inevitavelmente, alguns momentos de carácter mais expositivo ligados à explicação feita pelo/a professor/a, insistimos na necessidade de, dando continuidade ao trabalho já iniciado no ano anterior, estimular o trabalho autónomo dos alunos, motivando-os para, dentro do seu âmbito geográfico, recolher músicas e canções e pesquisar sobre a música tradicional de São Tomé e Príncipe, nomeadamente, procurando conhecer os diferentes géneros musicais, os instrumentos tradicionais, bem como os diferentes tipos de agrupamentos vocais/instrumentais.

Este trabalho constituirá, certamente, um contributo relevante para o desenvolvimento da autonomia e do sentido de responsabilidade dos alunos. Tal acontecerá, sobretudo, se cada escola se envolver nesse trabalho, assumindo-o como parte integrante do projecto da instituição que, dessa forma, estará a contribuir para a preservação e divulgação do património musical do País. Projectos como o que foi sugerido na página 68 do Livro da 5ª Classe, estimulando o intercâmbio e a partilha de saberes e experiências entre as diferentes escolas, revelar-se-ão fundamentais para a criação de uma dinâmica cultural que, assente no envolvimento e participação activa dos alunos, terão um papel muito importante na sua formação.

Centrando-nos agora nas questões de operacionalização dos objectivos e conteúdos do Programa, procederemos aqui, tal como aconteceu no Livro da 5ª Classe, à sugestão de algumas actividades, insistindo, mais uma vez, na necessidade de ser o/a professor/a, cada vez mais, a propor actividades pensadas por si para os seus grupos de crianças, sem, contudo, perder de vista os objectivos que se pretende atingir ao nível da Educação Musical neste nível de ensino.

Também aqui, como aconteceu anteriormente, as actividades que propomos vão aparecer distribuídas pelos 4 domínios organizadores, apesar de, na maioria dos casos, cada uma delas tocar um ou mais domínios para além daquele onde aparece mencionada. Como já tivemos oportunidade de referir, tal facto resulta da natureza integradora da música e apresenta múltiplas vantagens na perspectiva de um desenvolvimento musical global.

Antes de passarmos a descrever algumas propostas de actividades, gostaríamos de chamar a atenção para o seguinte:

1º Quando se trate de actividades já descritas no Livro da 5ª Classe, apenas se enunciará essa actividade, já que a forma como a mesma se deve desenrolar já é do conhecimento do/a professor/a. Assim, para uma actividade já conhecida, só haverá descrição ou será dada alguma explicação relativamente a aspectos novos, ou sempre que esteja em causa o aprofundamento de conhecimentos anteriores. Quanto aos exemplos musicais, eles aparecerão sempre que se trate de uma actividade mais complexa.

2º Por tudo quanto foi dito no parágrafo anterior, o/a professor/a de Educação Musical deverá ter sempre consigo, no momento de planificar as suas aulas, os Livros de Sugestões Pedagógicas da 5ª e 6ª Classes, já que os mesmos se complementam.

Desenvolvimento auditivo

1. Reprodução de frases melódicas

A voz é, aqui, o principal instrumento a utilizar para a realização do exercício. Todavia, se o/a professor/a tiver à sua disposição um instrumento melódico, como uma flauta, um jogo de sinos, um xilofone ou metalofone, um teclado, etc, poderá também utilizá-lo. O recurso a um instrumento melódico será particularmente importante nos casos em que o/a professor/a tenha grandes dificuldades em entoar sequências melódicas. É uma estratégia eficaz e que permite não privar os alunos de um tipo de exercício importante para o seu desenvolvimento auditivo

2. Reprodução de frases rítmicas (vd. pág. 59 - Livro 5ª Classe)

NB. *Estes exercícios aparecem desde o 1º ano de escolaridade. Numa lógica de evolução, eles deverão ser progressivamente mais complexos e mais extensos, mas sem perder de vista aquilo que os alunos são capazes de fazer. Quer para o exercício 1, quer para o exercício 2, deverão ser feitas, pelo menos, 3 sequências na mesma aula.*

3. Jogo dos timbres

Este jogo pode ser realizado de várias formas, cabendo também ao/a professor/a ser criativo, adequando-o ao(s) seu(s) grupos de alunos. Sugerimos aqui uma variante àquele que foi apresentado no Livro da 5ª Classe. Em vez de apenas um instrumento de cada vez, serão feitas também combinações de 3, 4 ou 5 instrumentos, o que implica que coexistam diferentes timbres. Para facilitar a realização da actividade, o/a professor/a poderá chamar para perto de si um grupo de 10 alunos, todos com instrumentos diferentes, que se colocarão em frente da turma, mas de costas para os colegas, que deverão estar com os olhos fechados. O/A professor/a, de forma tão discreta quanto possível, escolherá os instrumentos que compõem cada combinação. Realizado desta forma, o exercício exige uma maior capacidade de discriminação auditiva por parte dos alunos, pois têm de identificar todos os sons que estão a ser executados em simultâneo.

4. Ditados melódicos (vd. pág. 60 - Livro 5ª Classe)

É válido também para este exercício o que foi referido a propósito da actividade “Reprodução de frases melódicas”.

O recurso a um instrumento melódico será uma estratégia viável e desejável nos casos em que o/a professor/a tenha dificuldade em entoar sequências melódicas de forma afinada. Mais uma vez, permitirá não privar os alunos de um tipo de exercício importante para o seu

desenvolvimento auditivo. Relembramos que no contexto deste exercício a identificação das notas é feita oralmente,

Não esquecer um pormenor muito importante: antes de iniciar a entoação (no caso de a fazer com a voz) ou a execução instrumental da frase deve-se sempre dizer qual é a primeira nota da sequência.


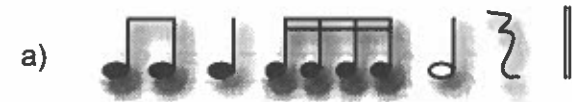







5. Sequências de frases previamente escritas no quadro

No quadro, encontra-se escrito um conjunto de frases (4 a 6). Essas frases tanto podem ser rítmicas, como melódicas ou melódico-rítmicas. A forma de trabalhar essas frases encontra-se amplamente descrita no Livro das Sugestões Pedagógicas para a 5ª Classe, pelo que remetemos para lá (vd. pág. 60 e 61).

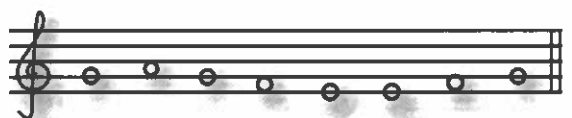
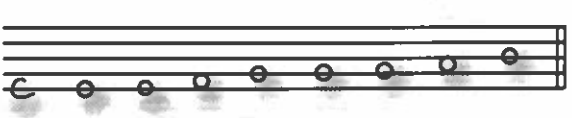

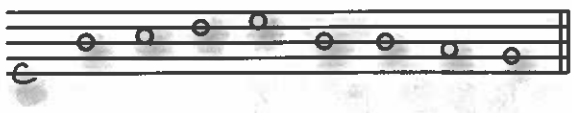
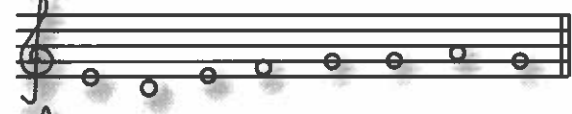
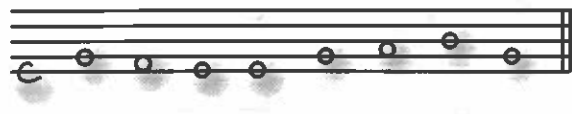
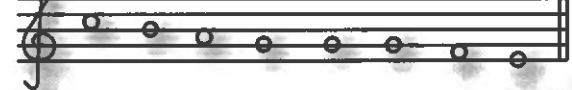
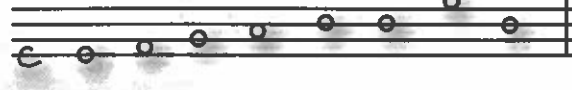
A título exemplificativo deixamos aqui alguns exemplos destas sequências, podendo sempre o/a professor/a criar outras.

Exemplos:

Sequências rítmicas

| | | | |
|----|---|----|--|
| a) |  | a) |  |
| b) |  | b) |  |
| c) |  | c) |  |
| d) |  | d) |  |
| | | e) |  |

Sequências melódicas

| | | | |
|----|---|----|--|
| a) |  | a) |  |
| b) |  | b) |  |
| c) |  | c) |  |
| d) |  | d) |  |

Frases melódicas

Four staves of musical notation. The first two staves are in common time (C) and feature chords. The first staff has a common time signature 'C' and contains chords on the 2nd, 3rd, 4th, 5th, and 6th lines. The second staff is in treble clef and contains chords on the 1st, 2nd, 3rd, 4th, 5th, and 6th lines. The third staff is in common time (C) and contains chords on the 1st, 2nd, 3rd, 4th, 5th, and 6th lines. The fourth staff is in treble clef and contains chords on the 1st, 2nd, 3rd, 4th, 5th, and 6th lines.

Frases melódico-rítmicas

Three staves of musical notation. The first staff is in common time (C) with a 2/4 time signature and contains eighth notes. The second staff is in treble clef with a 2/4 time signature and contains eighth notes. The third staff is in treble clef with a 3/4 time signature and contains eighth notes.

Cânones

First example of a canon in 4/4 time. It consists of two parts: Part 1 starts with a quarter rest followed by four eighth notes; Part 2 starts with a quarter rest followed by four eighth notes. Both parts end with a half note. The first measure of Part 1 is numbered '1' and the first measure of Part 2 is numbered '2'.

Second example of a canon in 3/4 time. It consists of two parts: Part 1 starts with a quarter rest followed by three eighth notes; Part 2 starts with a quarter rest followed by three eighth notes. Both parts end with a half note. The first measure of Part 1 is numbered '1' and the first measure of Part 2 is numbered '2'.

Teoria e código musicais

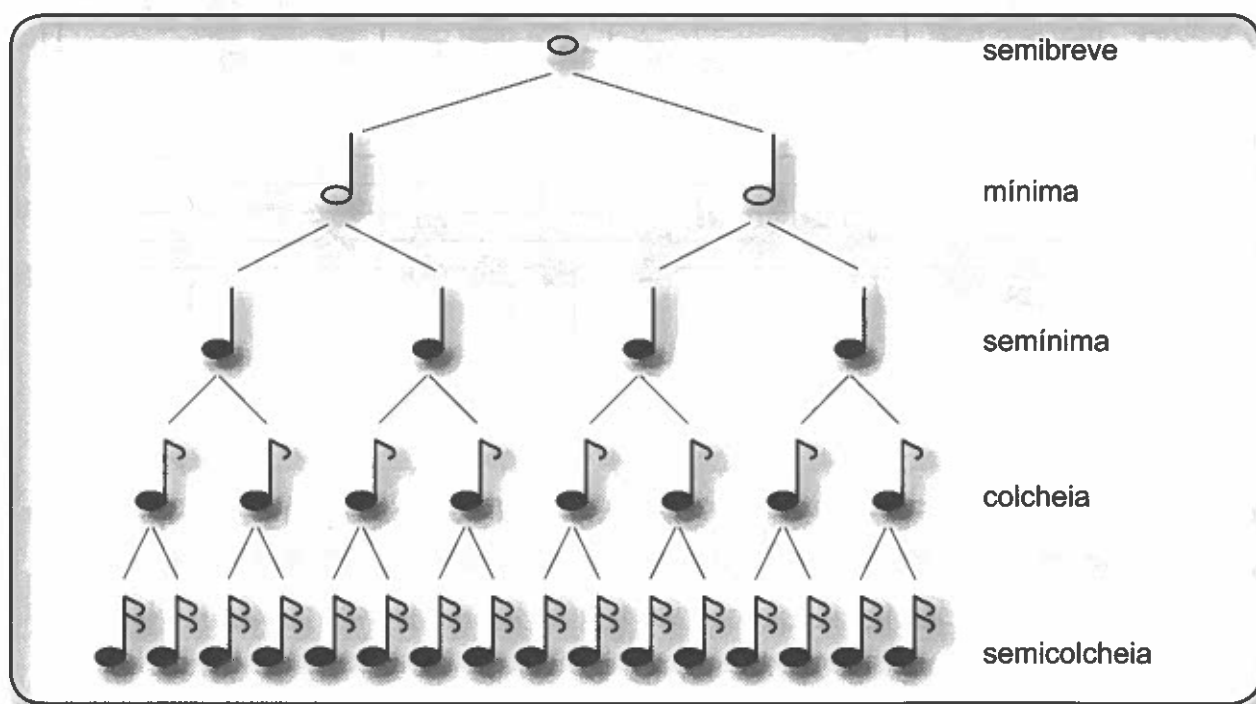
Dado que no Manual do Aluno não existe qualquer espaço dedicado à Música, que permita aos alunos relembrar conhecimentos ou esclarecer dúvidas, sugerimos aos professores a elaboração de alguns cartazes em cartolina, que sintetizem todo um conjunto de informação e conhecimento em matéria musical. Esses cartazes, deverão ser afixados em local visível na sala, para que os alunos, sempre que necessitem, possam recorrer a eles. Se for possível colocá-los em lugar acessível, poderão ser utilizados durante as aulas, facilitando o trabalho do/a professor/a, que não terá que escrever tanto no quadro. É o caso do cartaz com os 3 diagramas-pauta, que oferece três possibilidades diferentes para realizar leituras melódicas. Fazer essas leituras fazendo variar a clave e, conseqüentemente, a posição das notas na pauta, é um exercício muito bom para desenvolver a agilidade de leitura e que, normalmente, é muito do agrado dos alunos, pelo desafio que constitui. Parece-nos importante que a "Música" tenha uma presença física permanente dentro da sala de aula.

Assim, sugerimos que os professores elaborem os seguintes cartazes, independentemente de outros que entendam necessários e pertinentes para o sucesso das aprendizagens dos seus alunos:

Cartaz no 1

Figuras Rítmicas e sua relação (permite trabalhar a Matemática, nomeadamente, os conceitos de metade, dobro, quarta-parte, quádruplo, etc. Ex: a mínima vale metade da semibreve, o dobro da semínima e o quádruplo da colcheia)











Figuras rítmicas e sua relação



N.B.: A semibreve vale tanto como 2 mínimas, 4 semínimas, 8 colcheias e 16 semicolcheias












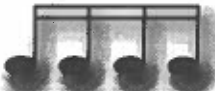
Cartaz no 2

Figuras rítmicas e respectivas pausas

| | | | |
|---|---|--|-----------------------|
|  | → |  | pausa de semibreve |
|  | → |  | pausa de mínima |
|  | → |  | pausa de semínima |
|  | → |  | pausa de colcheia |
|  | → |  | pausa de semicolcheia |

Cartaz no 3

Valor das figuras rítmicas e respectivas pausas tomando a semínima como unidade de tempo

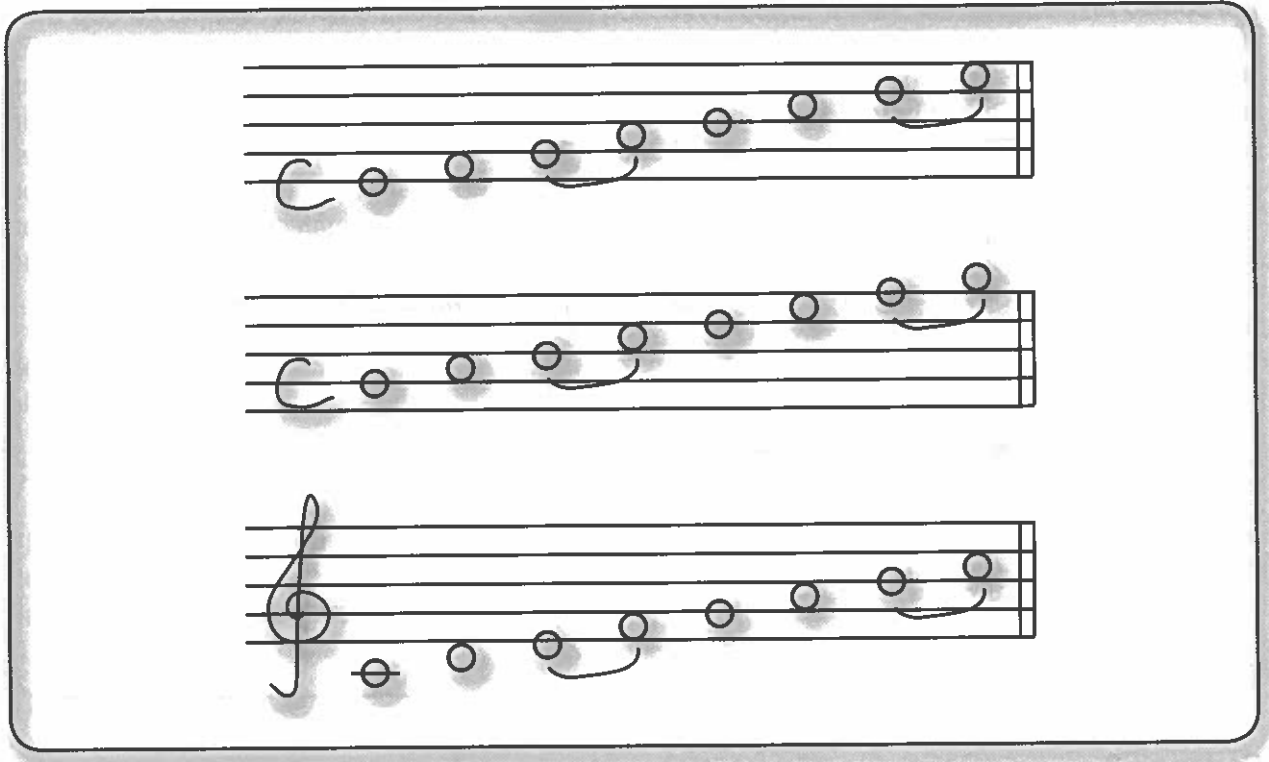
| | | | |
|---|---|---|---|
|  | / |  | = 4 tempos |
|  | / |  | = 2 tempos |
|  | / |  | = 1 tempo |
|  | / |  | = 1/2 tempo ⇒  = 1 tempo |
|  | / |  | = 1/4 tempo ⇒  = 1 tempo |

N.B.: A semínica é, aqui, a figura que vai valer 1 tempo

Cartaz no 4 - Diagramas-pauta

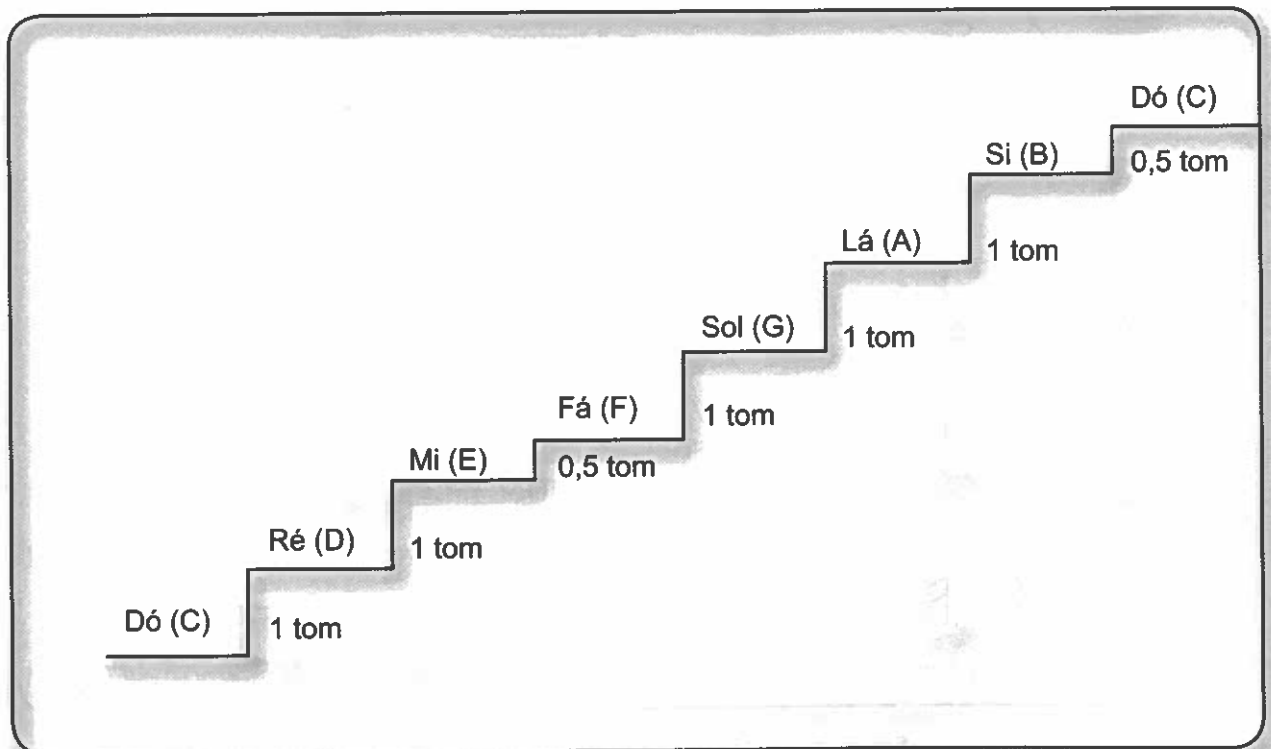
(porque todos os diagramas que contém já são do conhecimento dos alunos, deve ser afixado logo no início do ano e, de preferência, em lugar acessível para poder ser utilizado nas aulas)

Diagramas - pauta



Cartaz no 5

Distância entre as notas musicais e Representação alfabética das notas musicais



Cartaz no 6

Famílias de instrumentos

Instrumentos de teclas

Ex: piano, órgão

Instrumentos de corda● **de corda friccionada**

Ex: violino, contrabaixo

● **de corda dedilhada**

Ex: guitarra, harpa

Instrumentos de sopro● **do grupo das madeiras**

Ex: flauta, clarinete

● **do grupo dos metais**

Ex: trompete, trombone

Instrumentos de percussão● **de som de altura definida**

Ex: jogo de sinos, xilofone

● **de som de altura indefinida**

Ex: triângulo, tambor

Feita esta introdução, passamos agora à sugestão de actividades:

1. Adivinhas a partir de frases escritas no quadro

(vd. pág. 62 - Livro 5ª Classe)

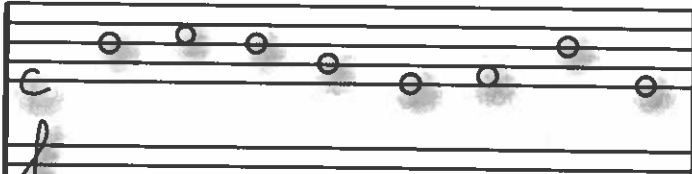
NB. Para a realização deste exercício, também poderão ser usados conjuntos de frases já trabalhados, quer na 5ª quer na 6ª classes, a propósito da actividade denominada Sequências de frases previamente escritas no quadro, que integra o domínio **Desenvolvimento auditivo**.

2. Exercícios de transcrição

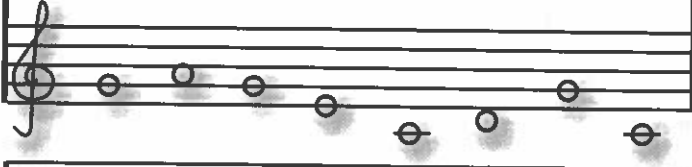
Estes exercícios aparecem descritos no Livro da 5ª Classe (vd. pág. 63). Por isso, limitá-
-nos-emos a deixar aqui algumas propostas.

Exemplos:

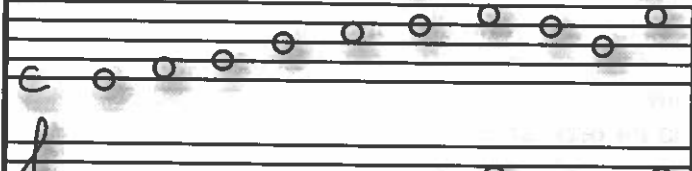
Dado:



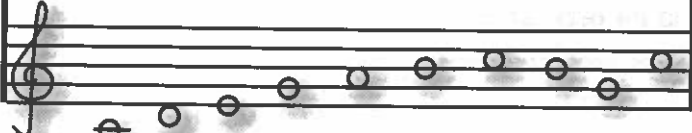
Transcrição:



Dado:



Transcrição:



The image shows two examples of musical exercises. Each example consists of a 'Dado' (clue) and a 'Transcrição' (transcription). The 'Dado' part shows a sequence of notes on a five-line staff with a common time signature (C). The 'Transcrição' part shows the same sequence of notes on a five-line staff with a treble clef. The notes are represented by circles on the staff lines.

Este exercício não deverá ser um mero exercício teórico. Convém que, antes de iniciar o trabalho escrito de transcrição da frase dada, os alunos a entoem.

3. Ditados rítmicos

Esta actividade já aparece na 5ª Classe. Todavia, gostaríamos de a tornar um pouco mais complexa na 6ª Classe. Como foi descrito no Livro da 5ª Classe, o/a professor/a faz uma pequena frase rítmica e cada aluno, no seu caderno, escreve essa frase utilizando para o efeito, como é óbvio, as figuras rítmicas.

Exemplo:

O professor articula a seguinte sequência de 6 tempos:

lira la 0 tralarica lom

| | | | | |

O que deverá ser escrito pelos alunos, como registo da sequência feita pelo professor é



Ora, o desafio que propomos para a 6ª Classe tem a ver com a forma como o professor executa a frase, pois pretende-se que, progressivamente, vá deixando de usar a linguagem métrica, utilizando uma única sílaba (no caso de utilizar a voz para o efeito) para executar o "ditado". Ao utilizar a linguagem métrica, o exercício torna-se muito fácil, pois os alunos conhecem muito bem quais são as figuras rítmicas correspondentes a cada um daqueles vocábulos. Se utilizarmos uma única sílaba, do início ao fim da frase, a tarefa é mais exigente, e realizá-la com sucesso traduz um progresso importante ao nível do desenvolvimento auditivo e musical.

Assim, e retomando a sequência rítmica acima dada, ela seria executada, por exemplo, da seguinte forma:

(lira la 0 tralarica lom)
nunu nu 0 nunununu nuuu
| | | | | |

Tal como já foi referido, depois de todos os alunos terem tentado escrever a frase rítmica no seu caderno, o professor/deve representá-la no quadro, de forma correcta, para que todos possam corrigir eventuais erros.

NB. À medida que os alunos deixem de "estar dependentes" da linguagem métrica para realizar com sucesso o exercício, pode-se começar a fazê-lo não com a voz, mas com batimentos corporais ou com instrumentos. Só é preciso ter em conta o seguinte: com os batimentos corporais ou com a maioria dos instrumentos musicais disponíveis nas escolas não é possível fazer sons longos, pelo que os ditados rítmicos a realizar dessa forma não devem conter sons com 2 ou mais tempos.

Tal como já foi referido, depois de todos os alunos terem tentado escrever a frase rítmica no seu caderno, o professor deve representá-la no quadro, de forma correcta, para que todos possam corrigir eventuais erros.

4. Ditados melódicos

À semelhança do exercício anterior, também podem ser feitos ditados melódicos, cabendo agora aos alunos identificar as notas que foram entoadas e, no seu caderno, proceder à sua representação na pauta.

Quanto à forma de realizar o exercício, remetemos para o Livro da 5ª Classe (vd. págs. 63 e 64), onde todo o processo aparece descrito pormenorizadamente.

NB. Tanto os “ditados melódicos” como os “ditados rítmicos” trabalham directamente 2 domínios: o da teoria e código musicais e o do desenvolvimento auditivo, pois se o primeiro é importante para a representação do som, só o segundo poderá permitir o reconhecimento e identificação dos sons a representar.

5. Jogo das intensidades

A dinâmica é muito importante ao nível da expressão e da interpretação da peça musical. Para a trabalhar, utilizando a simbologia a ela associada, sugerimos aqui 3 tipos de exercícios:

a) Leitura de uma sequência de símbolos ou sinais escritos no quadro pelo/a professor/a, tal como vem descrito na pág. 64 do Livro da 5ª Classe.

Exemplos: $p \triangleright pp \text{-----} f$
 $mf \text{-----} ff \text{-----} pp$

Como foi referido, para efectuar este tipo de leituras podemos utilizar a voz, instrumentos, ou batimentos corporais.

b) O professor escreve no quadro a letra de uma canção, colocando por cima de cada uma das frases os símbolos respeitantes à dinâmica que lhes pretende imprimir. Os alunos terão que ler o texto respeitando as indicações de intensidade. Este exercício pode ser feito com canções já conhecidas ou com canções novas, sendo esta uma forma interessante de introduzir as canções não conhecidas.

c) O professor executa uma frase rítmica, melódica ou melódico-rítmica com variações de intensidade e, no seu caderno, os alunos terão de escrever os símbolos que representam a dinâmica da frase feita pelo professor.

6. Exercícios de classificação de intervalos

NB. Este exercício só faz sentido depois de ter sido devidamente trabalhada a noção de intervalo e percebido o mecanismo para classificar os intervalos simples, que aparece explicado no ponto no 7 deste domínio.

O exercício consiste em classificar o intervalo existente entre cada par de notas musicais, indicando o tipo de intervalo (2ª, 3ª, 4ª, 5ª, etc) e o número de tons que as separam. Aqui ficam alguns exemplos:

The image shows three musical staves, each with five intervals between notes. The intervals are labeled as follows:

- Staff 1: 3ª (2t), 2ª (0,5t), 5ª (3,5t), 3ª (1,5t), 2ª (1t)
- Staff 2: 4ª (3t), 2ª (1t), 6ª (4,5t), 8ª (6t), 7ª (5t)
- Staff 3: 3ª (1,5t), 2ª (0,5t), 6ª (4t), 4ª (2,5t), 3ª (2t)

7. Introdução de novos conhecimentos musicais

Vamos utilizar este domínio - **Teoria e código musicais** - para introduzir novas questões ou para aprofundar o conhecimento já existente. Desta forma, aproveitaremos este espaço para dar toda a informação necessária relativamente às temáticas, aos conceitos, termos e/ou símbolos a introduzir, cabendo depois ao/a professor/a definir o momento adequado para os trabalhar com os seus alunos, enquadrando-os nos diversos domínios e cruzando-os, tanto quanto possível, com outras actividades e exercícios.

A. Novos conhecimentos relativos às Notas Musicais

- As notas musicais que conhecemos (Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá e Si), para além das representações que já conhecemos (gesto melódico, pauta) também podem ser representadas através de letras. É aquilo a que se chama “representação alfabética das notas musicais”. Desta forma, ao Dó corresponde a letra C; ao Ré o D; ao Mi o E; ao Fá o F; ao Sol o G; ao Lá o A e ao Si o B.

- Intervalo musical é a distância que separa duas notas musicais.

- As notas musicais quando aparecem todas seguidas pela ordem que conhecemos, sucedem-se por intervalos de 1 tom ou meio-tom:

De Dó para Ré → 1 tom

De Ré para Mi → 1 tom

De Mi para Fá → 0,5 tom

De Fá para Sol → 1 tom

De Sol para Lá → 1 tom

De Lá para Si → 1 tom

De Si para Dó → 0,5 tom

NB. Estes três pontos da temática A devem ser trabalhados todos na mesma aula e depois de explicados um a um deve ser apresentado à turma o cartaz designado por “Distância entre as Notas Musicais e sua representação alfabética” que faz a síntese de toda a informação dada.

- Os intervalos entre as notas musicais podem ser de 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª, 7ª e 8ª. Para determinar qual é o intervalo, conta-se sempre a nota de partida e a nota de chegada. O intervalo de 2ª é o que acontece entre 2 notas imediatamente a seguir uma à outra: Dó para Ré; Mi para Fá; Lá para Si, etc.

O intervalo de 3ª acontece entre 2 notas intercaladas por uma outra. É o caso do intervalo entre o Dó e o Mi, o Mi e o Sol, o Sol e o Si, etc.

O intervalo de 4ª é o que se verifica entre duas notas que ficam separadas por outras duas. Exemplo disso é o intervalo entre as notas Ré e Sol, Fá e Si, Sol e Dó, etc. E assim sucessivamente...

Com o cartaz acima referido à vista dos alunos, será possível, para além disto, indicar a quantidade de tons que tem a 2ª, a 3ª, 4ª, etc.

Exemplo: O intervalo entre as notas Dó e Ré é um intervalo de 2ª, com 1 tom; Já o intervalo entre o Mi e o Fá é igualmente de 2ª, mas apenas com 0,5 tom. Entre o Ré e o Sol existe um intervalo de 4ª com 2,5 tons, enquanto que entre o Fá e o Si é um intervalo também de 4ª, mas com 3 tons.











Chama-se *intervalos simples* àqueles que não excedem a oitava.

B. As Figuras Rítmicas e respectivas Pausas

- Já são várias as figuras rítmicas conhecidas dos alunos. É importante agora que os alunos compreendam a relação de valores que existe entre elas. Trata-se de um exercício matemático

indispensável para a apropriação do ritmo musical. O cartaz intitulado “Figuras Rítmicas e sua relação” mostra, de forma clara, essas relações de valor, pelo que deverá estar à vista dos alunos quando for trabalhada esta questão.

• Os alunos também já conhecem algumas pausas, que correspondem a espaços de silêncio. A cada figura rítmica corresponde uma pausa. Vamos agora dar a conhecer mais algumas:

| | | | | |
|---|--------------|---|---|-----------------------|
|  | semibreve | → |  | pausa de semibreve |
|  | mínima | → |  | pausa de mínima |
|  | semínima | → |  | pausa de semínima |
|  | colcheia | → |  | pausa de colcheia |
|  | semicolcheia | → |  | pausa de semicolcheia |

Apresentadas as pausas ainda não conhecidas das crianças, o/a professor/a deve afixar o cartaz designado por “Figuras Rítmicas e respectivas Pausas”, para que fique à vista de todos.

C. Compassos binários, ternários e quaternários

• Uma peça, um trecho ou uma frase musical encontra-se sempre dividida em partes iguais. O compasso corresponde a cada uma dessas partes e encontra-se delimitado por duas barras verticais. O que torna cada uma dessas partes iguais é o número de tempos que existe dentro de cada uma delas. Assim, o compasso binário é aquele que tem 2 tempos; o ternário o que tem 3 e o quaternário o que tem 4. Uma música está escrita em compasso binário quando cada uma das partes em que se divide tem dois tempos; em compasso ternário quando tem três, e assim sucessivamente. Na pauta, o compasso aparece identificado logo no início, a seguir à clave. É a expressão numérica que aí se encontra que nos permite, imediatamente, saber em que compasso está escrita a frase musical. Os compassos binário ternário e quaternário a trabalhar com os alunos da 6ª Classe são, representados pelas expressões numéricas $\frac{2}{4}$, $\frac{3}{4}$ e $\frac{4}{4}$, respectivamente.

• Para se preencherem os compassos com as figuras rítmicas, respeitando o número de tempos que cada um comporta, é necessário definir, à partida, qual é a figura que vai valer 1 tempo. Para já, e na linha do trabalho que tem vindo a ser feito, vamos considerar que é a semínima que vale 1 tempo. Ora, se assim é, o valor das outras figuras, depende da relação que elas têm com a semínima. Tendo à frente o cartaz designado “Figuras Rítmicas e sua relação” é mais fácil perceber qual é o valor de cada uma delas, pois se a semínima vale 1, a mínima que é o dobro dela vai valer 2, a semibreve que é o quádruplo vai valer 4. Por outro lado, a colcheia que é metade da semínima vai valer 0,5, sendo necessárias 2 colcheias ou uma colcheia e uma pausa de colcheia para perfazer 1 tempo. No caso da semicolcheia, se ela é a quarta-parte da semínima, vai valer $\frac{1}{4}$ de tempo, sendo necessárias 4 semicolcheias ou o mesmo número de semicolcheias e pausas de semicolcheia para preencher 1 tempo. Feita esta explicação o/a professor/a deverá afixar o cartaz intitulado “Valor das Figuras Rítmicas e respectivas Pausas tomando a semínima como unidade de tempo”, que deverá ficar ao lado do cartaz “Figuras Rítmicas e sua relação”. Uma vez percebido este mecanismo, nas aulas que se sucederem a esta explicação, poderemos, no contexto do domínio **Desenvolvimento auditivo** (no quadro das leituras mencionadas no ponto 5), efectuar leituras rítmicas para trabalhar diferentes células rítmicas de 1 tempo, utilizando a colcheia e respectiva pausa ou a semicolcheia e respectiva pausa. Para o efeito sugerimos então as seguintes sequências:

Utilizando a colcheia e respectiva pausa

Vamos acompanhar a execução da sequência rítmica que se segue batendo alternadamente com as mãos sobre a mesa, correspondendo cada pancada a meio tempo, ou seja, a uma

colcheia. Recorrendo à linguagem métrica, para uma melhor compreensão, temos:

mão esquerda → ▼ ▼ ← mão direita

li - ra

Vamos então manter este movimento para fazer as seguintes células:

mão esquerda → ▼ ▼ ← mão direita



Utilizando a semicolcheia e respectiva pausa

Para acompanhar a execução da sequência rítmica que se segue, vamos escolher 4 dedos de uma das mãos e bater com um de cada vez na mesa (como se se estivesse a tocar piano) enquanto mentalmente pensamos 1,2,3,4,1,2,3,4,1,2,3,4,etc, pois ao movimento de cada dedo corresponde $\frac{1}{4}$ de tempo. Recorrendo à linguagem métrica, para uma melhor compreensão, temos:

(1 2 3 4) → contagem mental

▼ ▼ ▼ ▼

tra-la-ri -ca

Depois de automatizar este movimento com os dedos, vamos então executar a sequência de células que se segue, fazendo corresponder a cada um dos dedos uma semicolcheia ou a pausa respectiva, conforme os casos.

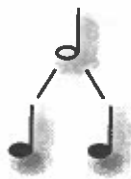


D. Ponto de aumentação

Tal como o seu próprio nome indica, o ponto de aumentação tem como função aumentar a duração original da figura rítmica ao lado da qual se encontra. Todavia, o ponto (de aumentação) não tem uma duração fixa. Ela varia em função da duração da figura ao lado da qual ele se encontra, pois este vale sempre metade do valor da figura junto da qual está colocado.

Vejamos um exemplo:

A mínima vale tanto como 2 semínimas.



Logo, a semínima vale metade da mínima (cfr. Cartaz no 1). O ponto colocado ao lado da mínima vai valer o mesmo que 1 semínima. Então, uma mínima pontuada (notação com uma haste, um ponto e um ponto adicional) vai valer o equivalente a 3 semínimas.



Assim sendo, se a semínima valer 1 tempo (notação com uma haste e um ponto = unidade de tempo), a mínima pontuada (notação com uma haste, um ponto e um ponto adicional) vai valer 3 tempos (2 da figura original + 1 do ponto), correspondendo desta forma a um som com a duração de 3 tempos.

E esta é sempre a regra. Então:

- se a duração original da figura rítmica é de 4 tempos, o ponto vai valer 2 e, no total, essa figura pontuada vai valer 6 tempos;
- se a duração original da figura é de 1 tempo, o ponto vai valer 0,5 e, no total, essa figura pontuada vai valer 1,5 tempos.

E. Andamentos (e sua variação)

Andamento é o grau de lentidão ou de rapidez com que deve ser executada uma peça ou um trecho musical. Sendo assim, o andamento tem a ver com a velocidade atribuída à pulsação (ou tempo): se a pulsação é rápida, a música tem andamento rápido; se a pulsação é lenta, a música tem andamento lento; se não é nem muito rápida nem muito lenta, então a música tem um andamento moderado. Contudo, o andamento pode não ser sempre o mesmo ao longo da peça musical, sendo possível fazer variações. Dito de outra forma, é possível que a música (ou canção) comece com uma pulsação lenta e que, progressivamente, se torne mais rápida, ou vice-versa. No 1º caso, existe um “acelerando” e, no caso contrário, um “retardando”.

Se pensarmos num comboio a iniciar a marcha ao sair da estação e a andar cada vez mais depressa à medida que se afasta, temos a imagem correspondente ao “acelerando”, enquanto que se pensarmos no mesmo comboio a andar cada vez mais devagar para parar na estação temos a imagem do “retardando”.

F. Famílias de Instrumentos

O cartaz proposto com a mesma designação contém a informação básica nesta matéria. Sugerimos, no entanto, aos professores, que façam alguma pesquisa, nomeadamente, na Internet, de forma a aprofundarem o seu conhecimento, para que se sintam mais à vontade a falar sobre o assunto com os alunos.

Seria muito interessante e útil que ao trabalhar esta temática fosse possível levar às escolas instrumentistas, sejam eles de bandas filarmónicas ou de grupos de música tradicional,

para que os alunos não só pudessem contactar com o instrumento ao vivo, percebendo assim as suas características físicas que permitem enquadrá-lo nesta ou naquela família, mas também pudessem ouvir a sua sonoridade e, se possível, trabalhar alguns conceitos já estudados (relacionados, por exemplo, com a altura, a intensidade, o timbre, a duração do som produzido). Acresce que a experiência de ver e ouvir tocar um instrumento ao vivo, bem como a possibilidade de fazer perguntas ao “músico” para satisfazer algumas curiosidades é, normalmente, bastante motivadora. Destas vivências nascem, muitas vezes, iniciativas interessantes que a Escola deve estimular e apoiar.

Como é óbvio, o cartaz relativo a esta temática deve ser também afixado. Seria interessante que o mesmo fosse ilustrado com imagens de instrumentos pertencentes às diferentes famílias e mais interessante e eficaz seria se o/a professor/a envolvesse os alunos na construção do cartaz, pedindo-lhes que colaborassem na recolha de imagens para o ilustrar.

E relativamente aos instrumentos santomenses? Quais são eles? E a que família pertencem? O/A professor/a deverá envolver directamente os alunos neste trabalho de pesquisa e de recolha de informação. No final, seria muito interessante construir um novo cartaz com as famílias dos instrumentos santomenses, onde constasse também alguma informação - técnica, histórica, etc - sobre cada um dos instrumentos e que fosse o fruto do trabalho de pesquisa dos alunos.

A título exemplificativo, podemos desde já mencionar alguns instrumentos:

Família da Percussão: Tabaque, Replicá e Uembé

Família dos Sopros: Pitu Dóxi

G. Géneros musicais

Se é verdade que em cada período histórico e em cada ponto geográfico encontramos músicas com características diferentes, também é verdade que o mesmo acontece no mesmo momento cronológico e no mesmo espaço geográfico. A vontade de agrupar essas diferentes músicas em “grandes famílias”, em função das suas características trouxe a expressão géneros musicais. As músicas pertencentes a um certo género musical teriam em comum determinadas qualidades. Todavia, esta não é uma questão pacífica, uma vez que são vários os indicadores ou critérios que podem servir de base a essa categorização.

De uma forma muito geral e a título exemplificativo, podemos mencionar o Blues, o Jazz, o Rock, o Pop, o Rap, a Música de filme, o Concerto, sabendo que cada uma destas categorias, por seu turno, se subdivide numa série de sub-géneros. E se nos centrarmos na música de São Tomé e Príncipe? Que géneros musicais encontramos? Que características correspondem a cada um desses géneros? Quais é que sofreram mais influências do exterior? A procura de respostas para questões como estas e a recolha de reportório ilustrativo dos diferentes géneros deve envolver os alunos e a Escola, como foi sugerido na Introdução, pois a música, para além da dimensão pessoal, muito associada ao prazer e bem-estar, tem uma importante dimensão social, nomeadamente, enquanto marco da identidade cultural.

Passemos agora a enumerar alguns desses géneros musicais:

- Socopé
- Bulauê (que resulta da evolução do Socopé)
- Rumba
- Maticumbi (que é uma variação do Rumba)
- Puíta
- Tafúa (que é uma variação do Puíta)
- Ússua
- Quiná (originário de Angolares)
- Dêxa (originário do Príncipe)
- Vindes Meninos (originário do Príncipe)
- Samba
- Dança do Bambu (mais dinamizado pela comunidade de Cabo Verde)

H. Agrupamentos musicais

Os agrupamentos musicais correspondem aos recursos humanos e materiais necessários para a produção/execução da música. Eles podem ser apenas vocais, apenas instrumentais ou vocais e instrumentais. As características destes grupos executantes, quer no que respeita ao número de elementos, quer ao número e tipo de instrumentos que integra variam, sobretudo, em função da música que tocam/cantam. Dito de outra forma, o género musical que se pretende executar determina fortemente a constituição do grupo musical. Existem agrupamentos musicais muito numerosos e agrupamentos musicais muito pequenos. A Orquestra Sinfónica é, sem dúvida, um dos agrupamentos musicais mais numerosos. E entre os menos numerosos está, por exemplo, o Trio de Cordas constituído por um violino, uma viola de arco e um violoncelo. Que outros agrupamentos musicais existem? E que tipo de agrupamentos musicais encontramos em São Tomé e Príncipe? Existem agrupamentos específicos para a execução da música tradicional santomense? Mais uma vez insistimos na necessidade e importância de envolver os alunos, a escola e a comunidade neste trabalho de pesquisa, que depois deverá ter visibilidade no âmbito dos projectos a desenvolver pelas escolas, não só para as escolas mas também para a comunidade, assumindo-se como instituições com responsabilidades de natureza cultural.

Criação e experimentação

1. Improvisação rítmica

(vd. pág. 65 - Livro 5ª Classe)

Neste exercício, a diferença que se espera relativamente à 5ª Classe assenta, sobretudo, na qualidade das produções dos alunos, quer ao nível da diversidade e complexidade da improvisação, quer ao nível do entrosamento, tratando-se de improvisação colectiva. Este entrosamento passa não só pela capacidade de sentir e manter a pulsação, mas também pela capacidade de ouvir os outros, procurando “dialogar” com eles, introduzindo motivos e efeitos rítmicos que dão um contributo importante para a qualidade do produto colectivo. Dito de uma forma um pouco grosseira, é ser capaz de ouvir para identificar e pôr o ingrediente que falta.

2. Improvisação vocal colectiva

(vd. pág. 65 - Livro 5ª Classe)

Utilizando um qualquer movimento corporal para marcar a pulsação, vamos, em conjunto, improvisar livremente utilizando exclusivamente a voz. Tratando-se da 6ª Classe e partindo do princípio que este exercício foi realizado algumas vezes na 5ª Classe, pretende-se que esta improvisação tenha uma forte componente melódico-rítmica.

3. Improvisação de acompanhamentos rítmicos para canções / músicas
(vd. pág. 65 - Livro 5ª Classe)

As canções aqui em causa deverão ser, preferencialmente canções trazidas para a escola pelos alunos, no âmbito do seu trabalho de recolha. Se assim for, importa, antes de mais, que todas as crianças aprendam a canção, cabendo a quem a trouxe ensiná-la ao grupo. Todavia, este exercício também poderá ser feito a partir de outras canções ou músicas, conforme aparece descrito no Livro da 5ª Classe, para o qual remetemos.

4. Movimento corporal livre a partir de estímulo sonoro
(vd. pág. 66 - Livro 5ª Classe)

Este exercício, à semelhança de outros, aparece nas sugestões pedagógicas desde o 1º ano de escolaridade. Na verdade, a vivência corporal da música é indispensável para o desenvolvimento do sentido rítmico e para o desenvolvimento da expressividade e da musicalidade dos alunos. Contudo, o elevado número de alunos por turma, com a consequente ocupação com mobiliário de todo o espaço físico, limita fortemente a realização desta actividade, pelas restrições que impõe ao nível da liberdade de movimentos. Assim e se tal for possível, sugerimos que, de vez em quando, a actividade seja realizada no espaço exterior, sendo, por exemplo a última a realizar antes do intervalo. Esta solução implica, porém, que o suporte sonoro a utilizar seja audível no espaço exterior, para que os alunos possam adequar os seus movimentos ao ritmo do referido suporte.

5. Conversação musical
(vd. pág. 66 - Livro 5ª Classe)

As frases desta conversação são, obviamente, musicais, pelo que serão frases rítmicas, melódicas ou melódico-rítmicas. A forma como a actividade se deverá desenvolver encontra-se amplamente descrita no Livro da 5ª Classe.

6. Jogo de completar frases

Este exercício deverá ser realizado individualmente e por escrito no caderno de cada um. Aquilo que é pedido aos alunos é que completem pequenas frases (rítmicas, ou melódico-rítmicas) as quais não estão completas. A partir do momento em que os alunos conhecem a constituição dos compassos binários, ternários e quaternários, completar a frase passará, sobretudo, por garantir que os compassos estão completos quanto ao número de tempos.

O professor escreve no quadro a frase a trabalhar e os alunos passam-na para os seus cadernos. Antes de cada um iniciar o seu trabalho escrito, todos devem, com a ajuda do/a professor/a, articular (no caso de uma frase rítmica) ou entoar (no caso de uma frase melódico-rítmica) a frase em questão para que melhor se apropriem dela. O/A professor/a deverá ir acompanhando o trabalho dos alunos individualmente e, uma vez terminado o trabalho, pedirá a uma ou duas crianças que apresente à turma a solução que encontrou.

7. Criação de coreografias
(vd. pág. 67- Livro 5ª Classe)

A criação e execução de coreografias é, normalmente, uma actividade muito do agrado dos alunos e para a qual se sentem motivados, não só pelo espaço que dá à sua criatividade, mas também pela dimensão de “espectáculo” que lhe atribuem. Sendo a sua construção uma tarefa colectiva que conta com o contributo e participação de todos, ela implica uma atitude de partilha, de tolerância e de cooperação e, como tal, constitui um bom exercício ao nível da formação pessoal e social dos alunos. Por vezes, esta actividade apresenta melhores resultados quando é realizada sem a presença constante do/a professor/a, ou seja, quando grande parte do processo de construção decorre fora da sala de aula. Como é que isto acontece? O/A professor/a pode

escolher e trabalhar a música com a turma para que todos a aprendam, mas seguidamente lança o desafio aos alunos para que, sozinhos e fora do espaço lectivo, melhorem a execução musical (inventando acompanhamentos instrumentais, por exemplo) e criem uma coreografia, dando-lhes um prazo (uma semana, por exemplo) para apresentarem já algum trabalho feito. Esta autonomia é, regra geral, muito motivadora e frutífera, pois se confere maior liberdade, também traz mais responsabilidade. Desta forma, ao/à professor/a caberá a tarefa de acompanhar regularmente o processo durante o espaço lectivo – inteirando-se dos progressos realizados, dando sugestões, fazendo críticas construtivas, gerindo alguns conflitos, mobilizando recursos, etc - tendo em vista a construção de um produto final exigente quanto à qualidade.

No que respeita ao suporte musical, as várias sugestões feitas no Livro da 5ª Classe são absolutamente válidas para aqui. Resta-nos acrescentar o seguinte: visto que cada professor/a tem mais do que uma turma na mesma escola, esta actividade também, pode ser realizada de forma a implicar mais do que uma turma, desenvolvendo-se, assim, um trabalho inter-turmas. Por exemplo, uma turma encarrega-se da produção musical e outra da parte da criação e execução da coreografia, trocando seguidamente de papéis, o que implica, desde logo, a existência de 2 produções, para que ambas desempenhem as duas funções. Parece-nos que esta pode ser uma forma interessante de, juntamente com os projectos relacionados com a recolha de canções/músicas do reportório musical tradicional, promover uma dinâmica cultural nas escolas assente na participação activa dos alunos, fazendo deles os agentes principais do seu próprio crescimento cultural.

Prática musical de conjunto

1. Vocalizos e outros exercícios vocais

(vd. pág. 67 - Livro 5ª Classe)

Relembramos que muitos dos exercícios sugeridos para os 4 primeiros anos de escolaridade, no domínio do **Trabalho vocal**, podem ser utilizados aqui.

Estando esta actividade centrada no desenvolvimento das competências técnicas e expressivas da voz, ela assenta na realização de exercícios de descontração, de respiração, de imitação de sons (sirenes, fenómenos naturais, etc), de articulação e entoação de palavras e frases, bem como de dramatização dessas mesmas palavras e frases (atribuindo-lhes diferentes intenções expressivas) e, em particular, dos vocalizos, os quais deverão ser realizados de forma sistemática e continuada nas aulas de Expressão Musical da 6ª Classe.

Chamamos a atenção para um aspecto que tivemos oportunidade de constatar: grita-se muito nas escolas! E a aula de Educação Musical não foge à regra! Cantar não é gritar, e a educação vocal passa também por contrariar essa tendência.

2. Aprendizagem e exploração de canções

(vd. pág. 67 - Livro 5ª Classe)

No domínio da **Prática musical de conjunto** haverá, necessariamente, um espaço destinado à aprendizagem, entoação e exploração de novas canções. Não havendo quaisquer limitações quanto às canções a trabalhar, parece-nos, pelas razões já amplamente referidas, que será de privilegiar o reportório tradicional do País, no âmbito do projecto de recolha em que os alunos estão directamente implicados. Para além deste, parece-nos interessante introduzir algumas canções de outros países, em outras línguas, pois será também uma forma de conhecer um pouco mais do Mundo. Assim, sejam elas quais forem, é importante que neste domínio da Prática musical de conjunto, elas sejam trabalhadas do ponto de vista vocal e ornamentadas com acompanhamentos rítmicos para que também possam ser inspiradoras de movimentos corporais livres ou previamente definidos.

3. Jogo da orquestra

(vd. pág. 68 - Livro 5ª Classe)

Esta actividade, sugerida no Livro da 5ª Classe, é absolutamente pertinente para a 6ª Classe. Ao/À professor/a caberá a tarefa de a adequar às suas turmas, em função do número de alunos, dos recursos disponíveis, do grau de desenvolvimento musical, etc.

4. Projecto

A realização de projectos é sempre muito importante do ponto de vista educativo. Muitas vezes, são eles que dão sentido ao conhecimento e às aprendizagens. No quadro desta disciplina, e tendo em conta tudo quanto foi referido anteriormente, o envolvimento dos alunos no projecto relacionado com as tradições musicais de São Tomé e Príncipe (recolha de reportório e pesquisa sobre instrumentos e tipos de agrupamentos) será uma forma de promover a sua autonomia, de estimular a sua vontade de aprender e também de os responsabilizar pela preservação e divulgação de um património cultural que também é seu. Mas é importante não esquecer que para que este(s) projecto(s) resulte(m) é necessário implicar as escolas e a Comunidade. Quanto às escolas, é fundamental que elas se assumam como facilitadoras do desenvolvimento cultural dos seus alunos e, juntamente com eles, como promotoras de cultura na comunidade. Uma das vantagens da realização de projectos em contexto educativo reside na possibilidade de dar visibilidade ao trabalho desenvolvido, motivando, assim, todos os intervenientes.

A dimensão dos projectos a desenvolver depende de vários factores, mas, na nossa opinião, mais vale fazer “pequeno e bem do que grande e mal”! É preferível começar por pequenos projectos que somos capazes de concretizar de forma satisfatória. Eles devem ser à medida das possibilidades!

Parece-nos que as áreas artísticas, nomeadamente a musical, são áreas privilegiadas para a implementação de pequenos projectos em contexto escolar.

As sugestões feitas, a este propósito, no Livro da 5ª Classe (vd. pág. 68 e 69) dão pistas úteis para a concretização de um projecto de recolha e divulgação de um pequeno reportório, mas, como é óbvio, uma temática tão rica como as tradições musicais de São Tomé e Príncipe oferece várias possibilidades ao nível da realização de pequenos projectos, que terão de ser pensados caso a caso.

Para terminar, podemos dizer que a sugestão feita no ponto 7 do domínio **Criação e experimentação**, de lançar o desafio à turma para criar e concretizar uma performance que combinasse a música e a dança, nada mais é do que um pequenino projecto possível de realizar.

EDUCAÇÃO FÍSICA

Introdução

A Educação Física é uma área curricular fundamental para o desenvolvimento da criança, na medida em que lhe proporciona a vivência de experiências motoras diversificadas, contribuindo para a sua alfabetização motora e desportiva com o conseqüente enriquecimento nos planos físico, mental e social. É, por isso, peça fundamental do Sistema Educativo enquanto factor de melhoria da qualidade de vida, saúde e bem-estar dos alunos.

A elaboração do Programa partiu do princípio de que existe uma linguagem e repertório motor universal que, não só caracterizam a Humanidade, como são meios de comunicação entre os Povos, independentemente das Culturas que os identifiquem. No entanto, os conteúdos do Programa também têm em consideração as particularidades da Cultura e o quadro legal da República Democrática de São Tomé e Príncipe, nomeadamente a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 2/2003).

O Programa de Educação Física para a 5ª e 6ª Classes, pretende consolidar as aprendizagens realizadas nos anos anteriores e assume-se como uma zona de transição para etapas de cariz mais especializado adoptando uma linguagem de natureza lúdico-desportiva.

1. OBJECTIVOS GERAIS

Os Objectivos Gerais do Programa da Educação Física agrupam-se em dois grandes níveis: *Personalidade e Valores* e *Competências Motoras e Desportivas*.

Estas correspondem às preocupações permanentes que devem estar presentes em toda a Educação Básica, nas diversas situações educativas, independentemente do conteúdo ou do ano de escolaridade em que ocorram.

1.1. Nível do desenvolvimento da Personalidade e Valores.

Este nível compreende objectivos que são transversais a todas as Áreas de Conteúdo do 5º e 6º anos de escolaridade.

- Desenvolver a Auto-Estima; Auto-Confiança; Autonomia; Criatividade; Capacidade de Iniciativa; Empenho; Afirmação da Identidade; Assunção de Responsabilidade; Cooperação / Entre-Ajuda.
- Fomentar a aquisição de hábitos e comportamentos de estilos de vida saudáveis que se mantenham na idade adulta, contribuindo para o aumento dos índices de prática desportiva da população;
- Fomentar o espírito desportivo no respeito pelas regras das actividades e por todos os intervenientes;

1.2. Nível do Desenvolvimento de Competências Motoras e Desportivas

- Elevar o nível funcional das Capacidades Condicionais e Coordenativas, da Resistência Geral, da Velocidade de Reacção simples e complexa, da Flexibilidade, do Controlo da Postura, do Equilíbrio Dinâmico em situação de voo, de aceleração e de apoio instável ou limitado, do Controlo de Orientação Espacial, do Ritmo e da Agilidade.
- Assegurar a aprendizagem de um conjunto de matérias representativas das diferentes actividades físicas e desportivas, promovendo o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno.

ÁREAS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1. Capacidades Motoras: Resistência; Força; Velocidade; Flexibilidade; Coordenação
2. Modalidades Desportivas Individuais:
 - 2.1. Ginástica Desportiva
 - 2.2. Atletismo
 - 2.3. Capoeira
3. Modalidades Desportivas Colectivas:
 - 3.1. Jogos Tradicionais e Pré-Desportivos;
 - 3.2. Futebol;
 - 3.3. Voleibol;
 - 3.4. Basquetebol;
 - 3.5. Andebol;
4. Actividades Rítmicas e Expressivas
5. Actividades de Exploração da Natureza

2. RECOMENDAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DE UMA AULA DE QUALIDADE

Quando o professor intervém os alunos têm que estar em condições de lhe prestar atenção:

- Combinar regras e sinais para que todos o ouçam e organizar jogos em que estes sinais são treinados;
- Esperar que se tenha criado um ambiente sereno e que todos os alunos estejam atentos, sempre que a informação for para todos;
- Dispor os alunos de modo a poder ser visto e ouvido por todos. Por exemplo, em semi-círculo, em quadrado aberto, em xadrez.

Ao explicar as tarefas o professor deve:

- Ser breve e evitar longos discursos e demasiados detalhes, salientando apenas os aspectos principais da habilidade;
- Estar atento às reacções dos alunos, procurando detectar sinais de compreensão ou confusão. Assegurar-se que os alunos perceberam o que têm a fazer;
- Acompanhar a explicação com a respectiva demonstração. Esta pode ser feita pelo professor ou por um aluno que já realize a habilidade pretendida;
- Reforçar, durante a demonstração, os aspectos fundamentais da habilidade, usando palavras chave e frases curtas;
- Escolher, na introdução de jogos ou habilidades, exercícios com regras acessíveis para os alunos com mais dificuldades;
- Certificar-se que os alunos sabem o que vão fazer, nas habilidades com maior grau de risco.

Ao corrigir o desempenho dos alunos, o professor deve:

- Prestar atenção sobre os erros mais importantes;
- Ao corrigir alunos com dificuldades na realização da tarefa, deve ser afectuoso, sereno sem ser ríspido ou hostil, lembrando os aspectos básicos da tarefa;
- Acompanhar as próximas tentativas do aluno;
- Valorizar os pequenos progressos, realçando-os sempre que possível;
- Proporcionar um número considerável de repetições;
- Acrescentar, progressivamente, à tarefa elementos de dificuldade.

Dar muita importância às condições de segurança:

- Colocando-se nos locais onde as tarefas envolvam mais risco ou solicitem ajuda;
- Certificando-se antes dos alunos utilizarem o material que este se encontra em boas condições de segurança e bem colocado. Por exemplo nos saltos, os colchões têm que estar sempre junto ao aparelho;
- Verificando antes e depois da sua utilização o estado de conservação do material.

Na formação de grupos:

- O professor deve dar indicações de modo a que cada aluno saiba o que vai fazer e com quem;
- Não perder tempo a formar grupos, treinando com os alunos formas jogadas para constituir grupos;
- Promover a diversidade de interações na turma, variando os pares, trios e os grupos;
- Habituar os alunos a diferentes critérios de agrupamento (sexo, idade, cor da camisola, nível de desempenho, etc.), desde que não prejudique a realização das actividades.

3. SUGESTÕES METODOLÓGICAS GERAIS

3.1 GINÁSTICA

3.1.1. Segurança e utilização dos aparelhos:

- Ensinar e treinar os alunos a montar, desmontar e deslocar os aparelhos em tarefas por pequenos grupos, respeitando as regras de segurança e de preservação do material;
- Estabelecer regras de utilização dos aparelhos;
- Em cima do plinto, nas traves e nos bancos para equilíbrio só pode estar, em exercitação, um aluno de cada vez (para evitar empurrões);
- Não proporcionar a utilização dos aparelhos, sem autorização ou o sinal combinado do professor;
- Colocar os aparelhos devidamente no espaço, de modo a evitar riscos acrescidos;
- À frente e junto de um plinto, ou barra, colocar colchões ou outros materiais para amortecer quedas;
- Não colocar o plinto ou outro aparelho junto a paredes, colunas, etc., de modo a evitar um embate nelas;
- Sempre que a realização de uma habilidade implicar risco de queda ou recepção no solo após salto, colocar colchões na zona provável de queda;
- Seleccionar as alturas e distância dos aparelhos de modo a ser possível a sua transposição, de acordo com as possibilidades dos alunos;
- Quando se utilizarem dois ou mais colchões, garantir que estes não se afastem uns dos outros abrindo um espaço no meio ou criem zonas desniveladas (perigo de lesões, como entorses, etc.).

3.1.2. Situações de Aprendizagem na Área da Ginástica

- Utilizar preferencialmente percursos e circuitos;
- Utilizar circuitos quando se trate de aperfeiçoar ou consolidar habilidades já conhecidas dos alunos;
- Nos circuitos, devem intercalar-se habilidades de famílias diferentes (ex. um salto, um equilíbrio, um enrolamento, etc.);
- Utilizar estações para a aprendizagem de habilidades novas ou complexas que requerem maior concentração dos alunos e/ou grande número de repetições sucessivas;
- Quando o professor quiser introduzir uma nova habilidade, pode montar um circuito com habilidades já conhecidas, devendo colocar-se na estação em que ensina a nova habilidade;
- Tanto nas estações como nos circuitos, o professor deve posicionar-se junto das situações que envolvam maior risco (ex. saltos no plinto, posições invertidas, enrolamentos, etc.);
- As sequências de habilidades gímnicas são uma forma mais exigente e elaborada de realização das habilidades que implicam a sua combinação com harmonia e fluidez de movimentos. Só devem ser exigidas quando os alunos dominam cada uma delas isoladamente;
- É vantajoso que os alunos comecem por combinar as habilidades em pequenas sequências que irão sendo progressivamente mais complexas.

3.2. MODALIDADES DESPORTIVAS E JOGOS

- Na aprendizagem dos jogos, o professor deve assegurar que os alunos tenham um domínio básico das habilidades características do jogo, para que o aluno possa participar efectivamente nele;
- A formação de grupos/equipas deve ser normalmente assegurada pelo professor, evitando perdas de tempo e conflitos entre os alunos. Na formação dos grupos deve evitar-se que os alunos menos aptos sejam escolhidos em último lugar para evitar a sua exposição pública;
- Devem formar-se grupos ou equipas para que fiquem com níveis de desempenho equilibrados;
- O professor, primeiro, deve explicar globalmente o jogo, focando o objectivo e as principais regras sem as quais o jogo não pode ser jogado. À medida que os alunos vão integrando e compreendendo essas regras o professor **deve introduzir as restantes de modo gradual.**

MODALIDADES DESPORTIVAS INDIVIDUAIS GINÁSTICA DESPORTIVA

1. Rolamento: à frente e à retaguarda



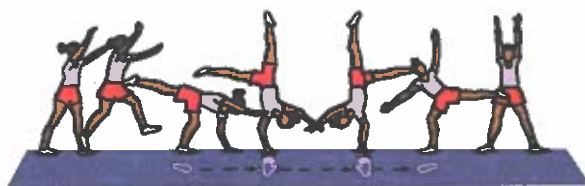
Erros a evitar:

- A) Iniciar o movimento com postura errada: pernas afastadas e braços caídos.
- B) Mãos incorrectamente colocadas: não viradas para a frente e muito perto dos pés.
- C) Pequena elevação da bacia, apoiar a testa.
- D) Fraca impulsão com os membros inferiores e fraca repulsão de mãos, não juntar o queixo ao peito e não “arredondar” as costas. Abrir cedo o ângulo tronco/membros.
- E) Colocação dos pés demasiado afastados da bacia, ajuda com as mãos no solo para elevação de pés e joelhos afastados.
- F) Extensão incompleta do corpo com braços ao longo do corpo.

2. Rolamento à frente com membros inferiores afastados; rolamento saltado (salto de “peixe” ou “anjo”).

3. Rolamento à retaguarda com membros inferiores afastados; rolamento à retaguarda com membros inferiores juntos.

4. Roda



Erros a evitar:

- A) Iniciar o movimento com postura errada: braços ao longo do corpo ou em elevação anterior.
- B) Colocação das mãos muito perto da perna de impulsão, não colocação das mãos na linha do movimento, colocação das mãos em simultâneo, fraca acção da perna de balanço e da perna de impulsão, braços e tronco não alinhados na vertical dos apoios e pernas flectidas.
- C) Não colocação dos pés na linha do movimento, fraca impulsão de braços.
- D) Pernas juntas e braços ao longo do corpo.

5. Ponte



Erros a evitar:

Mãos não apoiam completamente no solo, membros flectidos, flexão da cabeça, fraca elevação da bacia, pés demasiado afastados das mãos.

6. Avião



Erros a evitar:

Tronco demasiado inclinado (não paralelo ao solo), costas arredondadas, flexão da cabeça com olhar dirigido para o solo, flexão das pernas, falta de amplitude no afastamento das pernas.

7. Salto de eixo; Salto em extensão; Salto entre mãos

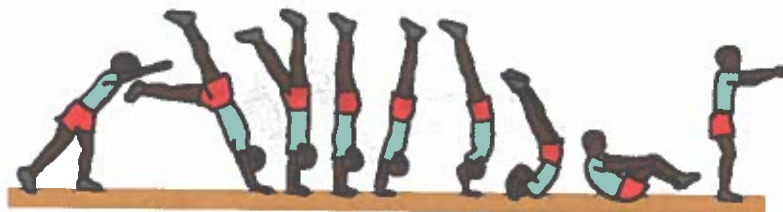


Erros a evitar:

- A) Diminuição da frequência da corrida antes de chegar ao trampolim.
- B) Elevação dos braços não simultânea à impulsão das pernas.
- C) 1.º voo curto, não extensão do corpo e pouca elevação da bacia.
- D) Colocação das mãos na parte anterior do aparelho, afastamento/flexão das pernas, pés abaixo do nível dos ombros.
- E) Fraca impulsão e flexão dos braços, afastamento das pernas em flexão, deixar avançar ombros e dirigir olhar para o chão.
- F) 2.º voo com o corpo em semiflexão, recepção com pernas afastadas.

8. Apoio facial invertido de cabeça/de braços

9. Apoio facial invertido para rolamento



10. Meia-volta (Trave)

11. Esquema Gímnico (Combinações de Habilidades)

ATLETISMO

1. Situações para Treino de Qualidades Básicas aplicadas ao Atletismo:

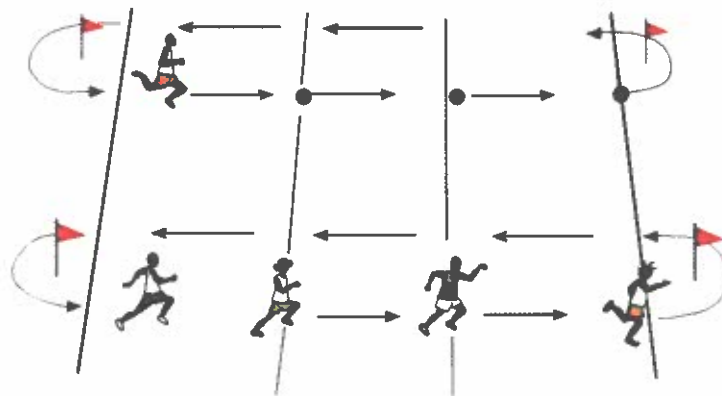
- 1) *Skipping* baixo, médio (45 graus) e alto (90 graus) à frente, no mesmo lugar e com deslocamento, mantendo a verticalidade do tronco e o movimento dos braços.
- 2) Corrida saltada (*mini-steps*, *steps* médios e *steps* altos), sem ou com obstáculos baixos.
- 3) *Skipping* médio (joelhos a 45 graus) com deslocamento em percursos em curva, em forma de circunferência e oitos (inclinação do corpo para dentro da curva).
- 4) *Skipping* médio à frente com frequência: média - rápida - média - rápida...
- 5) Corrida lateral rápida com passadas cruzadas.
- 6) *Skipping* alto com deslocação para a frente e para trás (2 m + 2 m).
- 7) Circuito tarefas de técnica de corrida intercaladas com outras habilidades do Atletismo.

2. Estafetas Variadas:

1. Corrida contornando uma marca.

Em várias filas.

Ao sinal de início, os primeiros de cada equipa deslocam-se o mais rapidamente possível até à marca balizadora, contornam esta e regressam à fila fazendo a transmissão ao parceiro seguinte.



Nota: Este tipo de estafeta pode ter diversas variantes combinando variadas formas de deslocação: saltitar a um pé, saltar a pés juntos, gatinhar, saltos de rã, correr de costas, correr a pares de mãos dadas, etc.

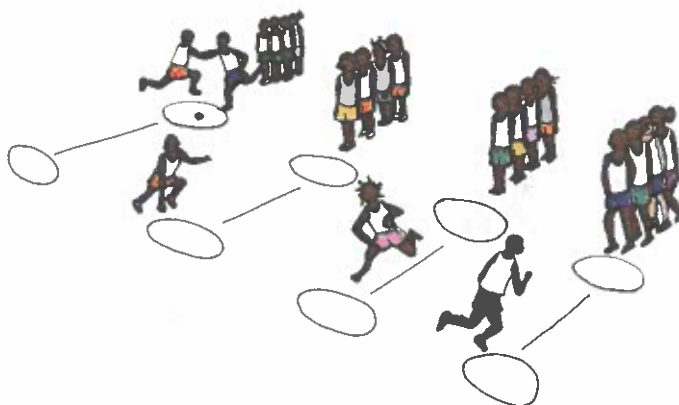
2. Estafeta - Saltar os adversários

As equipas estão em coluna mas cada jogador está deitado de barriga para baixo.

Ao sinal, o primeiro de cada coluna levanta-se, corre e salta por cima de cada companheiro até transpor o último, regressando por fora para tocar o parceiro seguinte e deitar-se no lugar que ocupava anteriormente.

O segundo, bem como os restantes, assim que tocados, levantam-se e realizam o percurso vindo dar a volta sempre pelo primeiro, reiniciando a sequência de corrida de saltos até ao seu lugar inicial.

3. Estafetas com Objectos - Levar ou Trazer



À frente de cada equipa estão no chão 2 arcos (ou círculos traçados) um na linha de partida e outro no lugar da marca balizada.

Dentro do arco de cada equipa está um pequeno objecto (pedra, pau, pano, pedaço de madeira, etc.).

Ao sinal, o primeiro de cada equipa apanha o objecto, corre em frente para ir colocá-lo dentro do arco respectivo e regressa à fila; o parceiro seguinte após o toque no ombro corre a ir buscar o objecto, retira-o de dentro do arco e regressa para o colocar no arco da linha de partida; o seguinte, após ser tocado, apanha o objecto e vai colocá-lo no arco em frente, etc..

4. Corrida de Estafetas com Testemunho

Os alunos de cada equipa entram na corrida seguindo a ordem definida, efectuam o seu percurso com testemunho na mão esquerda e transmitem-no (ou recebem-no) em movimento e com segurança na mão direita.

5. Corrida por grupos de 4 a 6 alunos uns atrás dos outros, a um determinado ritmo, ao sinal do professor o último aluno faz uma aceleração passando para a frente da fila, mantendo o mesmo ritmo de corrida (pode haver variações no ritmo de corrida)

6. Realizar percursos de 250 metros, onde 200 m se fazem em regime de resistência e 50 m em marcha de recuperação, efectuando sem fadiga o maior número de percursos, com uma duração máxima de 8 minutos. O exercício pode ser realizado individualmente ou por pequenos grupos.

CORRIDAS DE VELOCIDADE

1. Corridas de 40 metros com partida de pé (2 apoios) acelerando até à velocidade máxima, mantendo a máxima frequência de movimentos, realizando apoios activos sobre a parte anterior do pé, com extensão da perna de impulsão, tronco vertical e terminando sem desaceleração nítida na zona da meta.

2. Séries de corridas rápidas até 40 metros, em formas jogadas, partindo de diversas posições reagindo a diferentes estímulos visuais ou acústicos com forte empenho e elevada concentração na partida e na chegada.

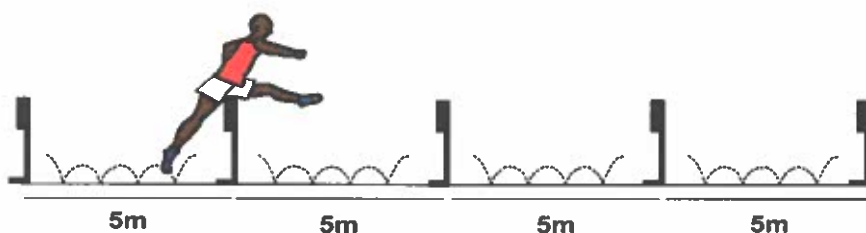
3. Partidas de pé (2 apoios), – abertura sagital (um pé à frente do outro) conseguindo de modo sistemático adoptar a seguinte postura: apoios com calcanhares levantados, pernas flectidas, corpo inclinado à frente e braços em oposição.

4. Partidas baixas de blocos ou a simular blocos (3/4 apoios), abertura sagital (um pé à frente do outro) conseguindo de modo sistemático adoptar a seguinte postura: apoios com calcanhares levantados, pernas flectidas, corpo inclinado à frente e braços em oposição. Arranca com elevação acentuada dos joelhos e elevada frequência de braços.

5. Séries de corridas 50 e 60 metros, em competição, partindo da posição baixa ou alta, aplicando as regras dos sinais de partida: aos seus lugares (posição alta, próximo da linha de partida), prontos (posição intermédia) e apito (partida), respeitando o seu corredor de prova.

CORRIDAS DE BARREIRAS

1. Corrida moderada transpondo obstáculos variados, a diferentes distâncias, mais e menos baixos e a ritmos variados.
2. Faz a acção anterior com salto, por cima de uma série até 10 barreiras baixas (separadas cerca de 60 cm.)
3. Fazer séries de corrida de cerca de 40 m com 3 a 5 barreiras (com alturas diferentes entre 30 a 50 cm) distanciadas 5 metros, realizando 3 passadas (4 apoios) entre as barreiras, mantendo por isso a perna de ataque.



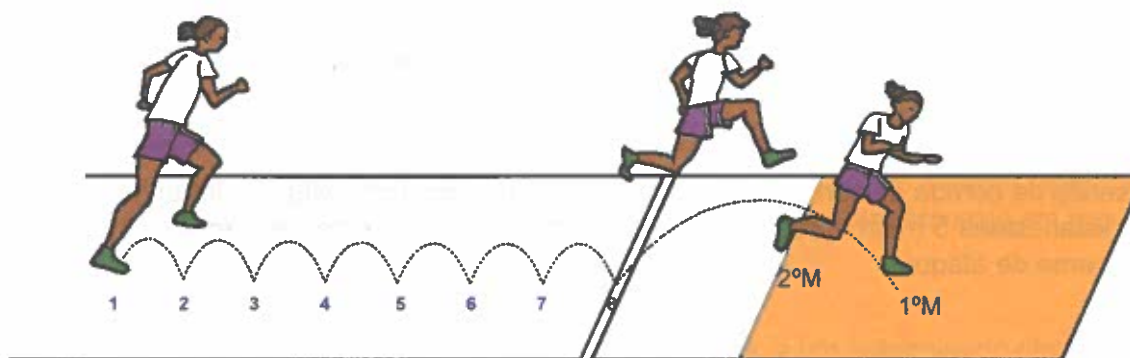
SALTO EM COMPRIMENTO

1. Séries de saltos a pés juntos lateralmente para um lado e outro por cima do Banco Sueco ou Tronco.
2. Séries de saltos à corda a pés juntos e com uma perna de cada vez, no mesmo lugar e com deslocamento.
3. Séries de saltos sucessivos chamada a um pé e recepção a pés juntos, com elevação de joelhos transpondo várias barreiras baixas ou obstáculos dando passos entre elas.



4. Corrida moderada transpondo obstáculos variados mais ou menos baixos, mas largos, e a ritmos variados (obstáculos a diferentes distâncias), definindo a posição de entrada (abertura sagital das pernas) e mantendo a mesma perna de salto.

5. Fazer corrida de seis a oito passadas e saltar em comprimento a pés juntos, flectindo as pernas e coordenando a acção dos braços com a acção das pernas tentando acertar continuamente na zona de chamada com a perna de impulsão.



6. Salta em comprimento, praticando o jogo “quem salta mais longe”. Com o auxílio de fita métrica organizar grupos de alunos para medirem os saltos realizados pelos colegas anotando-os em ficha própria.

CAPOEIRA

Nota: Considerando a fase experimental do Programa dos 5º e 6º anos de escolaridade, a introdução desta área de conteúdo (Capoeira) pretende dinamizar o debate sobre a sua importância, sobre os aspectos técnicos a desenvolver, bem como sobre as características dos agentes educativos responsáveis pela sua dinamização.

Definição e Valor Educativo

A Capoeira, de raiz genuinamente luso-afro-brasileira é uma mistura de luta, dança, ritmo, corpo e mente. A capoeira é considerada por muitos uma arte de lutar dentro da dança e de dançar dentro da luta. A capoeira é um jogo.

Caracteriza-se por um sistema de defesa e ataque, que pode ser utilizada como Arte, Dança, Ginástica, Luta ou Jogo, praticado individualmente, em duplas ou conjuntos, através de movimentos ritmados e constantes, com agilidade, flexibilidade, domínio de corpo, destreza corporal, esquivas, insinuações e quedas, fazendo uso de qualquer parte do corpo, em especial pernas, braços e cabeça.

Tem como movimento básico a *ginga*, sendo praticada com acompanhamento de instrumentos musicais, pertinentes aos padrões tradicionais das chamada Capoeira Angola e Capoeira Regional, nas quais é indispensável o uso do berimbau.

A capoeira, enquanto modalidade da Educação Física, vem ocupando o seu lugar no conjunto das outras actividades, na ajuda da formação do homem contemporâneo. Apresenta-se com amplas possibilidades educativas, principalmente no que se refere à integração dos aspectos físicos, psicológicos e sociais.

A capoeira manifesta-se dentro de uma tradição de roda, e desenvolve-se dentro de um verdadeiro cerimonial. O capoeirista aprende a respeitar e manter tradições. Ao defender as tradições, afloram no capoeirista sentimentos de amor, zelo, valorização e responsabilidade. Durante os treinos e jogos, todos são importantes: os jogadores, os tocadores, os cantores e os

batedores de palmas. No decorrer da roda, o rodízio é constante nestas funções, valorizando igualmente todos, sem distinção.

As Técnicas de Base

Os 3 elementos básicos da movimentação na capoeira são:

1. *A ginga* : movimentação do pé.
2. *A negativa e o rolé* : movimentação no chão.
3. *O Aú* : movimentação de cabeça para baixo.

Fundamentos da Capoeira

A prática da capoeira desenvolve-se obedecendo aos seguintes parâmetros:

1. Movimentos rituais ritmados
2. Ritmo ijexa regido pelo berimbau
3. Disciplina e respeito à tradição, aos mais velhos e aos companheiros
4. Parceria
5. Movimentos em esquiva, circulares e descendentes
6. Dissimulação de intenção
7. Alerta, calma, relaxamento e autoconfiança permanentes

MODALIDADES DESPORTIVAS COLECTIVAS

JOGOS PRÉ-DESSPORTIVOS

Recomenda-se que o professor aplique os Jogos adoptados nas Sugestões Metodológicas dos 3ª e 4º Anos de Escolaridade, de modo mais intensivo no início do ano lectivo, como forma de iniciação dos alunos à aprendizagem de habilidades colectivas. Durante as restantes aulas o professor deve voltar a aplicar esses jogos combinados com as outras Modalidades Desportivas.

No entanto nas sugestões relativas ao Futebol, Basquetebol, Voleibol e Andebol já se integraram alguns Jogos pré-desportivos.

FUTEBOL

Objectivos Específicos nesta Modalidade Desportiva:

- Aperfeiçoar as acções técnico-tácticas fundamentais: de recepção, controlo, domínio e condução de bola.
- Desenvolver a interacção do jogador com a bola e com a baliza. Aperfeiçoar as acções técnico-tácticas fundamentais: recepção, controlo, condução de bola e remate.

Sugestões Metodológicas:

1. Futebol de 5 ou 7

Num espaço relativamente amplo (por ex. pátio do recreio) no qual estão duas balizas, uma de cada lado, jogam duas equipas de 5 ou 7 jogadores, dos quais um é guarda-redes.

O objectivo é o de introduzir a bola na baliza que se ataca, (a da outra equipa), evitando que esta o faça na que se defende.

A bola pode ser jogada com toda e qualquer parte do corpo menos com os membros superiores, com excepção do guarda-redes, a quem é permitido fazê-lo dentro da área de baliza respectiva.

Regras:

- O início do jogo é feito, com cada equipa no meio campo respectivo, através de um pontapé na bola;
- Não é permitido empurrar, rasteirar, pontapear os companheiros da outra equipa, e mesmo da sua, bem como tocar intencionalmente com a mão (menos o guarda-redes) na bola em jogo. Caso se verifiquem estes comportamentos é marcada falta;
- A falta é punida com pontapé livre executado no local onde foi cometida;
- Sempre que a bola entrar completamente na baliza em consequência de jogo válido, é golo. A bola é repostada em jogo, tal como no início, a meio campo, pela equipa que sofreu o golo;
- Sempre que a bola sair pelas linhas laterais (lados maiores do campo rectangular) é repostada em jogo por um dos jogadores da equipa que não a tocou em último lugar, sendo feito um lançamento da bola com as duas mãos por cima da cabeça e sem levantar os pés, que devem estar fora daquela linha lateral;
- Sempre que a bola sair pela linha de cabeceira (ou linha de baliza) e tiver sido tocada em último lugar por um jogador atacante é executado um pontapé de baliza pela equipa defensora (por ex. o guarda-redes), sendo a bola colocada no solo à frente da baliza; se tiver sido tocada em último lugar por um defensor é executado pontapé de canto pela equipa atacante, sendo a bola colocada no solo em frente ao ponto de encontro das linhas lateral e de baliza;
- Quando o guarda-redes agarrar a bola na sua área, devolvê-la-á para jogo com as mãos ou a pontapé depois de a ter deixado cair;
- Ganha a equipa que maior número de golos alcançar e menos sofrer.

VOLEIBOL

Objectivos Específicos nesta Modalidade Desportiva

- Conhecer, compreender e saber jogar voleibol em situações de jogo reduzido.
- Promover a correcta execução dos gestos técnicos, deslocamentos, passe, manchete e serviço por baixo;
- Cooperar com os companheiros, desempenhando com oportunidade e correcção as acções solicitadas, aplicando a ética de jogo e as suas regras.

Sugestões Metodológicas:**1. Manipulação de bola:**

Tocar a bola de diversas formas acima da cabeça, com uma ou as duas mãos, abaixo da linha de ombros e com o antebraço esquerdo, direito ou ambos, sequência de toques com várias partes do corpo, etc.

Em pares:

- a) jogar frente a frente com ressaltar da bola no solo;
- b) jogar frente a frente com duplo toque (auto-passe /passe);
- c) sustentar a bola realizando, entre os dois, o maior número de toques em passe;
- d) utilizando a rede ou o elástico, jogar 1 x 1 em campo de dimensões reduzidas, com utilização de regras simples e adaptadas.

2. Abordagem à manchete:

- a) lançar a bola ao ar, fazê-la ressaltar no solo e de seguida pará-la em posição de manchete;
- b) lançar a bola ao ar, fazê-la ressaltar no solo e de seguida executar um toque em posição de manchete dando continuidade ao exercício;
- c) lançar a bola ao ar, fazê-la ressaltar no solo e executar duas manchetes consecutivas, voltando de seguida a ressaltar no solo permanecendo neste exercício até perder;
- d) o mesmo exercício aumentando ao número de manchetes consecutivas;

Em pares:

- a) Fazendo ressaltar a bola no solo e, seguidamente, jogá-la para o colega em manchete;
- b) Jogar por cima da rede ou elástico: jogo 1 x 1 com pontuação e utilização de regras simplificadas e adaptadas, utilizando só a manchete (é permitido jogar a bola após o ressaltar no solo).

3. Abordagem ao serviço por baixo:

- a) a partir da posição fundamental média e um destacamento correcto dos apoios, executar a acção de serviço batendo na própria mão, orientando correctamente o braço de batimento;
- b) frente a frente com a bola a uma distância curta realiza o serviço por baixo, tentando dirigir a bola com o máximo de precisão para o parceiro;
- c) tentar acertar num alvo (desenhado na parede ou colocado no solo – arco de Ginástica) com o mínimo de erro possível: competição por pontos;
- d) utilizando a rede ou o elástico realizar o serviço dirigido ao parceiro;
- e) frente a frente, um aluno executa o serviço por baixo dirigindo a bola para o parceiro que (se possível) a recebe em passe ou em manchete (10 vezes cada e troca).

4. Com a bola (na rede):

- a) em pares: colocados frente a frente, jogam a bola entre si em passe, executando cada qual um autopasse;
- b) O mesmo exercício executado auto-manchete/ passe;

5. Jogo 3 x 3: Campo 6 x 6 m. Jogo formal: utilização de todos os gestos aprendidos sem limitações às regras.

BASQUETEBOL

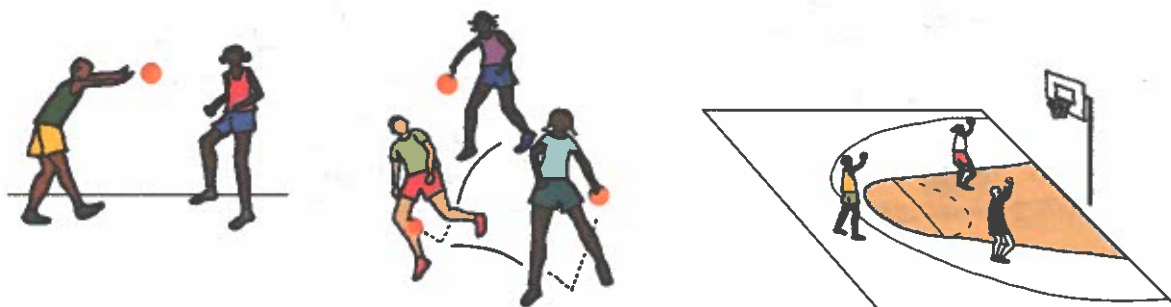
Objectivos Específicos nesta Modalidade Desportiva:

- Em situação de jogo 3 x 3 em meio-campo ou 5 x 5 em campo inteiro.
- Receber a bola com as duas mãos e assumir uma posição de enquadramento frontal com o cesto, tentando ainda observar o conjunto da movimentação dos jogadores de acordo com a sua posição.
- Lançar na passada se não tem adversários entre ele e o cesto.
- Lançar em apoio se está a curta distância e com adversários entre ele e o cesto.
- Driblar se tem espaço livre à sua frente para progredir ou para ultrapassar um adversário directo aproximando, deste modo, a bola do cesto.
- Passar a bola com segurança a um companheiro desmarcado, de preferência para aquele que estiver isolado e/ou em posição mais ofensiva.
- Depois de passar a bola correr em direcção ao cesto para receber a bola mais à frente.
- Desmarcar-se oportunamente criando linhas de passe ofensivas, mantendo uma ocupação equilibrada do espaço.
- Assumir de imediato uma atitude defensiva marcando o seu adversário directo, colocando-se entre este e o cesto (defesa H x H), quando a sua equipa perde a posse da bola.
- Participar no ressalto sempre que há um lançamento, tentando recuperar a posse da bola.
- Aceitar as decisões da arbitragem e tratar com igual cordialidade e respeito os companheiros e os adversários evitando acções que ponham em risco a sua integridade física, mesmo que isso implique desvantagem no jogo.

Sugestões Metodológicas

1. Todos os alunos a correrem dentro do campo em trajectórias diversas sem bola;
2. Alunos a driblarem parados;
3. O mesmo. mas a andar pelo espaço sem trajectória fixa;
4. O mesmo. mas a correr pelo espaço, na mesma sem trajectória fixa;

5. Todos os alunos a correrem dentro do campo em trajectórias diversas. Agora metade dos alunos com bola a driblar e a outra metade a tentar “roubar” a bola;
6. Todos os alunos a correrem dentro do campo em trajectórias diversas, continuando metade dos alunos com bola a driblar. Quando algum colega lhes “pedir” a bola passam-na.
7. **Jogo de 5 Passes:** Grupos 5 x 5, a jogar num quarto do campo, com uma bola. Passar a bola entre os elementos da equipa, tentando realizar 5 passes seguidos. A outra equipa tenta interceptar a bola para poder marcar. A cada 5 passes marca-se um ponto e passa-se a bola para a outra equipa.
8. Exploração da actividade: Circuito com 2 estações (5 alunos por estação). O grupo de 5 alunos “muda” de estação ao sinal do Professor.
 - a) Passe / Recepção
 - b) Drible / Lançamento em apoio



9. Bola ao Capitão

Descrição e Objectivo do Jogo

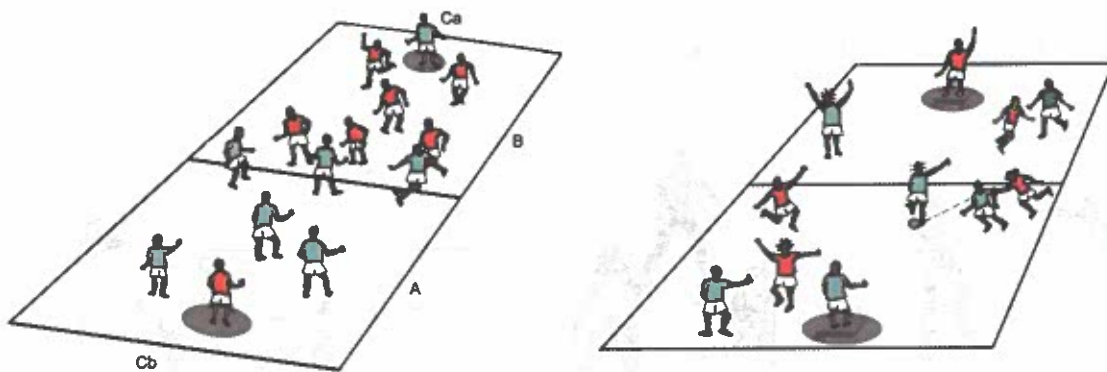
Duas equipas com uma bola, num espaço limitado, com dois círculos desenhados nas extremidades (ou com cordas, arcos, etc.) (ver figura). Cada equipa tenta passar a bola ao seu “capitão” (Ca e Cb) – o companheiro colocado no círculo do campo adversário – tentando evitar que a outra equipa o faça.

Sempre que o “capitão” receba a bola sem a deixar cair, a sua equipa marca um ponto.

Regras:

- As duas equipas (A e B) podem deslocar-se por todo o espaço de jogo, excepto pelos círculos dos capitães;
- O jogo inicia-se com a bola atirada ao ar pelo professor no centro do campo e disputada por dois alunos que a devem tocar para um dos colegas (não a podem agarrar);
- A bola é jogada com as mãos, através de passes e recepções;
- O jogador em posse da bola só pode fazer dois apoios com a bola na mão (o drible é interdito)
- Nenhum outro jogador, para além do designado “capitão”, pode entrar nos círculos (assinalados na figura);
- O contacto físico entre os jogadores não é permitido;

- Não é permitido a qualquer jogador tirar a bola das mãos do adversário;
- O jogador com bola, ou esta, não podem sair das linhas limites do campo;
- A bola é reposta em jogo (após ter saído das linhas limites do campo) no local onde saiu pela equipa contrária à que a tocou em último lugar;
- Quando uma equipa marca ponto a bola é reposta em jogo no centro do campo, pertencendo a bola à equipa que sofreu ponto;
- Qualquer infracção às regras, intencional ou não, é sancionada com a marcação de uma falta e o jogo recomeça com posse da bola da equipa contrária à que cometeu a falta, no local da infracção;
- A duração do jogo é determinada por tempo ou número de pontos previamente estabelecido.



10. Dividir a turma em conjuntos de 2 filas conforme as condições materiais:

Sempre em movimento e em situação de 2 a 2:

- O aluno passa a bola directamente para a mão alvo do colega.
- O aluno recebe a bola levantando a mão alvo, mantendo o controlo da bola.
- O aluno, em situação individual, realiza lançamento em apoio e na passada, dirigindo a bola ao cesto. Vai ao ressalto, agarrando a bola, passando-a ao primeiro colega da fila contrária.

11. Passe e corte 2 a 2, introduzir o seguinte princípio de jogo: quem passa corre em direcção ao cesto para receber mais à frente. (sugerir uma defesa passiva).

12. Dispor os alunos em círculo 5 x 2. Os alunos que formam o círculo fazem passes entre eles. Os 2 alunos interiores tentam interceptar a bola. O aluno que o consiga fazer, troca com o passador que perdeu.

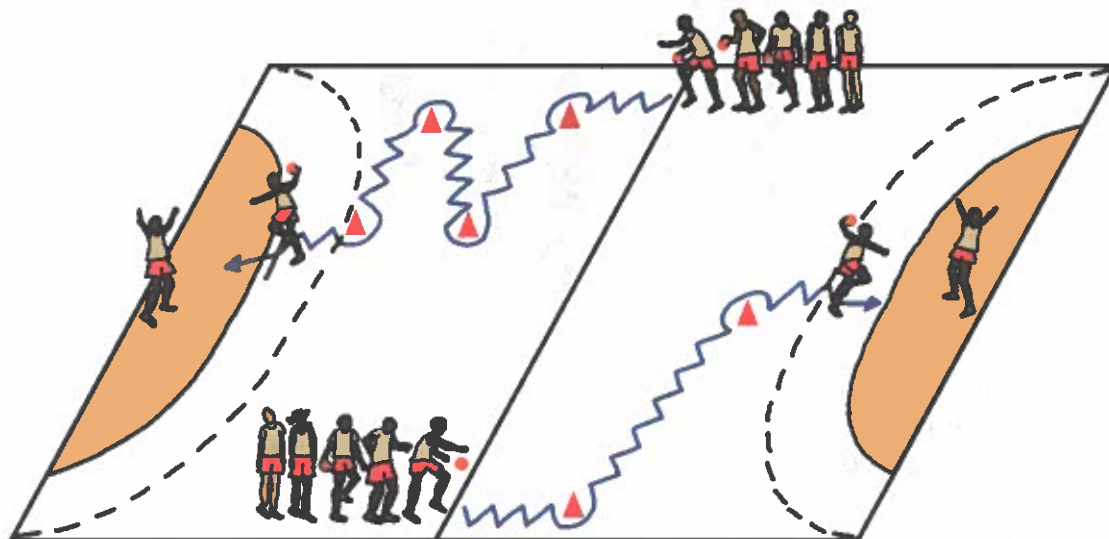
13. Exploração da actividade: situação de grupos de 5 x 5. Colocar equipas de 5 jogadores de ambos os lados do campo iniciar o jogo com bola ao ar. O jogo é arbitrado por 1 ou 2 alunos.

ANDEBOL**Objectivos Específicos nesta Modalidade Desportiva:**

- Adquirir os diversos gestos técnicos elementares específicos da modalidade;
- Executar correctamente as técnicas de jogo;
- Percepcionar o espaço de jogo;
- Executar as posições de base, adaptar-se à bola, manejar a bola com à vontade;
- Executar os elementos técnicos fundamentais (passe, recepção, deslocamentos sem e com bola, mudanças de direcção sem e com bola, remate);
- Conhecer o modo de actuação do guarda-redes;
- Realizar com correcção os elementos técnicos do jogo, ajustando-as às situações do jogo; adequar a execução técnica ao regulamento;
- Desmarcar-se para receber a bola;
- Realizar com correcção e no momento certo os elementos técnicos fundamentais, em exercícios critério e em jogo.

Sugestões Metodológicas:

1. Exercícios de remate em circuito: os alunos estão distribuídos por 2 grupos, onde executam drible, contornando e saltando obstáculos e finalizando com remate em apoio e em suspensão, trocando de grupo no fim de cada exercício.

**2. Jogo de Passes:****Descrição e Objectivo do Jogo:**

Duas equipas formadas por 5 ou 7 elementos, com uma bola num espaço limitado. Os jogadores de uma equipa (X) tentam fazer 10 passes consecutivos entre si, somando pontos, sem que a bola seja interceptada pelos jogadores da outra equipa (O), ou perdida por mau passe ou má recepção.

Regras:

- As equipas (X e O) podem deslocar-se por todo o espaço de jogo;
- A bola é jogada com as mãos;
- Por cada dez passes consecutivos que consiga fazer, a equipa marca um ponto. Quando a equipa marca ponto, a bola é reposta em jogo no centro do campo, pertencendo a bola à equipa que sofreu ponto;
- O jogador em posse da bola só pode fazer dois apoios com a bola na mão (o drible é interdito);
- O contacto físico entre jogadores não é permitido;
- Não é permitido a qualquer jogador tirar a bola das mãos do adversário;
- O jogador com bola, ou a bola, não podem sair dos limites do campo. A bola é reposta em jogo (após ter saído das linhas limites do campo) no local onde saiu, pela equipa contrária à que a tocou em último lugar;
- Sempre que uma equipa perde a posse da bola, por interceptação da equipa contrária, “mau passe” ou “má recepção”, a contagem de passes é anulada e a equipa passa à situação de defesa;
- Qualquer infracção às regras, intencional ou não, é sancionada com a marcação de uma falta e o jogo recomeça com posse da bola da equipa contrária à que cometeu a falta no local da infracção;
- A duração do jogo é determinada por tempo ou número de pontos previamente estabelecido.



3. Situação de jogo reduzido (4 x 4), condicionado e em campo reduzido:
- sem *drible*;
 - só passe picado.

4. Jogo da Rabia

Descrição e Objectivo do Jogo:

Duas equipas com uma bola. Os jogadores de uma equipa (X) tentam fazer o maior número de passes entre si, sem que a bola seja interceptada pelos jogadores da outra equipa (O), ou perdida por mau passe ou má recepção.

Regras:

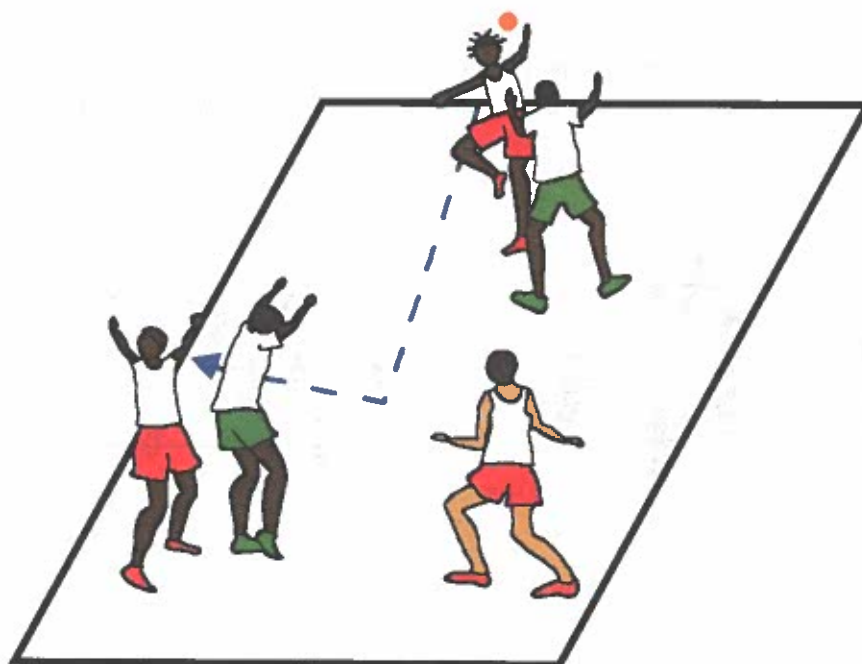
- A equipa que tenta interceptar os passes tem menor número de jogadores;
- As equipas (X e O) podem deslocar-se por todo o espaço de jogo;

- A bola é jogada com as mãos;
- O jogador em posse da bola só pode fazer dois apoios com a bola na mão (o drible é interdito);
- O contacto físico entre jogadores não é permitido;
- Não é permitido a qualquer jogador tirar a bola das mãos do adversário;
- Quando um dos jogadores X consegue interceptar a bola, troca com o jogador que fez o mau passe ou a má recepção;
- A duração do jogo é determinada por tempo previamente estabelecido.



5. Exercício em grupos de 5 alunos, com uma bola (podem formar-se grupos com mais elementos. Os alunos que passam a bola serão sempre em número superior aos que tentam interceptar a bola):

Em espaço delimitado, 3 executam passe picado e os outros 2 tentam interceptar a bola, não a podendo tirar da mão dos colegas. Aquele que falhar o passe troca com o do meio.



6. Jogo “passe ao pivô”

No centro de um espaço delimitado circular, está 1 aluno (“pivô”) num arco, dentro do círculo estão 4 alunos que tentam evitar que o pivô receba a bola dos seus colegas de equipa (4), que estão fora do círculo a trocar a bola entre si até conseguirem passar ao pivô, marcando um ponto. Ganha a equipa que marcar mais pontos em 10 tentativas.



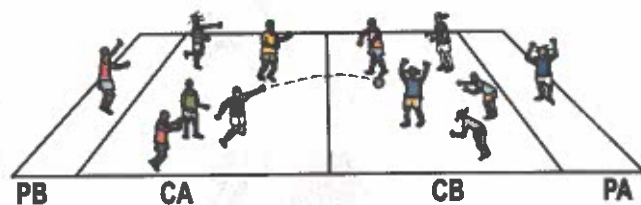
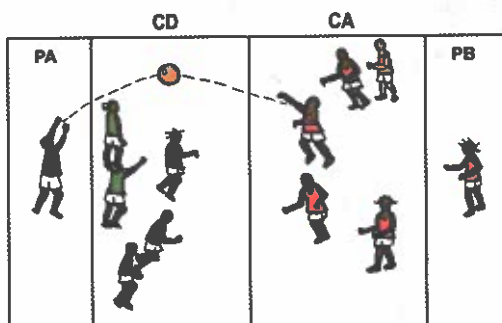
7. Jogo do Mata

Descrição e Objectivo do Jogo

Duas equipas (A e B) com igual número de jogadores, com uma bola ou ringue, num espaço delimitado conforme a figura:

Cada equipa coloca-se no seu meio-campo, (Ca e Cb), com excepção de um jogador que se coloca no respectivo “piolho” (“zona de reserva” ou “campo dos atingidos” na figura, Pa e Pb).

Após trocar a bola através de passe entre os jogadores de campo e o(s) que se encontra(m) no “piolho”, cada equipa procura atingir com a bola todos os jogadores adversários.



Regras:

- A bola é jogada com as mãos;
- O jogo tem início com uma equipa de posse da bola, que a troca através de passes com o jogador que se encontra no seu “piolho”, procurando uma boa situação para

“atingir” directamente com a bola os adversários que se encontram no meio campo (Ca ou Cb);

- Qualquer jogador, quer se encontre no campo principal ou no “piolho” pode tentar “atingir”;
- Os jogadores adversários que se encontram na zona principal do campo, tentam esquivar-se do remate adversário ou agarrar a bola sem a deixar cair no chão. Se a conseguir agarrar pode de imediato tentar “atingir” os jogadores da outra equipa;
- O jogador que é atingido vai para o “piolho”. Os jogadores “atingidos” permanecem na “zona de reserva” até ao final do jogo. O primeiro jogador a ser “atingido” substitui o jogador que lá se encontra desde o início do jogo.
- O jogador “atingido” fica em posse da bola a reinicia o jogo do piolho:
- Só se pode “atingir” quando a bola for agarrada sem tocar antes no chão ou em qualquer obstáculo;
- Não se considera “atingido” o jogador a quem a bola, rematada pelo adversário, acerte na cabeça;
- Sempre que a bola sai dos limites do campo, pertence aos jogadores do piolho ou campo mais próximo, que reiniciam o jogo;
- O jogo termina quando uma equipa conseguir “atingir” todos os adversários.

8. Jogo “mini-andebol”

Num campo reduzido, 2 equipas de 4 elementos têm como objectivo marcar ponto derrubando o cone que está na baliza do adversário, só o podendo fazer se rematarem atrás da linha de área de baliza. A progressão da bola só pode ser efectuada através de passe picado, não podendo devolver ao mesmo, cada jogador pode dar 3 passos em posse de bola.

9. Situação de jogo (5 x 5) em campo reduzido.

ACTIVIDADES RÍTMICAS E EXPRESSIVAS

Neste capítulo o professor deve procurar divulgar e valorizar diversas formas de movimento rítmico-expressivo, levando os alunos a identificar e reproduzir técnicas básicas de alguns tipos de dança.

Devem ser ensinadas as Danças Regionais bem como Rodas Cantadas.

Em relação a estas últimas, sugere-se que se dinamizem as Rodas Cantadas propostas no Manual do 3º e 4º anos, para além de outras que o professor conheça.

ACTIVIDADES DE EXPLORAÇÃO DA NATUREZA

Objectivos Específicos desta Área:

- Integrar habilidades motoras (trepar, correr, saltar, etc.) no contacto com a Natureza e em conformidade com as respectivas características;

- Aplicar o sentido de orientação no espaço, em clima de descoberta;
- Respeitar as regras de segurança e de preservação do meio ambiente;

Sugestões de Actividades

- Percursos e jogos de orientação em corrida e em marcha;
- Campismo, Montanhismo, etc.

**REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CULTURA E FORMAÇÃO**

**ÁREA DAS EXPRESSÕES. DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA.
SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO 5º E 6º ANO**

A Avaliação de cada uma das disciplinas da Área das Expressões é realizada com base em Princípios e Procedimentos idênticos que a seguir se descrevem.

1. OBJECTO DA AVALIAÇÃO

A avaliação incide em duas Dimensões:

E- Empenho / Atitude

Diz respeito à Atitude do aluno face às Tarefas, ao Professor e aos Colegas, nomeadamente, o Empenho e Esforço em Melhorar, a Participação, Assiduidade, Respeito e Responsabilidade.

D- Desempenho / Aprendizagem

Diz respeito à Adequação e Correção com que realiza as tarefas propostas, nomeadamente, quanto ao Desempenho Motor à Coordenação Motora e à Correção técnica com que realiza os movimentos e habilidades motoras do programa.

2. ESCALA DE AVALIAÇÃO

A avaliação / classificação dos alunos é feita na base de uma escala quantitativa que se situa entre Zero e Cem pontos (0 a 100).

A Dimensão E) tem o peso de 60%

A Dimensão D) tem o peso de 40%.

3. PROCEDIMENTOS

3.1. REGISTO:

O Registo das Avaliações é feito numa Grelha de Avaliação.

3.2. PERIODICIDADE:

A Avaliação é Contínua e o Professor avaliará, obrigatoriamente, todos os alunos em 10 momentos distintos ao longo do ano, nas duas Dimensões.

3.3. CLASSIFICAÇÃO:

A Dimensão E) Empenho / Atitude é classificada através de uma escala de Um (1) a Dez (10) pontos.

A Dimensão D) Desempenho / Aprendizagem é classificada, igualmente, através de uma escala de Um (1) a Dez (10) pontos.

CLASSIFICAÇÃO FINAL: No final do ano o professor somará os valores registados nos 10 momentos de avaliação de que resultará a Classificação Final do aluno na disciplina de Educação Física.

Índice

| | |
|-------------------------|----|
| Língua Portuguesa | 5 |
| Educação Visual | 19 |
| Educação Musical | 51 |
| Educação Física | 73 |

SÍMBOLOS DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Hino Nacional

Independência total

Independência total
Glorioso canto do povo
Independência total
Hino sagrado combate

Dinamismo

Na luta nacional
Juramento eterno
No país soberano

De São Tomé e Príncipe

Guerrilheiro da guerra sem armas na mão
Chama viva na alma do povo
Congregando os filhos das ilhas
Em redor da Pátria Imortal

Independência total, total e completa

Construindo no progresso e na paz
A Nação mais ditosa da terra

Com os braços heróicos do povo

Independência total
Glorioso canto do povo
Independência total
Hino sagrado combate

Trabalhando, lutando, lutando e vencendo

Caminhamos a passos gigantes
Na cruzada dos povos africanos
Hasteando a bandeira nacional

Voz do povo, presente, presente em conjunto

Vibra rijo no coro da esperança
Ser herói na hora do perigo
Ser herói no ressurgir do país

Independência total

Glorioso canto do povo
Independência total

Hino sagrado combate

Dinamismo

Na luta nacional
Juramento eterno
No país soberano

De São Tomé e Príncipe

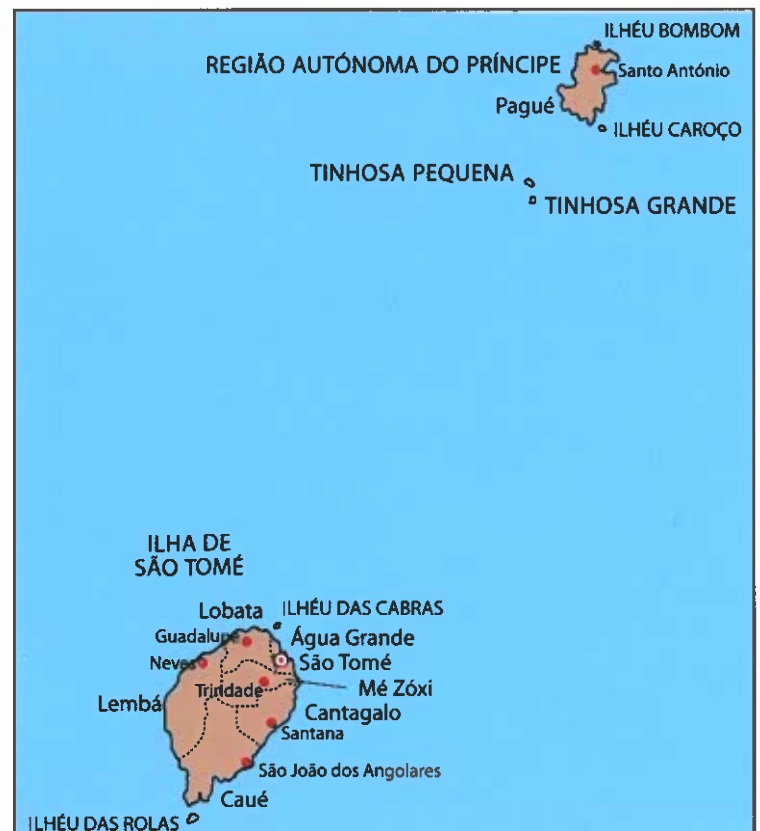
Bandeira



Símbolo



Mapa



Cooperação entre

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, CULTURA E FORMAÇÃO

e



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN